
CPAD
os Sete Castiçais de Ouro
A mensagem final de Cristo à Igreja
Claudionor de Andrade

Na linguagem do Apocalipse, os sete castiçais de ouro representam a Igreja de Cristo. Em seu conjunto, simbolizam a Igreja Invisível e Universal. Individualmente considerados, cada um deles emblema uma igreja local com as suas virtudes e defeitos. Nem todos possuem a mesma resplandecência, mas todos são igualmente valiosos. Se Filadélfia e Esmirna refulgem, Éfeso já não brilha como antes. Sardes está quase apagada. Tiatira e Pérgamo bruxuleiam. E Laodiceia esmaece em sua mornidão.

Entre os castiçais, anda o Cordeiro de Deus. Ele conhece a luz de cada lâmpada. E não ignora quanto azeite possui cada lampadário. Por serem o que são, os candelabros têm obrigação de luzir como luz de um mundo que jaz no maligno. Se não reluzirem como os astros no firmamento, o testemunho do Evangelho é impossível.

A cada uma dessas igrejas, Jesus endereçou uma carta. O seu objetivo é levar os santos a serem mais santos. Foi a última mensagem de Cristo ao seu rebanho. As igrejas atuais são bem semelhantes às da Ásia Menor. Se os seus problemas são os nossos, a solução que o Senhor apontou-lhes também nos pertence. Consideremos, pois, o que o Espírito Santo nos diz nestes últimos dias.

Claudionor de Andrade

3“ Impressão

CPAD

Rio de Janeiro 2012



Dedicatória

As igrejas confessantes e mártires do Egito, da Nigéria, da Coréia do Norte, da China e do Oriente Médio. Onde Esmirna estiver, .*JL* Vw. aí estejam nossos corações e preces.



Prefácio

ão me foi nada fácil terminar este livro. Tive de recorrer à 1 ajuda de Deus, para que me guiasse no assunto e no esti-1 lo. Por isso, diariamente, orava: “A inspiração de cada dia,

dá-me hoje”. E, diariamente, ao descerrar a cortina de minha tenda, lá estava a minha porção cotidiana.

O maná do Senhor jamais me faltou na urdidura dessa obra.

Então, pegava aquele punhado de inspiração, retornava à minha tenda. E, ainda tomado pelo sono, punha-me a urdir o texto. Mas como fiar idéias e palavras? E como tecer os parágrafos que me iam saindo da lançadeira? Eu muito sofri para

estilizar tudo isso num todo harmônico e agradável.

O meu tear não é rico, nem tenho a habilidade dos tapeceiros persas. Por isso, vejo-me constrangido a trabalhar, pacientemente, cada motivo com os fios e linhas que me estão ao alcance. E, assim, vou entrelaçando linhas e fios até que o tema se desenhe.

Na feitura deste livro, contei com a inestimável ajuda de minha esposa, Marta Doreto cie Andrade. Ela, que também é escritora, leu-me pacientemente boa parte desta obra. Aqui, emendou uns fios. Ali, cortou outros. E, mais adiante, fez alguns alinhavos, a fim de que este livro tivesse algum mérito.

Agradeço, ainda, à professora Daniele Pereira Soares pela padronização editorial desta obra. Ela teve o cuidado de zelar pela integridade do texto até a sua editoração final.

Concluo este prefácio com as palavras iniciais dos filhos de Corá no Salmo 45: “Ao Rei, consagrado o que compus”. Oro para que este livro venha a edificar a Igreja de Cristo em todos os lugares até à sua vinda.

A Deus, toda a glória.

Janeiro de 2012. Claudionor de Andrade



Sumário



1

Uma Visita à Ilha de Patmos

O sol despontava gentil no horizonte, quando me pus a percorrer a Ilha de Patmos. Observando-lhe a paisagem que emergia da última vigília, concluí que pouca coisa deve ter mudado desde que Roma ali encerrara o apóstolo João. Embora sonolento, não me demorei a cruzar essa fatiazinha de terra inculta e erma que o Egeu, diplomática e jeitosamente, apartara das costas da Turquia. As casas não eram muitas e os edifícios ainda podiam ser contados. Umas rodovias, sinuosas e orvalhadas, riscavam o chão cinzento e melancólico da ilha.

Em que recanto de Patmos os romanos mantiveram recluso o discípulo do amor?

Isso pouco importa. A ilha toda é uma reclusão.

Embora a vista aérea do terreno não fosse nítida, notei que os seus contornos lembravam um dos navios que o cruel Diocleciano emperrara no mar de Ulisses. Lá estava um barco sem partida e sem chegada. Um barco sem vela e sem leme. No céu, nenhuma estrela a orientá-lo.

A ilha não carece de muros, nem de grades para apenar seus prisioneiros. Sua paisagem já é uma penitência. Mas João não se queixa nem se intimida. Abandonado aí por desafiar os deuses do império, prosse-

gue a apregoar um valor mais alto do que César. Um valor infinito e soberano que, revelando-se no Oriente, desabria-se agora no Ocidente.

A geografia da penitência

A Patmos que vejo acha-se atualmente sob o controle da Grécia e dista 55 quilômetros da Turquia. Sua prefeitura localiza-se num lugarejo denominado Hora. Acomodada no arquipélago do Dodecaneso, ocupa uma área de 34,6 km^2, e abriga uma população de cerca de três mil habitantes.

Patmos divide-se em duas partes quase iguais: uma no lado noi te e outra na banda do sul, ligadas por um istmo acentuadamente estreito. De vegetação modesta, relevam-se nela montes não muito altos. O mais elevado é o Profitis Ilias, com 269 metros. Em 1522, Patmos passou a ser controlada pelos turcos otomanos até que, em 1912, os italianos apoderaram-se da ilha. Terminada a Segunda Guerra Mundial, ela foi entregue à Grécia.

Uma ilha estranhamente bela

Esforcei-me por divisar com mais clareza o relevo da ilha. Não consegui. O Google Maps deixou-se cobrir por umas nuvens escuras e u is tes. O que vi, porém, foi o bastante. Patmos continua deséitica c sem cor. Não possui a beleza que, adormecida nos antigos poemas, ainda estonteia e seduz os argonautas. Apesar de sua plangência, três continentes avizinham-se aqui: a Europa, a África e a Ásia. Nas águas que a cercam, muitas civilizações se esbateram até que vieram a desapaiecei.

Patmos não é bela. Sua fealdade, entretanto, embeleza-se nas páginas do Apocalipse. Foi desse chão sem cores e quase desnudo, que o Evangelista viu a

Cidade do Senhor. Dos céus, a Jerusalém Geleste descera qual noiva que se orna e plena de júbilo vai ao encontro do amado.

A importância profética de Patmos

Buscando conciliar o sono, transporto-me novamente a Patmos. Sob as asas da profecia de João, viajo no tempo para conhecei a etei ni-dade. Vejo cair os impérios. Desde Babel até à Babilônia do Anticristo, os reinos deste mundo põem-se a ruir com grande estrondo, um após outro, sob o impacto daquela pedra que Nabucodonosor vira dar nos pés da gigantesca e formidável estátua.

Acádia, Suméria e Egito já não são impérios. São pó e cinza que os arqueólogos, com paciência e cuidado, removem em suas escavações. Aqui, urn tablete acádio descreve as proezas de Ninrode. Ali, os cacos de um vaso sumério cantam as loucuras de Ur-Nungal. Mais ao ocidente, já nas imediações do Cairo, um acadêmico, manejando as ferramentas da paleontologia, esforça-se por reconstruir o Egito que um dia Mcnés ediíicou.

Mais ao oriente, alguns arqueólogos cavam um terreno onde, por volta do sexto século antes do advento de Nosso Senhor, florescera a soberba e orgulhosa Babilônia. Seus edifícios, dantes tão exaltados, escondem-se agora nos escombros que os acadêmicos buscam classificar, E na terra hoje ocupada pelo Iraque, as civilizações cmpoeiram-se e acinzentam-se. Aliás, quem poderia cismar que justamente aqui, entre os rios Tigre e Eufrates, ficava o Eden? Hoje, o paraíso aqui é impossível.

Voando cm direção ao Ocidente, contemplo a velha Grécia. Educada na lógica de Aristóteles, deseducou-se incongruente e louca. Neste canto, jazem as ruínas do Areópago, onde ainda ressoa o discurso com que Paulo desconstruiu os argumentos dos estoicos e epicureus. Naquela colina, esrá o que resrou do Panteón. Aqui, mostram-se os gregos politicamente corretos: adoram todos os deuses. Afinal, precisavam das graças de todos eles. Uns já não têm braços. Outros perderam a cabeça. E todos, igualmente, acham-se desgastados pelo tempo. Somente o Deus Desconhecido sobrevive aos escombros.

Os sítios arqueológicos também são abundantes nesses locais. Vejo, entre as escavações e os sulcos que retalham a herança de Javã, um grupo de turistas americanos. O guia mostra-lhes o local onde, presumivelmente, ficava a academia de Platão e o liceu de Aristóteles.

Voltei o olhar para a Ilha de Patmos antes de fechar o iPad. Lá estava ela descolorida e feia. Mas foi justamente aí, em meio a formações vulcânicas tão singulares, que os céus se abriram ao apóstolo e ele teve visões de Deus. Num recanto tão desprovido de beleza, ele viu o Cristo glorificado em meio aos sete castiçais de ouro.

Os sete castiçais de ouro

Na linguagem do Apocalipse, os sete castiçais de ouro representam a Igreja de Cristo. Em seu conjunto, simbolizam a Igreja Invisível e Universal. Individualmente considerados, cada um deles emblema uma

igreja local com as suas virtudes e defeitos. Nem todos possuem a mesma resplandecência, mas todos são igualmente valiosos. Se Filadélfia e Esmirna refulgem, Éfeso já não brilha como antes. Sardes está quase apagada. Tiatira e Pérgamo bruxuleiam. E Laodiccia esmaece em sua mornidão.

Entre os casticais, anda o Cordeiro de Deus. Ele conhece a luz de cada lâmpada. E não ignora quanto azeite possue cada lampadário. Por serem o que são, os candelabros têm obrigação de luzir como luz de um mundo que jaz no maligno. Se não reluzirem como os astros no firmamento, o testemunho do Evangelho é impossível.

A cada uma dessas igrejas, Jesus endereçou urna carta. O seu obje-rivo é levar os santos a serem mais santos ainda. Foi a última mensagem de Cristo ao seu rebanho. As igrejas atuais são bem semelhantes às da Ásia Menor. Sc os seus problemas são os nossos, a solução que o Senhor apontou-llies também nos pertence.

Consideremos, pois, o que o Espírito Santo nos diz nestes últimos dias.



2

Éfeso, a Igreja do Amor Esquecido

•

Introdução

Já imaginou ouvir todos os domingos o maior teólogo do Cristianismo? Ou as homílias do homem que se reclinou sobre o peito de Jesus? Na igreja de Éfeso, isso era possível. Estabelecida por Paulo e pastoreada por João, ela foi assistida ainda por dois outros excelentes obreiros: Timóteo e Tíquico. Congregar em Éfeso equivalia a um pós-doutorado em teologia. A igreja capacitara-se, inclusive, a sabatinar os que a procuravam com credenciais apostólicas.

Éfeso era a igreja teológica por excelência.

No entanto, ela enfrentava um sério problema. Já não se lembrava do amor que, nos seus esponsais, prometera c consagrara ao Cordeiro de Deus. Mas como isso lhe veio a acontecer? Não a edificara o doutor dos gentios? E não estivera em seu pastoreio o discípulo do amor? Então, por que a perda da memória espiritual? As admoestações do Espírito Santo já não lhe vibravam as cordas da alma?

A fim de reavivar-lhe as primeiras lembranças, Jesus envia-lhe uma carta, ultimando-a a retornar ao primeiro amor. Nas entrelinhas, deixa-

lhe o Senhor bem patente: na vida cristã, só o primeiro amor c admissível. O segundo pode ser tudo, menos amor.

I. ÉFESO, A GUARDIÃ DA DEUSA DIANA

Há mais de dois míl anos, uma brilhante cidade de origem grega florescia no território da atual Turquia: a borbulhante e irriquieta Éfeso. Seu duplo ancoradouro e as rotas comerciais, que confluíam em seus termos, levaram-na a erguer-se como a principal metrópole da Ásia Menor. Por isso, os romanos houveram por bem elegê-la como a capital proconsu-lar do império naquela região, pois a cidade dava-llies amplo acesso aos mares Egeu e Mediterrâneo. Éfeso dcstacava-se também por sua economia, cultura e por ser a guardiã do santuário de Diana. Ela era afamada, igualmente, por suas escolas dedicadas às ciências ocultas e à magia. No período apostólico, sua população girava em torno de quinhentos mil habitantes.

Terra natal do filósofo Heráclito (540-470 a.C.), Éfeso era rica em livros. Sua biblioteca tinha um acervo de doze mil rolos; um acervo valioso se levarmos em

conta o preço dos livros naquela época. Ali também havia uma grande e influente comunidade judaica que, apesar de sua oposição ao Evangelho, ajudou a divulgar o monoteísmo hebreu através de suas sinagogas e de seu intenso proselitismo. O que mais destacava a cidade, porém, era a sua vocação como guardiã de Diana.

Tendo em vista a localização estratégica de Éfeso, o apóstolo Paulo escolheu-a como base de sua obra missionária.

1, A guardiã de Diana. De acordo com a lenda, a cidade recebera, do Olimpo, a incumbência de custodiar o santuário dc Diana. Construído no século VI a.C. pelo arquiteto cretense Quersifrão, o templo era sustentado por 127 colunas de mármore, com 20 metros de altura cada uma. Dois séculos depois, o edifício seria destruído por um incêndio. Alexandre III, da Macedônia, a fim de ganhar as graças da cidade, pôs-se a reerguê-lo. Mas a sorte da casa de Diana já estava selada. Em 262 a.C., ela foi arrasada e não houve quem se animasse a ajuntar-lhe as pedras. De seu primitivo esplendor, resrou apenas uma coluna que, emudecida, chora a desdita da grande deusa. Além de Diana, conhecida também como Ártemis, outras deusas eram adoradas em Éfeso: Epistemé, a rainha da ciência, e Sofia, a patrona da sabedoria.

Com a chegada dc Paulo à cidade, boa parte dos efésios começa a perceber a nulidade de seu ídolo. Arrependidos e envergonhados, voltam-se ao Deus único e verdadeiro.

2. **Os concílios** de **Éfeso.** O Primeiro Concilio de Éfeso, realizado nas dependências da Igreja de Maria, foi convocado pelo imperador Teodósio II. Marcado por sérios confrontos e recriminações, o concilio acabou por condenar o nestorianismo, o arianismo e o sabelianismo. O conclave é reconhecido como o Terceiro Concilio Ecumênico. Duzentos e cinquenta bispos fizeram-se presentes.

Reunido em 449, o Segundo Concilio de ldeso não teve caráter ecumênico e terminou por reabilitar a Eutiques, promotor do monofisismo. Suas decisões seriam revogadas pelo Papa Leão I c pelo Primeiro Concilio Ecumênico de Calcedônia.

3. A decadência de Éfeso. No quarto século da era cristã, os godos invadiram Éfeso, queimaram-lhe os monumentos e dispersaram-lhe parte dos habitantes.

As pedras de seus palácios e templos, transportadas a Constantinopla, ajudaram a arrematar a Igreja de Santa Sofia. Em 1.308, os turcos conquistaram-na e exilaram os que ainda lhe choravam a sorte. Hoje, ela é conhecida como Éfes. Através do Google Maps, é possível ver o que lhe sobrou do coliseu e dos palácios oucrora tão magníficos.

Efcso recepcionou muitos visitantes ilustres. Alexandre, o Grande, c Cleópatra foram apenas alguns deles. Segundo a tradição, na cidade teria vivido Maria, mãe de Jesus, na companhia do apóstolo João.

II. PRIVILÉGIOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS DA IGREJA EM ÉFESO

Paulo levou o Evangelho a Éfeso durante a sua segunda viagem missionária (At 18.19). Mas foi somente a partir da terceira que a igreja começaria a frutificar na cidade de Diana. Nessa ocasião, o apóstolo encontra um grupo de discípulos que, embora sinceros e fervorosos, conheciam apenas os rudimentos da doutrina cristã. Seu obscurantismo era tal que ignoravam até mesmo a existência do Espírito Santo. A narrativa de Lucas é bem esclarecedora por mostrar a diversidade das comunidades cristãs na época apostólica:

Aconteceu que, estando Apoio em Corinto, Paulo, tendo passado pelas regiões mais altas, chegou a Éfeso c, achando ali alguns discípulos, perguntou-lhes: Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes? Ao que lhe responderam: Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito San to. Então, Paulo perguntou: Em que, pois, fostes batizados? Responderam:

No batismo de João. Disse-lhes Paulo: João realizou batismo de arrependimento, dizendo ao povo que cresse naquele que vinha depois dele, a saber, em Jesus. Eles, tendo ouvido isto, foram batizados em o nome do Senhor Jesus.

E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam. Eram, ao todo, uns doze homens.

(At 19.4-7, ARA)

1. A chegada do Reino de Deus a Éfeso resultou num grande avi-vamento. Houve batismos com o Espírito Santo, curas divinas e muitas conversões (At 1 9). Os santeiros da cidade logo perceberam estarem contados os dias de Diana:

Senhores, sabeis que deste ofício vem a nossa prosperidade c estais vendo e ouvindo que não *só* em Éfeso, mas em quase toda a Ásia, este Paulo tem persuadido e desencaininhado muita gente, afirmando não serem deuses os que sáo feitos por mãos humanas. Náo somente há o perigo de a nossa profissão cair em descrédito, como também o de o próprio templo da grande deusa, Diana, ser estimado cm nada, e ser mesmo destruída a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo adoram. (Ar 19-25-27)

Por isso, puseram-se a gritar: “Grande é a Diana dos efésios!” (At 19.28). Apesar de toda a oposição, a Igreja prosperou em Éfeso como a agência por excelência do Reino de Deus.

2. A igreja perfeita. Localmente, não existe igreja perfeita. No entanto, quando lemos a Epístola de Paulo aos Efésios, somos levados a crer que houve uma exceção. Além de viver nas regiões celestiais, a igreja em Éfeso possuía um ministério completo (Ef 1.3; 4.8-11). Seu preparo bíblico e teológico era único. Afmal, desfrutara o privilégio de ter como mestre, durante três anos, o maior teólogo do Cristianismo (At 20.31). Nesse período, Paulo expôs-lhe todo o conselho de Deus (Ar 20.27). Pode haver um curso bíblico mais completo? E a carta que lhe endereçou o apóstolo? (Ef 1.1-5) Os efésios haviam se doutorado na Palavra de Deus,

3. **O problema** de **Éfeso.** A igreja em Éfeso, corno embaixadora do Reino de Deus, levara o império das trevas à ruína. Todavia, apesar de sua vocação eterna, deixou que o tempo íhe desgastasse o amor. Já absorta em seu ativismo, ia eta, paulatinamcnte, esquecendo os madrigais

que ourrora consagrara a Cristo. Buscando envia Jesus uma carta enérgica ao seu pastor, ultimando-a a reaver sua primazia espiritual.

reavivar-lhe o fervor inicial, a quem Jesus chama de anjo.

III. PASTOR; O ANJO QUE É HOMEM

Ao anjo cia igreja em Éfeso. (Ap 2.1, ARA)

Os pastores são chamados assim pelo Senhor, porque, à semelhança dos anjos, têm eles as seguintes tarefas junto à Igreja de Cristo:

1. Transmitir a Palavra de Deus. Como anjo do rebanho, o pastor tem como

incumbência primaz: fazer a obra de um evangelista (2 Tm 4.5), anunciar todo o desígnio divino (At 20.27), falar o que convém à sã doutrina (Tt 2.1), pregar, redarguir, repreender e exortar (2 Tm 4.2).

2. Custodiar o rebanho de Cristo. Assim como o Anjo do Senhor guardava a Israel no deserto, assim tem o pastor a obrigação de custodiar o rebanho de Cristo durante a sua peregrinação à Jerusalém Celeste (Nm 20.16; 1 Pe 5.2). Nossa responsabilidade é pessoal, urgente e intransferível, conforme exorta Paulo aos anciãos de Éfeso:

Atendei por vós e por todo o rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a Igreja de Deus, a qual ele comprou com o seu próprio sangue. Eu sei que, depois da minha partida, entre vós penetrarão lobos vorazes, que não pouparão o rebanho. E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens falando coisas pervertidas para arrastar os discípulos atrás deles. (Ar 20.28-30, ARA)

3. **Agir com sabedoria e discernimento.** Se um anjo dc Deus é elogiado pelo saber, por que não se destacará o obreiro pela prudência, discernimento e ciência das coisas divinas? Cabricl, p>or exemplo, era um excelente intérprete dos mistérios divinos e um visitador amável e eficiente (Dn 8.16; Lc 1.19,26). Que o nosso falar demonstre sempre a sabedoria divina. Se esta nos falta, busquemo-la em Deus. É o que nos aconselha Tiago: [tk]Sc, porém, algum de vós necessita de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá liberalmente e nada llies impropera; e ser-lhe-á concedida" (Tg 1.5, ARA). Não agiu assim Salomão em Gibeoni? (1 Rs 3.1-15)

4. Portar-se com dignidade e santa distinção. No Antigo Testamento, um homem dc Deus era, às vezes, confundido com um anjo, e um anjo, não raramente, era tido como homem de Deus (Jz 13.6).

Tanto um quanto o outro sobressaíam por um porte digno e nobre. Aliás, não havia título mais alto e mais insigne (2 Rs 4.9). Moisés, por exemplo, é reconhecido por vários e elevados títulos: profeta, legislador, libertador dos hebreus. Contudo, o que mais o honrava era ser reconhecido como homem de Deus (Dt 33.1), Portanto, o pastor destacar-se-á sempre pela distinção. Eie trata a todos com respeito e consideração (1 Tm 5.1,2). No relacionamento com o sexo oposto, é cuidadoso e ajuizado. Se lida com dinheiro, é orientado por uma ética alta e louvável. Ele não se irrita quando presta contas. Sabe liderar, porque

aprendeu a ser liderado. E apesar de homem, vive e se conduz como anjo.

5- 'ler o espírito tle servo. Nos céus, as hostes angelicais alegremente cumprem a vontade divina. Nenhum anjo levanta-se contra uma ordem divina nem a toma por indigna. Para anunciar o nascimento de Jesus, prontifica-se Gabriel. E com a mesma presteza e júbilo, apresenta-se o Anjo do Senhor, para barrar a jumenta de Balaão.

Que os pastores, pois, imitemos aquele a quem todos os anjos adoram. Embora tenha a terra por escabelo, curvou-se como servo a lavar os pés aos discípulos, sendo de todos eles Rei e Senhor.

6. Comportar-se com mansidão, coragem e reverencia. Miguel é o principal dos anjos (Dn 10.13). Todavia, ao disputar o corpo de Moisés com Satanás, portou-se nobremente conforme revela Judas:

Contudo, o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo e disputava a respeito do corpo de Moisés, não sc atreveu a proferir juízo infamatòrio contra ele; pelo contrário, disse: O Senhor te repreenda! Estes, porém, quanto a tudo o que não emendem, difamam; e, quanto a tudo o que compreendem por instinto natural, como brutos sem razão, acé nessas coisas se corrompem.

(Jd 1.9,10, ARA)

O arcanjo soube como se conduzir naquele embate. Em vez de cobrir de afrontas o adversário, repreendeu-o em nome do Senhor. Ele houve-se com autoridade e correção, a fim de honrar o que o enviara àquela delicadíssima missão.

Portanto, ao repreender o Diabo, não usemos de impropérios. Sigamos o conselho do Senhor: “Em meu nome, expelirão demônios” (Mc 16.17, ARA). Sc lançarmos afrontas e injúrias no demônio, estaremos fazendo o jogo do Adversário, que nunca dispensou uma presepada.

IV. JESUS APRESENTA-SE À IGREJA EM ÉEESO

Estas coisas diz aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro. (Ap 2.1, ARA)

Ao pastor da igreja em Éfeso, apresenta-se Jesus como “aquele que conserva na mão direita as sete estrelas e que anda no meio dos sete candeeiros de ouro”.

Contemplados conjuntamente, os candelabros representam a Igreja Invisível e Universal, individualmente vistos, cada um deles simboliza uma igreja local. Mas quer coletiva, quer separadamente, todos pertencem ao Senhor que, desenvolto e soberano, entre eles caminha. Jesus demonstra, assim, ser a cabeça da Igreja. Portanto, que ninguém se arrogue como dono de seu rebanho, mesmo que seja por Ele tratado dc anjo.

O anjo é da igreja, mas a igreja não é do anjo.

Ao delimitar a eclesiologia do Novo Testamento, escreve Paulo aos efésios:

E ele mesmo concedeu uns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas e outros para pastores e mestres, com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a edificação do corpo de Cristo, até que todos cheguemos à unidade da fé e do pleno conhecimento do Filho de Deus, à perfeita varonilidade, à medida da estatura da plenitude dc Cristo. (Ef 4.11-13, ARA)

Os ministros, por conseguinte, são um dom que o Senhor Jesus concede à sua Igreja, visando ao crescimento dos fiéis.

Embora houvesse estabelecido muitas igrejas, o apóstolo sabia que nenhuma delas lhe pertencia. Aliás, nem cie mesmo se pertencia. Humildemente confessa aos coríntios: “Portanto, ninguém se glorie nos homens; porque tudo é vosso: seja Paulo, seja Apoio, seja Cefas, seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós, de Cristo, e Cristo, de Deus (1 Co 3.21-23, ARA). O mesmo se aplicava à congregação do Senhor no Antigo Testamento. Davi pertencia a Israel, mas Israel não pertencia a Davi; era herança e possessão do Senhor (1 Sm 26.19).

Lembremo-nos, outrossim, da exortação sempre consentânca de Pedro:

Aos presbíteros que estão entre vós, admoesto eu, que sou também presbítero com eles, e testemunha das aflições de Cristo, e participante da glória que se há de revelar: apascentai o rebanho de Deus que está entre vós, tendo cuidado dele, não por força, mas voluntariamente; nem por torpe ganância,

mas <ie ânimo pronto; nem como tendo domínio sobre a herança de Deus,

mas servindo de exemplo ao rebanho, E, quando aparecer o Sumo Pastor,

alcançareis a incorruptível coroa de glória, (1 Pe 5.1-4)

Embora incensado como príncipe da Igreja, exorta Pedro aos presbíteros que não a considerem sua, nem sobre ela exerçam domínio.

A Igreja é de Cristo e Cristo é da Igreja. A mesma relação, porém, não se aplica aos pastores. Somos apenas servos e acompanhantes dessa lindíssima jovem que, apesar desses dois mil anos percorridos, faz-se boje mais bela do que a Sulamita dos Cantares. Assim como Eliezer limitou-se a conduzir Rebeca a Isaque, proporcionando-lhe conforto e segurança, assim devemos agir em relação à Igreja. Ele tem ciúmes por ela e tudo fará para que ela lhe chegue pura, imaculada e sem rugas (Tg 4.5; Ef 5.27). Ao descrever a íntima comunhão entre o Senhor e a sua Igreja, escreveu Richard Sibbes: “Cristo é o Rei de sua Igreja, e a Igreja é a maior rainha do mundo”.

Além de caminhar entre os candeeiros, o Senhor Jesus traz sete estrelas em sua destra: os obreiros que se afadigam no pastoreio de sua Igreja. Se os candelabros devem brilhar, as estrelas, por serem estrelas, têm a obrigação de resplandecer “corno o fulgor do firmamento” (Dn 12.3). Aparentemente, fifeso era a estrela mais brilhante da Ásia Menor. Pelo menos, era o que indicava o currículo dc seu pastor.

V. UM CURRÍCULO DE EXCELÊNCIA

Conheço as tuas obras, tanto o teu labor como a tua perseverança, e que não podes suportar homens maus, e que puseste à prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos; e tens perseverança, e suportaste provas por causa do meu. nome, e não te deixaste esmorecer. (Ap 2.2,3, ARA)

Se uma igreja pode ser medida pelo currículo de seu pastor, Efeso era incomparável. Distinguido com a dificílima incumbência de suceder a João, num púlpito já ocupado por Paulo, saíra-se admiravelmente bem. Suas qual idades eram tão únicas, que o próprio Cristo veio a elogiá-las. Enumerando-lhe as virtudes e serviços, diz-lhe o Senhor: “Conheço as tuas obras” (Ap 2.2, ARA). O verbo grego *eidõ* não significa apenas conhecer; denota também as seguintes ações: discernir, examinar e inspecionar.

Somente Jesus pode desnudar-nos o cerne de cada obra. Ele não se limita à periferia de nossos feiras. Discernindo-lhes a natureza, avalia-os pelo reto juízo.

Aos olhos humanos, o pastor da igreja em Éfeso era a própria perfeição. Aos de Cristo, porém, aquela perfeição, para ser completa, ainda necessitava de um pequeno, mas imprescindível ajuste. Todavia, justo como é, não deixa de reconhecer as realizações e trabalhos daquele admirável obreiro.

1. Um ministério marcado pelas boas obras, Se o pastor de Éfeso vivesse em nossos dias, já teria recebido alguns doutorados em divindade, em virtude de suas boas obras. Ele se dava em sacrifício ao próximo, porque entendia que o verdadeiro evangelho náo se restringe ao púlpito. Mas, transcendendo o templo, vai em busca dos que anseiam pelo pão do céu e desmaiam por não terem o pão da terra. Se o Cristianismo é impossível sem fé, c inviável sem as boas obras.

2. Labor extenuante e intenso. O labor do anjo de Éfeso vinha ultrapassando rodos os limites da resistência humana (Ap 2.2). .Se fizermos a exegese do vocábulo grego *kopos,* viremos a constatar: o seu esforço, havendo já transcendido as raias da extenuação, encontrava-se, agora, nas fronteiras da autoimolaçao. Se fosse preciso, daria ele a própria vida pelo Reino de Deus. Ele gastava-se e deixava-se desgastar pela causa do Evangelho.

Que o labor eclesiástico náo se transforme em ativismo. Esforcemo-nos pelo Reino, mas náo nos desmemoriemos do Rei. Se colocarmos a obra de Deus acima do Deus da obra, acabaremos por destruir o nosso ministério. Que lição tiraremos daqui? Por mais que nos entreguemos à seara do Mestre, não nos esqueçamos do Mestre da seara. Não estou sugerindo que descansemos as mãos. Afinal, não sabernos que semente prosperará. .Se esta, ou se aquela. Ou se ambas, conjuntamente. Mas, ainda que o trabalho nos venha a extenuar todas as forças, não temos de perder a perspectiva do Reino de Deus. Que em nossa agenda, tenha o Senhor Jesus toda a primazia.

3. **Perseverança, a virtude dos grandes heróis.** Além de exaurir-se pela Igreja de Cristo, o pastor de Éfeso portava-se com a virtude que transforma simples mortais em celebrados heróis: a perseverança (Ap 2.2). No grego, a pala vra ressoa epicamente: *hupomone.* Somente os grandes varões do universo de Homero, como Heitor e Aquiles, detinham semelhante

qualidade. Foi por isso que o poeta, mítologizando-lhes a humanidade, divinizou-os.

Sabia o Senhor Jesus que o seu obreiro, embora homem, esforçava-se mais do

que os guerreiros da 1 liada. Estes haviam lutado contra a carne e o sangue; aquele enfrentava as potestad.es do inferno nos lugares celestiais. Náo foi por acaso que Paulo, em sua Epístola aos Efésios, recomenda-nos a armadura do Espírito: a única defesa eficiente contra o mal e o único ataque eficaz contra o Maligno (Ef 6.14).

4. O combate aos maus. O pastor de Éfeso não recuava ante a adversidade. O próprio Cristo reconhece-lhe o espírito guerreiro: “Náo podes suportar homens maus” (Ap 2.2, ARA). Bom soldado que era, movia-lhes uma guerra que não reconhecia tréguas nem armistícios. Sua espada jamais descansava na bainha. O substantivo grego usado por João, para qualificar os adversários da obra de Deus, *é* bastante revelador. O termo *kakos* descreve alguém Irreparavelmente maligno, pernicioso e destrutivo. Como não podia tolerar gente com tais adjetivos, o pastor de Éfeso jamais repousava a espada.

Invisivelmente, batia-se com o Diabo. Sociologicamente, lutava contra posturas e costumes que, apesar de licenciosos, eram prezados como herança cultural. Legalmente, assestava as armas em direção aos decretos imperiais que, debochando das reivindicações do Criador, impingiam a todos o culto à criatura. E, teologicamente, via-se às voltas com os que, de modo sutil, torciam os artigos todos da santíssima fé.

5. Excelência teológica. Cobiçando as ovelhas do Senhor, os negociantes das coisas sagradas imiscuíam-se entre os fiéis. E para comercializá-las no mercado da fé, que naquele tempo já era considerável, arrogavam uma autoridade superior à do colégio apostólico. Na Segunda Epístola aos Coríntios, Paulo denuncia-os com redobrada energia: “Porque os tais são falsos apóstolos, obreiros fraudulentos, transformando-se cm apóstolos de Cristo. E não é de admirar, porque o próprio Satanás se transforma em anjo de luz” (2 Co 11.13,14, ARA).

Os maus obreiros náo se limitaram a Corinto. Em Éfeso, chegaram eles com o mesmo intuito: roubar, matar e destruir. Mas assim como na primeira cidade foram batidos pelo doutor dos gentios, na segunda, viram suas asas cortadas por alguém que sabia manejar, cora singular habilidade, a espada da sá doutrina. A excelência teológica do anjo de

Éfeso é reconhecida pelo Senhor: “Puseste à. prova os que a si mesmos se declaram apóstolos e não são, e os achaste mentirosos” (Ap 2.2, ARA).

O pastor de Éfeso era íntimo das Escrituras. Interpretando-as com admirável correção e equilíbrio, era capaz de distinguir a verdade do erro. Assemelhava-se ao escriba que, dos tesouros divinos, sabia como extrair tanto os arcanos dos profetas como as revelações dos apóstolos que, naquele instante, consumavam-se com o Apocalipse de João. O anjo de Efcso, renunciando o academicismo frio e insensível, avultava-se como um teólogo peregrino e mui precioso.

Ele não se impressionou com os supostos apóstolos. Prudente e avisado que era, pò-los de imediato à prova, a fim de apurar-lhes a identidade, a postura, as referências pessoais e eclesiásticas e o posicionamento doutrinário. Somente a ortodoxia não basta; demanda-se também a orto-praxia. Uma não pode caminhar sem a outra. Se agíssemos assim, não estaríamos a acolher, no redil do Senhor, mercenários e apóstatas. Vejamos, pois, como aferir a autenticidade de um apóstolo.

Ortodoxia doutrinária. Antes de mais nada, que o pretenso apóstolo professe a doutrina dos santos profetas e dos apóstolos do Senhor — as verdades do Antigo e do Novo Testamento (At 2.42). Não agia assim Paulo, o doutor dos gentios? Em momento algum de seu ministério, buscou revelações extravagantes ou ensinos exóticos.

Embora chamado diretamente pelo Senhor, somente foi comissionado como apóstolo, após a Igreja, primeiro em Jerusalém, e depois em Antio-quia, haver-lhe comprovado a conversão, o testemunho e o chamamento. Se em Ancioquia, recebeu a imposição de mãos, em Jerusalém, os apóstolos do Cordeiro chancelaram-lhe o apostolado (Ar 13.1-3; 15.22-30).

Paulo jamais prevaleceu-se do fato de o próprio Senhor o haver vocacionado, nem por ter sido ungido como apóstolo pelo Espírito Santo. Sua doutrina recebeu o explicito apoio do decano dos apóstolos: “Por

essa razão, pois, amados, esperando estas coisas, empenhai-vos por serdes achados por ele em paz, sem mácula e irrepreensíveis, e tende por salvação a longanimidade de nosso Senhor, como igual mente o nosso amado irmão Paulo vos escreveu, segundo a sabedoria que lhe foi dada, ao falar acerca destes assuntos, como, de fato, costuma fazer em todas as suas epístolas, nas quais ha certas coisas difíceis de entender, que os ignorantes e instáveis deturpam, como também deturpam as demais Escrituras, para a própria destruição deles’ (2 Pe 3.14-16). Se alguém não traz a sã dou-

trina, que seja anátema (G1 1.8). Ainda que realize milagres e faça sinais e maravilhas, que jamais receba a destra de nossa comunhão.

Comportamento exemplar. Como é a postura desses imaginados apóstolos? Respeitam as ovelhas? Ou andam, de redil em redil, espoliando a boa fé dos irmãos? Eles não se afastam dos apriscos. Torcem a doutrina, fabricam revelações c inventam visagens. E como multiplicam o seu patrimônio pessoal. Não satisfeitos, semeiam cnLre os fiéis adultérios, prostituições, mentiras e roubos. Um apóstolo de verdade não age assim. Ele tem cuidado de si mesmo e da doutrina que prega.

Sabendo quão deletérios eram esses marginais, o pastor de Éfeso fazia questão de lhes conferir pessoalmente a autenticidade apostólica.. Ele não se impressionava com títulos, nem se intimidava com a oratória dos que, dizendo-se querubins, agiam como velhos diabos. O anjo da igreja em Efeso não temia a ninguém; sua coragem levava-o a suportar duríssimas provações.

6, Suportando o **insuportável.** Como suportar o insuportável? Talvez Odisseu tenha a resposta. Depois da guerra de Troia, o sábio e prudente rei, cujos conselhos levaram os gregos a um imerecido triunfo, empreende o retorno à sua aprazível ítaca. Nessa ilhazinha do Mar Jôni-co, por ele suspirava a fiel e bela Penélope. A sua viagem duraria dez anos como dez anos durou a guerra contra o bravo Heitor. Em seu retorno, Odisseu enfrenta o mar, o canto enganoso das sereias, a estupidez do Ciclope e as forças do mundo subterrâneo. Nem o próprio Netuno foi capaz de conter-lhe as velas. Ignorando todos esses percalços, ele chega à sua casa e reencontra o cão, o filho e a esposa. Nas estrofes dc Homero, Odisseu suportou o insuportável. Mas, como a poesia é a arte do fingimento, segundo verseja Fernando Pessoa, não sabemos até que ponto a realidade se perde na mitologia.

Ao contrário de Odisseu, era o pastor dc Éfeso um simples mortal. Seus desafios, porém, iam além dos versos de Homero. Suas batalhas, sempre duras e renhidas, não se limitavam ao mar; rompiam as regiões celestes, onde guerreava contra o próprio Diabo. Na igreja, suas tribulações cresciam; fora da igreja, multiplicavam-se. O próprio Senhor reconhece-lhe as angústias: “... suportaste provas por causa do meu nome, e não te deixaste esmorecer” (Ap 2.3, ARA). Pelo nome de Cristo, ele suportava o insuportável. Se levarmos em conta o original grego, verificaremos que o vocábulo *kopiao* descreve um trabalho que só os personagens de I lomero são capazes de executar. Mas o anjo de. Éfeso,

transcendendo a fantasia do poeta, não fugia àqueles desafios; enfrentava-os galharda e bravamente. Sim, era urn trabalho árduo e aflitivo. Tão aflitivo e tão árduo que até lembrava a paixão de nosso Senhor.

O pastor de Éfeso jamais se deixou vencer pelo esmorecimento, como reconhece o próprio Senhor. No grego, a palavra *esmorecer* tem um sentido bastante forre. *Kamnó* traz a ideia de cansaço c doença. Mas o obreiro de Cristo, apesar dc suas limitações, tira forças da fraqueza e, das enfermidades, não deixa de suscitar saúde e vigor. Na jornada para o céu, levanta-se e põe-se a caminhar, porque não c aqui o seu descanso. Nisso reside o amor que, na comunhão cristã, jamais perderá a beleza de sua primazia.

VI. O PRIMEIRO AMOR PASSOU E FOI ESQUECIDO

lenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor. (Ap 2.4, ARA)

Apesar de seu privilegiado discernimento espiritual, o pastor de Éfe-so deixou-se coisificar por urn ativismo irracional. Ele se entregava ao Reino, mas não se dava ao Rei. Ele já não amava a Cristo com o amor que supera a fé e é mais forte que a esperança. Por isso o Senhor censura-o gravemente. Mas por que esse amor, que Jesus chama de primeiro, é tão importante?

I. O que é **o primeiro amor.** A igreja em Éfeso fizera-se notável não somente por viver nas regiões celestiais, mas também pelo amor que santificava ao Senhor Jesus. E o que depreendemos da epístola que Paulo lhe enviou no ano 62:

Por isso, também eu, tendo ouvido a fé que há entre vós no Senhor Jesus e o amor para com todos os santos, não cesso dc dar graças por vós, fazendo menção de vós nas minhas orações, para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos conceda espírito de sabedoria e dc revelação no pleno conhecimento dele, iluminados os olhos do vosso coração, para saber-des qual é a esperança do seu chamamento, qual a riqueza da glória da sua herança nos santos e qual a suprema grandeza do seu poder para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder; o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, e potestade, c poder, e domínio, e dc todo nome que se possa referir náo só no presente século, mas também no vindouro.

(Ef 1.15-21, ARA)

Km pelo menos onze ocasiões, Paulo menciona a palavra amor ao escrever aos efésios. Abrindo a epístola, declara-lhes que, em Cristo Jesus, elegeu-nos Deus, em amor, antes que o mundo fosse criado (Ef 1.4). Mais adiante, regozija-se pelo amor que eles manifestam não somente a Deus, mas também a todos os santos (Ef 1.15). Ao discorrer sobre a salvação pela graça, mais uma vez o apóstolo destaca o amor divino, que se revela redentivamente a toda a humanidade (Ef 2.4). Paulo também fala de seu amor pelos gentios (Ef 3.1). Ato contínuo, mostra que os efésios, por estarem firmes em Cristo, achavam-se arraigados e alicerçados em amor (Ef 3.17). Explica-lhes que o conhecimento do amor, que excede todo o entendimento, leva o crente à plenitude em Deus (Ef 3.19). No maravilhoso campo da comunhão cristã, exorta os crentes ao fraternal amor (Ef 4.2). E se quisermos crescer em tudo, “naquele que é a cabeça, Cristo'', temos de seguir a verdade em amor (Ef 4.15). Somente em amor o corpo místico de Cristo pode consolidar-se (Ef 4.16). Por isso, recomenda: “Sede, pois, imitadores de E.)eus, como filhos amados; e andai em amor, como também Cristo vos amou e se entregou a si mesmo por nós, em oferta e sacrifício a Deus, em cheiro suave” (Ef 5.1,2). Despedindo-se dos irmãos de Efeso, Paulo realça uma vez mais o amor: “Paz seja com os irmãos e amor com fé, da parte de Deus Pai e do Senhor Jesus Cristo” (Ef 6.23, ARA). '

Não posso conceituar o primeiro amor, mas quero senti-lo plenamente em minha alma. O primeiro amor, para mim, é a alegria que o sal-mista receou perder (51.12). Sim, uma alegria que nos impulsiona a declarar toda a nossa afeição a Deus: “Amo o Senhor” (SI 116.1). É o enlevo que, no início, fez com que os efésios vivessem nas regiões celestiais (Ef 1.3). E a disposição que leva o obreiro a semear, num misto de lágrimas e júbilo, a preciosa semente do Evangelho (SI 126.5). O primeiro amor é o sentimento que constrangeu a Sulamita a prorromper-se em madrigais ao receber, em seu jardim, o amado de sua alma.

O primeiro amor é a virtude que melhor expressa a imagem divina. Revelando o Pai, mostra o Filho. Não é teoria morta; é prática vivificante. Se por um lado é ortodoxia, por outro, é ortopraxia. A teologia é impossível sem ele.

O primeiro amor constrange o evangelista a iniciar a semeadura logo ao romper da aurora, Ele sai e peregrina. Mas não sabe se volta. Em sua jornada, vai lançando a palavra de salvação em todos os solos. Geme e

chora, piorem não exclui. Amorosamente, inclui espinhos, pedras e os pés que

humilham a boa semente. Ele não se limita à terra agradecida; ilimita-se no chão ruim, ingrato e estéril. O primeiro amor acredita na germinação do impossível.

Há uma palavra no Apocalipse que, apesar de isolada e despossuída de rima, soa irresistivelmente poética: *prõvos.* Ela evoca a ideia de algo que precede o tempo e não pode limitar-se ao espaço. E o item que, numa listagem, precede os demais em virtude de sua prioridade. Distinta e honrada, tem absoluta precedência. E por isso que a expressão "primeiro amor", usada por Jesus, reveste-se de tanto significado. Ela revela a essência da divindade. Se o primeiro amor é tão sublime, por que alguém haveria de abandoná-lo?

2. Quando se abandona o primeiro amor. Entre a Epístola de Paulo aos Efésios e o Apocalipse de João, há um interregno de aproximadamente trinta anos. No decorrer dessas três décadas, foi a igreja em Efeso mergulhando num perigoso e traiçoeiro acivismo. Ela, que no início congregava-se em Cristo nas regiões celestiais, foi abandonando, sem o perceber, o seu primeiro amor, Não era um shnples incidente teológico, mas uma tragédia espiritual que, desfigurando-a como rebanho, reduziu-a a um ajuntamento de ovelhas. E estas já não se identificavam como redil. Somente o primeiro amor é capaz de realçar a beleza do aprisco cristão. Vcrticalmente, o amor une-nos ao Cristo. I lorizontalmente, liga-nos aos que se deleitam nos pastos sempre verdejantes do Bom Pasror.

Embora elogie o pastor de Eleso por seu inigualável currículo, o Senhor Jesus censura-o por causa de um amor que já não amava como antes: "Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor" (Ap 2.4, ARA). Como pode um obreiro, com uma folha dc serviços tão notável, vir a abandonar justamente a primeira das virtudes cristãs? O verbo *aphiêmi* dá nos a exata dimensão de sua ruína. Abandonar, nesse caso específico, não é meramente deixar de lado. Tem implicações mais fortes. Significa mandar embora, divorciar-se, negligenciar, desconsiderar e deixar alguém ao abandono.

Imagine a mãe que, absorvendo-se num cotidiano atribulado e cruel, esquece o filhinho no banco traseiro do carro. E, quando dá por si, a criança já está morta. Ninguém lhe questiona o amor. Mas a rotina do dia a dia levou-a abandonar o que mais amava. Foi o que aconteceu a Efeso. Aquele ativismo, que ia além de suas forças, induziu-a a negligenciar o

primeiro amor. Que perfeita ilustração temos em Marta, irmã de Maria. Embora

o próprio Senhor estivesse em sua casa, desperdiçava-se cia em afazeres. Marta se dava em serviços, mas não se entregava como servidora. Em sua agenda, sempre ocupada, não havia um instante sequer para Jesus. Enquanto isso, Maria, contemplativa ao pé do Mestre, adorava-o com a sua atenção. Ouvir e ver também é adorar.

A igreja em Efeso tinha muito de Marta e quase nada de Maria. Ela desfízera-se em serviços, mas não se rendeu como serva, pois o seu amor já não amava como antes. Os muitos cuidados fizeram-na esquecer de um item básico, mas primacial, da devoção cristã: amar também é servir. Foi o que Jesus ensinou a Marta. E só então a irmã de Lázaro veio a compreender que atividade nem sempre é produtividade. Por conseguinte, que o pastor de Efeso entendesse dc vez que, no coração divino, uma carta de amor faz mais efeito do que um bom currículo.

O poeta Carlos Drummond de Andrade, lamentando a efemeridade dc certos amores, consola-se nestes versos: “O primeiro amor passou,/ O segundo amor passou,/ O terceiro amor passou,/ Mas o coração continua”. No devocional do cristão, porém, só o primeiro amor interessa, porque somente ele é real. O segundo amor já é indiferença. O terceiro, esquecimento. E como pode o coração continuar esquecido e indiferente? E a pergunta que o anjo da igreja em Efeso terá de responder. Mas a sua lembrança do primeiro amor já era vaga.

3. Amnésia espiritual. Pode alguém esquecer-se do primeiro amor? Os poetas dizem que não. Os teólogos, porém, discordam, pois um deles, apesar de sua intimidade com as ciências divinas, desmemoriara-se de suas afeições por Jesus. Sim, o pastor de Efeso já não conseguia trazer à memória os sentimentos que, no início dc sua fé, santificara a Jesus Cristo. E para que a sua amnésia náo se fizesse crônica, Jesus exorta-o gravemente: “Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-te e volta à prática das primeiras obras; e, se não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas” (Ap 2.5, ARA).

Como pôde o anjo de Efeso esquecer-se do primeiro amor? Será que ele não conhecia as implicações teológicas dessa virtude? Ele não as ignorava. A amnésia espiritual, contudo, já começava a destruir-lhe os afetos que, no princípio, consagrara ao Senhor. O que deveria ele fazer agora? Lembrar-se de onde deixara cair os afeiçoamentos de sua fé.

Se fizermos uma exegese do verbo empregaco por ~eíc~: - ---

concluiremos: a sicuaçáo do anjo de Éfeso já era terminai. O vc-caC-.: grego *mnêmoneuõ* não significa apenas relembrar. Primariamente, *zm* um sentido mais forte: reavivar a memória. Logo, as lembranças daquele obreiro urgiam ser ressuscitadas, pois jaziam mortas. F. por isso que ele já não sentia nem amava como antes. Assemelhava-se aos pacientes que, ligados a complexos suportes de vida, existem, mas já não o são. Logo, como podería permanecer à frente do rebanlio se a vida esvaía-lhe da alma? Ele precisava de emergentes cuidados. E a primeira receita que lhe prescreve o Senhor é o arrependimento.

4. **Arrependimento para um pastor.** A igreja em Éfeso seguiu a recomendação do Senhor? Lembrou-se de onde caíra? Arrependeu-se de seu pecado? E voltou ao primeiro amor? Da epístola que lhe enviou Ignácio (30-107 d.C.), depreendemos que sim, O missivista, que também fora bispo em Antioquia, elogia-lhe o trabalho, a segurança doutrinária e o amor que os seus fiéis voltaram a devotar a Cristo.

Por conseguinte, não são apenas os ímpios que carecem de arrependimento. Pois os filhos de L)eus também pecam. E nem sempre nossas transgressões são escandalosas e socialmente reprováveis. Às vezes, nem parecem iniquidades. Exibem-se até como sutilezas teológicas. Afinal, quem perdería tempo, buscando a$ diferenças entre o primeiro e o segundo amor? E que juiz se deteria a julgar alguém que já não consegue amar como antes? No entanto, quem realmente ama a Cristo sabe que, entre o primeiro e o segundo amor, vai todo um abismo de indiferença. Portanto, se já não o amamos com o amor que ele requer, é sinal de que estamos em pecado. Logo, carecemos arrepender-nos, para não perecermos na iniquidade, que vem caracterizando a cristandade de nosso tempo: o esfriamento do amor.

5- Voltando às primeiras obras. As últimas obras de Éfeso não eram ricas e abundantes? Então, por que lhe recomenda o Senhor a volta às primeiras? (Ap 2.5) A igreja destacava-se pela constância e por uma ir-resoluta fidelidade a Cristo. Exauria-se em trabalhos. Santificava-se em serviços. E no enfrentamento ao erro, erguia-se apologética e teológica. O que lhe faltava? Na aparência, nada; na essência, tudo, Ela carecia da primitiva obra do amor que, em suas derradeiras devoções, achava- se perdida. E se esta obra já não se faz presente, as demais logo sc ausentam, ainda que meritórias e elogiáveis.

O amor é a primeira das obras. Sem ele nenhuma expressão, quer angélica, quer humana, é possível: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se

não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine” (1 Co 13.1, ARA). Ele transcende a profecia, o conhecimento e a própria fé. Sem ele o arcano náo se cumpre, a ciência $e obscurece e a crença perde toda a convicção: “Ainda que eu tenha o dom dc profetizar c conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei” (1 Co 13-2, ARA). Ele é mais sublime que a filantropia e mais exaltado que o martírio. Sem ele pode haver até esmola, nunca porém a mão fraterna que se abre e se estende em boa vontade. Pode haver até martírio e canonização sem ele, entretanto, jamais a entrega completa e incondicional a Deus: “E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (1 Co 13.3, ARA).

Eloquente até na língua dos anjos, Efeso já começava a gaguejar no dialeto simples do amor. Conhecia todos os mistérios, mas ignorava a ciência da genuína caridade. Sua fé movia montanhas, só não era capaz de remover a campa onde sepultara as feições ao Cristo. Profetizava, já não cantava porém os deleites de suas primitivas ternuras ao Salvador. Era capaz de distribuir todos os seus bens aos pobres, todavia, não se dava mais àquele que tanto a enriquecera. Se necessário, entregava-se em martírio, mas já não se rendia ao amor que, em amor, nos consagra a Deus. Urgia-lhe, pois, voltar às primeiras obras.

Na primazia de seu amor, Éfeso cumprira zelosamente a Grande Comissão. Evangelizando, consagrou-se em missões. Mas o tempo passou e tudo apagou. Agora, já não se lembra das antigas obras. Talvez, chegasse até a perguntar: “Por que recordar as primeiras se as últimas são também louváveis?” Se cotejadas, entretanto, estas se apagavam diante daquelas. A sua segunda perseverança não deixava de ter méritos. O que era, porém, diante da primeira? Ainda continuava a não suportar os homens maus. No entanto, sem o primeiro amor, ela agia mal. Fervorosamente apologética, colocava à prova os que se presumiam apóstolos. Contudo, nem a obra de um evangelista fazia mais. Era capaz de soírer agravadas provações pelo nome do Senhor. Não obstante, seu amor já não podia dar provas de seu primado.

As duas principais evidências do primeiro amor são o evangelismo e a obra missionária. Nenhuma outra obra é superior a estas. Portanto, que

VII. QUANDO O CANDELABRO É REMOVIDO

Enquanto escrevia este livro, assisti a uma reportagem que, jocosa e sutilmente, lamentava a tragédia de uma igreja que tivera o seu castiçal removido pelo Senhor. Fundada cm 1946 pelo reverendo William Augusius Muhlenberg, a Igreja da Sagrada Comunhão, em Nova York, ofereceu-se, por quase um século, em obras amorosas e sacrificais. Sua Escola Dominical era frequentada por ricos e pobres. Os meninos dc rua, sempre bem recebidos pelo irmão William, trocavam a criminalidade por uma vida honesta c proveitosa. As conversões não eram poucas. No Instituto São Paulo, que ela subvencionava, os jovens celebravam semanalmente a santa ceia e diariamente punham-se a estudar as grandes doutrinas da salvação. Muhlenberg dedicava-se ainda à fundação de escolas e de hospitais, pois entendia que socorrer os necessitados era também proclamar o Evangelho.

Depois de uma trajetória tão brilhante, a Igreja da Sagrada Comunhão pôs-se a perder a luz numa cidade tomada pelas trevas.

No início dos anos de 1970, o imponente prédio foi comprado pela Odyssey House, entidade que se dedicava à reabilitação de usuários de drogas. A Odyssey, vendo-se em dificuldades financeiras, vendeu o edifício em 1982. E não demorou muito para que o lugar, que um dia celebrara o nome de Deus, fosse transformado numa danceteria. Naquela nave, que agora em nada diferia de um bordéu, ajuntavam-se homens e mulheres para se divertir ao som de música gótica e consumir drogas. Seus traços, embora lembrassem uma igreja, já evocavam a morada do Diabo. Até homicídios aquelas paredes testemunharam. Aquela casa fez-se tão perigosa, que as autoridades decidiram fechá-la. Desde maio de 2010, o magnífico prédio vem sendo utilizado pelo Marketplace Limelight —■ um templo do consumo, onde Marnom é incensado pelas mais caras grifes.

A igreja em Éfeso achava-se na iminência de ter um destino semelhante. A advertência vem do próprio Cristo: “Lembra-te, pois, de onde caíste, arrepende-re e volta à prática das primeiras obras; e, sc não, venho a ti e moverei do seu lugar o teu candeeiro, caso não te arrependas” (Ap 2.5, ARA), O que significa mover um castiçal e que emblema este traz à Igreja?

1. A sinibologia do castiçal. No Antigo Testamento, o castiçal simbolizava o

povo hebreu que, separado como propriedade exclusiva dc Jeová, rinha corno missão resplender a luz divina sobre os gentios. Sua missão, porém, foi cumprida apenas parcialmente. Eles deram ao mundo

os profetas, as Sagradas Escrituras e o próprio Cristo. Mas a si mesmos náo se entregaram testemunhalmente. Nalguns períodos de sua história, aliás, fizeram-se piores do que as gentes que os rodeavam. Haja vista a apostasia de Salomão e o desvio de Jeroboão, filho de Nebate, que não somente pecou, mas levou as tribos setentrionais ao pecado.

O candelabro, feito de puro ouro batido e pesando 34 quilos, ficava no lado esquerdo do Tabernáculo. Era uma peça tão inteiriça e perfeita que, nela, não havia ligadura ou emenda (Ex 25.36). Suas lâmpadas, em número de sete, resplandeciam plenamente na Casa de Deus, assim como Israel deveria, em plenitude, brilhar entre os gentios como nação profética, sacerdotal e real, Todos olhavam para os hebreus, pois sabiam que o seu Deus, ao contrário dos ídolos das nações, não se limitava aos montes como Baal, nem aos mares como Dagon. O seu Deus era o Senhor dos céus e da terra, porquanto tudo criara.

No Santo Templo havia dez castiçais (1 Rs 7.49), cinco à direita e cinco à esquerda, representando a luz divina que incidia sobre Israel. Diferentemente dos outros povos, os hebreus eram regidos diretamente pelo Deus Único e Verdadeiro. Que outra nação possuía um legislador como Moisés? Ou um salmista como Davi? Ou, ainda, um historiador como Samuel? Nos lábios de seus profetas, os arcanos eram poesia alta e sublime. Em cada Escritura Sagrada, falava o Senhor a Israel e, através de Israel, a todo o mundo.

Nas Escrituras do Novo Testamento, há duas simbologias no castiçal. Num primeiro momento, é a iluminação do Espírito Santo sobre a Igreja dc Cristo. Já no instante seguinte, avulta-se como o testemunho que o crente em particular, e a Igreja, como um todo, devem prestar acerca da santíssima fé, num século que subjaz em trevas.

2. Os sete candelabros. Se no Êxodo apresenta Moisés apenas um castiçal, no Apocalipse João mostra sete. E, no meio destes, destaca-se o Senhor Jesus que, desenvolto e soberano, caminha entre eles. Isoladamente, cada candeeiro representa uma igreja local; conjuntamente, a Igreja Invisível e Universal. Se no conjunto devem brilhar, particularmente tem, cada um deles, o dever de resplandecer como astros no firmamento (Mt 5-14; Dn 12.3).

3. A remoção do candelabro. Universalmente, a Igreja jamais deixará de ser luz. I .ocalmence, porém, não são poucas as igrejas que se apagam

e deixam-se esmaecer. Assim, remove-lhes o Senhor o castiçal. E o que delas resta não é nada agradável. Lembra-se da igreja em Jerusalém? Se no início o seu candeeiro não era apenas luz, mas luz e chama, não demorou muito para que o primor de seu brilho faiscasse em Antioquia. Por algum tempo, ambas resplendiam. A primeira, doutrinariamente; a segunda, míssiologicamente. Já no final do primeiro século, com a morte dos santos apóstolos e com a destruição da Cidade Santa, o castiçal da primeira igreja é transferido de Jerusalém para outros hemisférios. E nem por isso a Igreja de Cristo foi despida de seu fulgor.

Jesus destacou sete igrejas, dentre a cristandade da Asia Menor, para simbolizar a Igreja Invisível e Universal. Entre si, diferiam em brilho. Mas nenhuma deixara de ser luz. Umas refulgiam mais, outras quase nada. Se o brilho de Esmirna era mártir e confessante, o de Laodiceia, já quase apagado, dava os últimos bruxuleios. E se Filadélfia fulgurava em seu primeiro amor, Efeso, apesar de todas as suas excelências, apresentava uma luz quase desmaiada. Se o seu candeeiro fosse removido, ela até poderia continuar a existir como organização, mas perderia toda a sua vida como organismo.

A igreja perde o candelabro quando se faz amiga do mundo e íntima dos poderosos; quando deixa de ser a voz profética de Deus para fazer-se politicamente correta; quando abandona o evangelismo bíblico e intromete-se a construir uma doutrina social divorciada das Sagradas Escrituras; quando, em vez de preocupar-se com as almas perdidas, começa a lastimar-se por árvores e animais, apequenando-se num ecoiogismo radical e inconsequente; quando relativiza o pecado e abomina-se entre os abomináveis; quando, lançando mão da prata e do ouro dos santos, compra consciências e até silêncios; quando ignora os últimos dias, pensando serem estes ainda os primeiros de um movimento que se petrifica num monumento às obras mortas; quando, entristecendo o Espírito Santo, comunga com o espírito do Anticristo que já atua no mundo; quando elimina os que a exortam à santidade e à pureza, manchando de sangue suas mãos que já não se estendem às boas obras. A igreja tem o castiçal removido quando, menosprezando o primeiro amor, ousa substituí-lo por um ativismo histérico e fatal.

Se Cristo remove de uma igreja o seu castiçal, vai-se dela toda a glória. Assim ocorreu com o santuário de Deus em Jerusalém. Em consequência das

iniquidades de Judá, que jamais se dispusera a ouvir os santos pro-

fetas, resolveu o Senhor destruir-lhe o reino, deitar-lhe por terra a magnífica capital e derribar a casa que lhe rrazia o nome. Desde Babilônia, viu Ezequiel quando a glória de Jeová orfanava o lugar santíssimo para exilar-se do Templo d.e Salomão. A glória que dera tanta glória àquela casa, agora ergue-se de seus átrios, conforme escreve o profeta: “Então, os querubins elevaram as suas asas, e as rodas os acompanhavam; e a glória do Deus de Israel estava no alto, sobre eles. A glória do Senhor subiu do meio da cidade e se pôs sobre o monte que está ao oriente da cidade” (Ez

11.22,23). Não estará o mesmo ocorrendo conosco?

VIII. A DOUTRINA DOS NICOLAÍTAS

Embora não se lembrasse mais do primeiro amor, o anjo de Efeso ainda dispunha de suficiente rirocínio para diferençar a verdade, do erro. Não pusera ele à prova os que se diziam apóstolos? Por que não haveria de aferir, agora, a doutrina e a obra dos nicolaítas? Sua ortodoxia, infelizmente, jazia sepultada no esquecimento do amor. Mas o Senhor Jesus, buscando reviver-lhe o ardor espiritual, elogia-o pelo zelo demonstrado contra a apostasia: “Tens, contudo, a teu favor que odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio” (Ap 2.6, ARA).

Ostentando luz, os nicolaítas espargiam trevas sobre toda a Ásia Menor. Mas quem eram eles? E por que as suas obras fizeram-se tão odiosas ao Senhor?

1. Os nicolaítas. Não podemos levantar-lhes com precisão a identidade. De uma coisa, porém, estamos certos: essa gente não era nada recomendável. Supõem alguns estudiosos que a seita reria sido fundada por Nicolau que, na igreja em Jerusalém, fora selecionado para compor o ministério diaconal. Descarto tal hipótese, pois os cristãos primitivos eram bastante criteriosos na escolha de seus ministros, conforme evidencia a recomendação apostólica: “Mas, irmãos, escolhei dentre vós sete homens de boa reputação, cheios do Espírito e de sabedoria, aos quais encarregaremos deste serviço” (At 6.3, ARA). Além do mais, algumas décadas se passariam desde a instituição do diaconato até o aparecimento dos nicolaítas. E nenhuma epístola anterior os menciona, pelo menos nominalmente.

2. A doutrina dos nicolaítas. Vendendo-se e deixando-se comprar, os

nicolaítas mercadejavam as coisas santas e sempre auferiam gordos

dividendos com as variações mercadológicas da fé incauta e desavisada. Profetizavam e tinham visões sob encomenda. E na imensa feira do misticismo, expunham suas teologias tanto no varejo quanto no atacado. Inventavam curas e forjavam milagres, adoentando as igrejas com imitações ridículas e ordinárias do poder de Deus.

Usando de artifícios hermenêuticos e teológicos, debilitavam a Igreja de Cristo. Eles sabiam que um rebanho doutrinariamente débil logo se expõe à corrupção. E, já corrompido, entregar-lhes-ia a lã e a gordura. Não era exatamente assim no Israel do Antigo Testamento? Alguns reis iizeram-se tão promíscuos, que até falsos profetas arrolavam em sua folha de pagamento, a fim de espoliar o povo do Senhor. A situação hoje não é diferente. Há pastores que assalariam videntes e pitonisas que, por algumas dracmas, inventam sonhos, urdem visões e tramam profecias, para manter um *status quo* abominável e repugnante aos olhos de Deus.

Os nicolaítas não se extinguiram no século de João. Quais ervas daninhas, rebrotam até mesmo nas searas mais vigilantes. Imperceptivelmcn-te, arrastam os santos à prostituição e os piedosos à idolatria e à avareza. E como amam o dinheiro! Aos símplices, maquiam as consequências do pecado e ocultam os rigores do juízo vindouro. Mitologizam o inferno e desmistificam o céu, recriando um Olimpo na terra onde cada ser humano tem licença para criar um deus de acordo com as próprias concu-piscências. Assim, surgem os supercrentes que, imitando o Aquiles de Homero, lançam-se às mais inconsequentes aventuras, esquecendo-se da fragilidade de seu calcanhar. Determinam *c.* confessam, indeterminando-se num todo confuso e caótico.

A semelhança do filho de Peor, os nicolaítas pós-modernos utilizam a teologia a fim de prosperar suas bolsas. Desfocando a visão do Reino de Deus, focam a visagem de seus impérios e feudos. Neste púlpito, são acadêmicos; naquele, místicos. E em todas as igrejas, ávidos ladrões e risonhos diabos. Num psicologismo afoito, leiloam autoajudas e positivam as mais inconfessáveis e absurdas confissões.

Rodeiam a terra e intrometem-se entre os filhos de Deus. Caluniam descaradamente a Jó e não se acanham em discutir teologia com o próprio Deus. Seu ego é tão desmesurado que, mesmo no deserto de sua espiritualidade, ousam

obrigar o próprio Cristo a curvar-se diante deles. No púlpito, fazem-se deuses e como deuses exigem uma adoração própria à divindade. Mentem e por suas mentiras recebem generosas somas. E

são aplaudidos por aqueles que andam à cata dc. mestres de acordo com as suas concupíscências. Reclamam o ouro que a viuva não tem e exigem a piara que o órfão não possuí.

3. O ódio de Cristo. Se as doutrinas dos nicolaítas eram ruins, suas obras não eram melhores, pois levaram Cristo a mover-lhes um ódio implacável: “Tens, contudo, a teu favor que odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio'’ (Ap 2.6, ARA). É a primeira vez que Cristo manifesta semelhante sentimento. Nem mesmo quando traído por Judas Isacariotes, deixou que o ódio lhe tomasse o coração, porquanto este sempre fora ocupado por um amor que ia alcm da compreensão humana.

Recorramos aos manuscritos de João e vejamos o termo “ódio’ no o-rego. A palavra *miseo* não significa apenas odiar, mas detestar aberta-mcntc. Sim, Jesus não somente odeia, mas detesta as obras dos nicolaítas. E como o pastor de Éfeso também as abominava, recebeu do Senhor mais um elogio. Apesar do primeiro amor esquecido, ainda conserva ele a fibra e a dignidade de um genuíno obreiro. Afinal, muito sofrerá com as investidas desses ministros fraudulentos que, de igreja em igreja, iam semeando heresias e suscitando apostasias. E o dinheiro que arrecadavam? E as ovelhas que lançavam na prostituição e na idolatria?

Por que lhes estender a destra da comunhão? Se o fizermos, nossas obras também serão odiadas pelo Senhor. Não nos amedrontemos com o seu poder nem com a sua performance. Eles são convincentes, sim. Sabem como desconstruir a verdade do Evangelho e apresentar suas mentiras como artigos de fé. Eles comparecem as festas e não se ausentam das confraternizações. Não irão, porém, adiante: continuarão a enganar e a serem enganados,

XX. O ACESSO À ÁRVORE DA VIDA

Q que Jesus espera do anjo de Éfeso? Que abra os ouvidos a voz do Espírito Santo c que não se limite a amar como antes. Mas que ame como jamais amou. Logo, não pode ele conformar-se com uma simples restauração espiritual. Empenhar-se-á, doravante, por um avivamento que o leve a viver a beleza do

primeiro amor. A experiencia de Paulo ha de servir-lhe de modelo. Num primeiro momento, o apóstolo elogia os efésios por celebrarem a Cvtisto nas regiões celestes. Num segundo, demonstra ser possível, mesmo estando na terra, viver no terceiro céu. Isso

somente acontece quando amamos a Cristo com o amor que o levou a esvaziar-se de sua glória, para que, em sua humilhação, fôssemos exaltados. Que nestes últimos dias, pois, voltemos a ouvir atentamente o que o Espírito diz às igrejas.

1. A voz do Espírito Santo. Israel escutava a Deus, mas não lhe ouvia a voz. E apesar de enxergar-lhe as obras, não lhe via as operações que se cotidianizavam em sua história. Por isso, ao enviar-lhes Isatas, determinou o Senhor ao seu profeta:

Vai e dize a este povo: Ouvi, ouvi e não entendais; vede, vede, mas não percebais. Torna insensível o coração deste povo, endurece-lhe os ouvidos e fecha-lhe os olhos, para que não venha ele a ver com os olhos, a ouvir com os ouvidos e a entender com o coração, e se converta, c seja salvo. Então, disse eu: até quando, Senhor? Ele respondeu: Até que sejam desoladas as cidades e fiquem sem habitantes, as casas fiquem sem moradores, c a terra seja de rodo assolada, e o Senhor afaste dela os homens, e no meio da terra seja grande o desamparo. (Is 6.9-12, ARA)

Israel tem olhos, mas não vê. Tem ouvidos, porém não ouve. E o seu coração? É incapaz de chegar ao arrependimento? Tornaram-se os israelitas semelhantes aos seus ídolos. Eles existem e nada são. Eis porque fizeram-se surdos aos profetas. A experiência teológica do Antigo Testamento mostra que somente se arrepende quem está disposto a arrepender-se. Com relação aos demais, a mensagem lhes agirá inversamente no coração: quanto mais a ouvem e mais veem, mais empedernecern a cerviz. Foi o que ocorreu com o Faraó que se recusou a libertar os hebreus. Mesmo com todas as pragas que lhe assolavam o país, o egípcio resistiu ao Senhor.

Mas como se deve ouvir o Espírito Santo? O verbo grego *akouõ* denota, em primeiro lugar, a capacidade de se ouvir perfeita e distintamente. Significa também atender, considerar, perceber o sentido das coisas e atentar à doutrina ensinada por um mestre. Como se vê, ouvir é mais do que escutar. Por isto, exorta-nos a Palavra de Deus: “Hoje, se ouvirdes a sua voz, não endureçais o vosso coração, como foi na provocação” (Hb 3.15, ARA). E por não ter ouvido a

voz do Espírito Santo, toda uma geração pereceu no deserto. Portanto, lembremo-nos do primeiro amor, a fim de darmos ouvidos ao que o Espírito nos diz nestes últimos dias. Não ouve você a voz do Espirito de Deus?

2. Os vencedores. A cada igreja da Ásia Menor propusera Jesus um desafio. Se Esmirna tinha pela frente o martírio e Pérgamo era obrigada a

enfrentar a oposição do próprio Diabo, Efeso seria constrangida a realizar uma façanha que ia além dos límices do coração. Ela teria de amar não somente como antes, mas amar como jamais amara. Superado o desafio, o seu currículo estaria completo. Somente os vencedores são capazes de amar com o amor que levou Deus a dar o seu Filho Único para resgatar-nos dc nossa vã maneira de viver. Se amarmos assim e se assim andarmos em amor, teremos franqueado o acesso à árvore da vida.

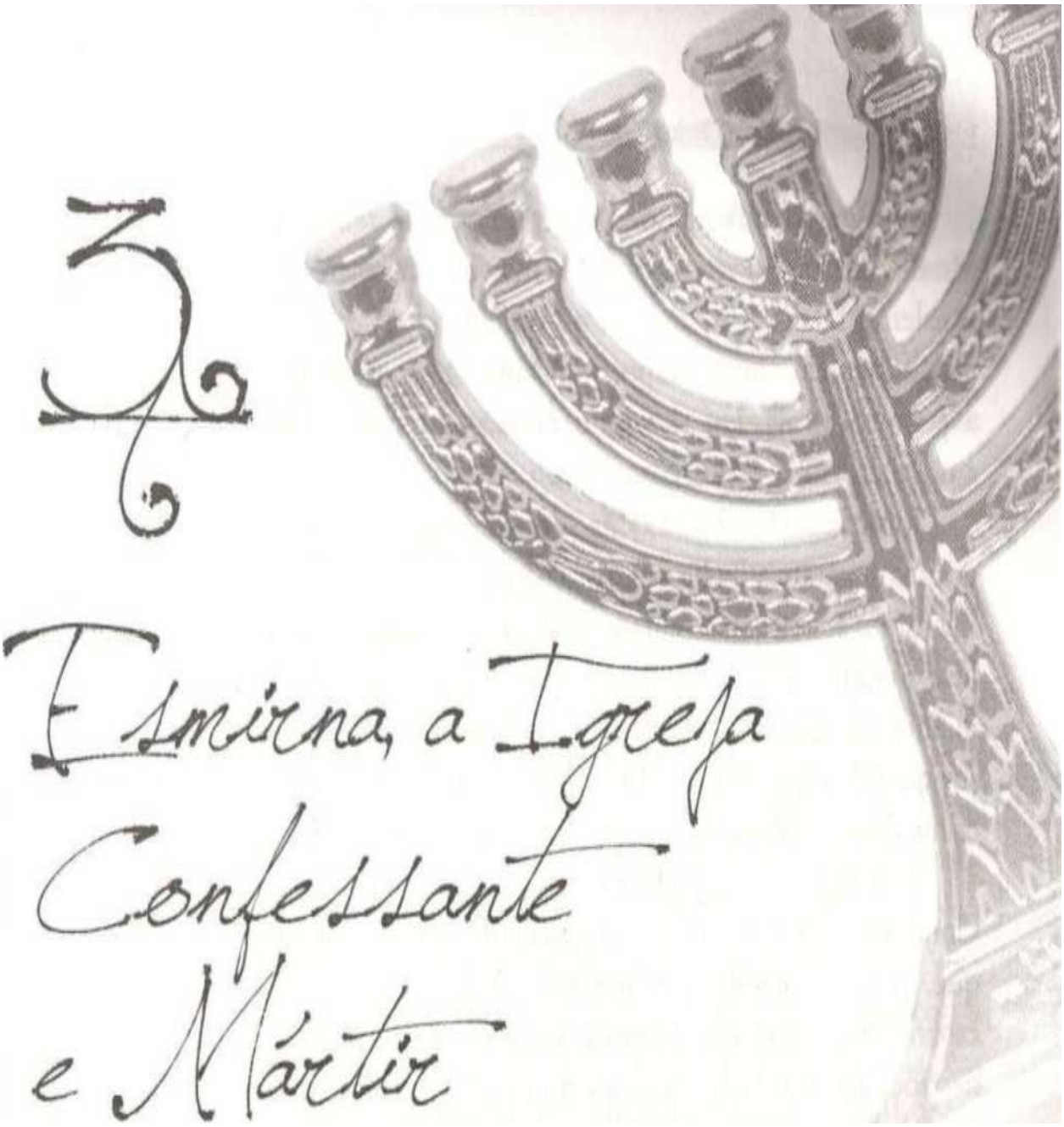
3- A árvore da vida. Eis a promessa que Jesus nos chancela: “Ao vencedor, dar-lhe-ei que se alimente da árvore da vida que se encontra no paraíso de Deus" (Ap 2.7, A.RA). Jesus não se refere à arvore da vida que Deus plantara no Èden. Refere-se à vida eterna que nele já desfrutamos. Somos mais privilegiados que Adão. Em consequência de seu pecado, teve ele negado o seu acesso ao paraíso. Isso porque, se voltasse a comer daquele fruto, transformar-se-ia num pecador eterno: “Eis que o homem se tornou como um de nós, conhecedor do bem e do mal; assim, que não estenda a mão, e tome também da árvore da vida, e coma, e viva eternamente” (Gn 3.22, ARA).

Já pensou num pecador imortal? Imune à morte e incapaz de receber o salário a que faz jus o pecado? Como poderia Jesus dar à sua vida a alguém nessas condições? O homem certamence seria pior do que o Diabo. Este não possui corpo físico; aquele, além de comunicar-se fisicamente, espiritualmente também se manifesta. Logo, a morte, apesar de todo o luto e tristeza que encerra, não deixa de ser uma bela expressão do amor divino. Imaginemos um impenitente de sete mil anos. Como seria o estado mental de alguém nessas condições? A morte, no âmbito cristão, veio a tornar-se até lucro, pois aproxima-nos do Redentor. Aliás, o próprio Cristo a experimentou. Em sua morte, trouxe morre à morre. E foi assim que nos abriu o caminho ao paraíso de Deus.

4, **O paraíso de Deus.** (A Eden, apesar de toda a sua beleza, foi incapaz de reter Adão. Ele caiu na apostasia, supondo ser a sua liberdade de escolha um paraíso em si mesma. Expulso do jardim de Deus, foi viver o seu próprio deserto. Mas,

em Cristo, foi-nos liberado o acesso a um jardim superior. Ele não precisa ser cultivado nem lavrado, porque o próprio Senhor cuidou de sua arquitetura e encarregou-se de sua construção. Trata-se dc um lugar real e não de uma utopia. Nenhum ser humano jamais conseguiu idear cidade mais bela.

No meio desse paraíso, acha-se a árvore da vida. Se o lugar é real, a árvore não é quimérica. E se o paraíso não é o Éden do Gênesis, a árvore a que teremos acesso não é aquela que se achava plantada naquele jardim que o pecado desertificou. Conforme o Apocalipse no-la descreve, ela será oferecida como saúde às nações. Ao seu redor, desfrutaremos de uma comunhão eterna. Mas somente chegaremos ao paraíso de Deus sob o manto do primeiro amor.



Ao anjo da igreja em Esmirna escreve: Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou a viver: Conheço a tua tributação, a tua pobreza (mas tu és rico) e a blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes, sinagoga de Satanás. Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tributação de dez dias. Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espirito diz às igrejas: O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte. (Ap 2.8-11, ARA)

Introdução

John Fox conduz-me ao Coliseu de Roma. Ao entrar no grande circo, meus olhos desmaiam na arena iluminada pelas chamas que, sem pressa, devoram os corpos de centenas de homens e mulheres. Demonstrando o valor da santíssima fé, eles sustentam, até à morte, um firme e corajoso testemunho. Sua confissão espanta os algozes e deixa confusa a turba ensandecida e sanguinária. Mesmo com a dor a excruciá-los, reúnem o que lhes resta de força, para louvar o Cordeiro de Deus. Não são a luz do mundo? Que o seu sacrifício resplandeça sobre um século que, apesar de todo o brilho, sepulta-se cm trevas.

Indignado, adianto alguns capítulos no *Livro dos Mártires.* Aqui João Huss é queimado vivo. Ali, Jerônimo Savonarola é oferecido no altar da intolerância. Mais além, são os valdenses perseguidos. Acolá, os albin-genses náo encontram repouso. O inferno, porém, não consegue deter o avanço da Igreja de Cristo que, apesar dc todas as oposiçóes, segue local e universalmente triunfante.

John Fox (1517-1587) não foi um mero espectador das perseguições que cicatrizaram a Igreja dc Cristo naqueles dezesseis séculos de peregrinação. Ele muito sofreu sob o reinado de Maria, a Sangrenta. Para que o sangue dos justos continuasse a clamar, foi que ele escreveu o *Livro dos Mártires*. Enquanto as caravelas de Portugal e da Espanha descobriam novos mundos, a sua querida Inglaterra encobria o sangue dos que eram executados pelo único crime de ter a Bíblia como a sua suficiente norma de fé e prática.

A perseguição na Inglaterra só terminaria com a ascensão de Elizabcih I. Corajosa e altiva, a soberana inglesa enfrenta as investidas da igreja romana que, para conseguir seus intentos, infla as velas da invencível armada espanhola e parte em direitura às ilhas britânicas. Mas Deus intervém e destroça aqueles navios que, aportados ali, acabariam de vez com a liberdade escrita com o sangue de homens como William Tyndale.

John Fox morreu no século XVL Mas outros martirólogos tomaram o seu lugar, e continuam a registrar os sacrifícios das testemunhas que se levantam a professar o nome de Jesus. O século XXI, apesar de seus admiráveis conhecimentos, náo se fez mais sábio. As trevas nunca estiveram tão espessas. Neste exato momento, algum cristão, em algum lugar, está selando a fé com o próprio sangue. À semelhança de Esmirna, muitas igrejas, no Oriente sempre tão fechado, e no Ocidente tão hipocritamente aberto, mostram o valor

de seu testemunho. Elas nada temem, pois são confessantes e não receiam o martírio.

Antes de fechar o *Livro dos Aiártires,* volto alguns capítulos e deparo-me com a execução de Policarpo, bispo de Esmirna, a quem o Senhor Jesus, provavelmente, teria endereçado urna consoladora epístola por intermédio de João, o Divino.

I. A IGREJA EM ESMIRNA

Ao anjo da igreja em Esmirna escreve. (Ap 2.8a, ARA)

Sc você for à Turquia, não deixe de visitar a moderna Izmir. Nessa bela cidade litorânea, localizava-se a bíblica Esmirna. Naqueles idos, afa-

mara-se ela pelas essências que exportava para todo o mundo. Por causa disso, era conhecida como a cidade do “porto perfumado”. Não havia como disfarçar-lhe a flagrância.

Nessa mesma Esmirna, havia uma igreja que, apesar de sua pobreza e tribulação, era conhecida em coda a Ásia Menor pelo bom cheiro que exalava. Acredita-se que o seu pastor, quando da redação do Apocalipse, fosse Poliearpo, que viria a ser marcirizado pelo império Romano,

1. Esmirna, a cidadc-perfume. Esmirna ufanava-se de ser a mais importante cidade da Ásia Menor. Embora inferior a Efeso e apesar de não possuir os atrativos de Laodiceia, suas vantagens náo eram desprezíveis. Localizada na região sudoeste do continente, era valorizada pela importância de seu porto e pela mirra que produzia. A essência que, aliás, poetizou-lhe o nome era obtida através de um processo bastante moroso; prensava-se madeira da *commiphora myrrha* aré obter-lhe o perfume. Não é um emblema perfeito para uma igreja confessante e mártir?

A história de Esmirna rem cerca de cinco mil anos. Ela começou a ser escrita por volta do terceiro milênio a.C. Juntamente com Tróia, era o mais importante centro cultural da Anatólia. Em 1500 a.C., caiu sob a influência do Império Elitita. A cidade, informa Hérodoto, foi ocupada inicialmente pelos eólios e,

logo em seguida, pelos jônios. Náo demorou muito para que ela começasse a pontificar-se na Federação Jônica. Segundo a tradição, o poeta Homero teria aí residido, por volta cie 850 a.C.

Em 600 a.C., Esmirna foi conquistada pela Lídia. Creso, porém, apesar de sua riqueza c suntuosidade, permitiu que a cidade murchasse até desfazer-se numa aldeia. O rei lídio pouco se importou com a sua glória. Vieram os persas e a sorte de Esmirna em nada mudou. Mas Alexandre, o Grande, no século IV a.C, ao passar pela Ásia Menor, conquistou-a c pôs-sc a reconstruí-la, expandindo-lhe o perímetro em direção ao Monte Pagos.

Séculos depois, chegaram os romanos que, embora truculentos e brutais, emprestam-lhe um fulgor maior que a sua primitiva glória. No século seguinte, aparecem o$ missionários cristãos. Conquanto feramente perseguidos, lançam em seu chão a semente do Evangelho. A igreja, que se faria notória por sua confissão, põe-se a germinar c, a partir daí, jamais seria esquecida. Esmirna sempre há de ser lembrada por haver frutificado a mais perseverante igreja da Ásia Menor.

A partir do século IV, a cidade passa a fazer parte do Império Bizantino, e assim permanecería até ser tomada peios seij ácidas no século XI.

Sob o poder de Mehmed Celebi, Esmirna foi anexada ao Império Otomano em 1415. Dos séculos XVII a XIX, tornou-se um dos mais importantes portos do mundo. Judeus, gregos, italianos e holandeses, além de comerciantes de outros continentes, incluíram-na em seus roteiros. Seus produtos, agora, chegavam tanto à Europa como ao

disuuiLc Oriente.

A.té o início do século XX, Esmirna era uma das cidades mais cosmopolitas do mundo. Entre os seus cidadãos, havia gregos, armênios e gente da Europa Ocidental. Atualmente, sua população judia gira em torno de duas mil e quinhentas pessoas. Após a guerra da Turquia por sua independência, a comunidade helena de Esmirna buscou refúgio na Grécia. Hoje, a maioria de seus habitantes é predominantemente turca.

Conhecida também como a pérola do Egeu, Esmirna *é* a mais ocidentalizada cidade da Turquia.

2. A igreja em Esmirna. Informa Lucas que, durante a escada de Paulo em Éfeso, toda a Ásia Menor foi alcançada pelo Evangelho: “Durou isto por espaço de dois anos, dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos'’ (At 19.10, ARA). Infere-se, pois, tenha sido a igreja em Esmirna estabelecida nesse período. Ela nasceu juntamente com as outras igrejas da Ásia Menor.

3* O anjo da igreja em Esmirna. O pastor da igreja em Esmirna, a quem o Senhor Jesus chama de anjo, era provavelmente Policarpo (69155). Originário de uma família cristã, ele sempre se identificou como discípulo do Evangelista, a cujos pés assentava-se, ainda criança, a fim de

lhe ouvir as histórias do Nazareno.

Foi o próprio apóstolo quem o teria ordenado como pastor de Es-mirna. Policarpo era honrado em todo o Oriente em virtude de sua sabedoria, jusriça e amor. Ortodoxo e bíblico, jamais parou de combater as heresias semeadas pelos obreiros da iniquidade. Nunca deixou de imolar-se pelo Reino e de oferecer-se em holocausto pelo Rei.

Ele era amigo íntimo do teólogo Irineu e de Ignácio, bispo de

A..ntioquia, _

Certa vez, viajou para Roma, a fim de avistar-se com Aniceto. Ali, representou as igrejas da Ásia Menor num concilio convocado para discutir a data a ser observada na celebração da Páscoa. Embora jamais tivessem chegado a qualquer acordo, Policarpo e Aniceto mantiveram uma gratifi-

cante comunhão. Ainda em Roma, deparou-se com o herege Marcion, a quem logo apelidou de primogênito de Satanás.

O martírio de Policarpo, ocorrido em 155, foi descrito numa carta que a igreja em Esmirna endereçou à sua coirmã em Filomélio. A missiva narra que o procônsul romano, Antonino Pio, tudo fez a fim de persuadi-lo a renegar a santíssima fé. Atinai, por que um homem, em sua idade, haverí a de enfrentar tamanho sofrimento? O irmão Policarpo, contudo, sustenta um firme testemunho diante do algoz: "Tenho servido a Cristo por 86 anos. Ele nunca me fez nada de mal. Como iria eu, agora, blasfemar contra o meu Rei? Ele deu a sua vida por mim, salvando-me dos meus pecados. Eu sou um crente!”

II. A APRESENTAÇÃO DO MISSIVISTA

Estas coisas diz o primeiro e o último, que esteve morto e tornou, a viver (Ap 2.8)

A uma igreja ameaçada no tempo, apresenta-se Jesus como a própria eternidade (Is 9.6). Ele é o primeiro e o último. Por isso os crentes de Esmirna nada precisavam temer. Seus inimigos podiam até tirar-lhes a vida temporal, mas eram incapazes de privá-los da eterna. Então, por que se aborrecer com o império de Satanás se eram cidadãos do Reino de Deus? Logo, os romanos, embora possuíssem suficiente autoridade para condená-los à fogueira, nenhum poder tinham para lançá- los no lago de fogo. Não foi o que nos assegurou o Senhor? (Mt 10.28).

O pastor da igreja em Esmirna consola-se até mesmo diante da própria morte, pois o seu Redentor "esteve morto e tornou a viver". E sendo o Primeiro e o Último, protagoniza a 1 história como Rei dos reis e Senhor dos senhores. No princípio de todas as coisas, fez-se presente; na consumação de tudo, não estará ausente.

1. Jesus, o primeiro e o último. Só Jesus pode controlar soberanamente o tempo: Ele é o Pai da Eternidade, Nessa condição, apresenta-se ao anjo de Esmirna como o Primeiro e o Ultimo. Ele já estava no Pai antes que todas as coisas viessem a existir, e estará com os redimidos, em Deus, quando tudo for consumado: "Quando, porém, todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, o próprio Filho também se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos" (1 Co 15.28, ARA).

Se Jesus é o Primeiro e o Último, que poder tem a morte sobre Ele? O Filho cio Homem, de fato, morreu no tempo, mas nunca deixou de existir na eternidade como o Verbo Divino. No princípio, Deus criou nEle, através dEle e, para Ele, os céus e a terra. Sem Ele, nada existiría: "Todas as coisas foram feitas por intermédio dele, e, sem ele, nada do que foi feito se fez" (Jo 1.3, ARA). Aliás, a primeira coisa que Ele criou foi justamente o tempo. E quem melhor para gerar o tempo, senão o Pai da Eternidade? (Is 9.6).

Acerca da natureza eternal de Cristo, escreve o teólogo norte-americano Idiomas Paul Simmon: "A preexistência de Cristo significa sua existência antes da encarnação. Jesus existiu desde toda a eternidade, a Bíblia

o ensina mui claramente". Por isso, não devemos temer nem o início, nem o fim das coisas*, nele temos a vida eterna.

Se o mundo encara a morre como a maior das perdas, o cristão a enxerga como o maior dos ganhos. Foi o que declarou Paulo já bem próximo de seu martírio:

Porque estou certo de que isco mesmo, pela vossa súplica e pela provisão do Espírito de Jesus Cristo, me redundará em libertação, segundo a minha ardente expectativa e esperança de que em nada serei envergonhado; antes, com toda a ousadia, como sempre, também agora, será Crista engrandecido no meu corpo, quer pela vida, quer pela morte. Porquanto, para mim, o viver é Cristo, e o morrer é lucro. (Fp 1.19-21, ARA)

Jesus consola o anjo de Esmirna com a promessa da vida eterna. Aquele pastor sabia agora que, morrendo no tempo, continuaria a viver na eternidade. E, quando do arrebatamento da Igreja, levanrar-se-á do pó da terra, para receber a sua incorruptível herança.

2. Jesus, o que esteve morto e **tomou a viver.** O bispo de Esmirna viria a glorificar a Deus através do martírio. A morte que o esperava, conquanto indescritível, desmiir-lhe-ia o corpo, mas seria incapaz de desfazer-lhe a alma. A fim de ungi-lo para es,sa hora, Jesus apresenta-se a ele como o "que esteve morto e tornou a viver" (Ap 2.8, ARA).

A morte e a ressurreição de Cristo são a principal doutrina do Novo Testamento. Realçando a importância deste artigo de fé, protesta o apóstolo: "E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados'' (1 Co 15.17). Se o sepulcro houvesse retido a Cristo, não leriamos qualquer motivação para segui-lo, conforme escreve o irmão Paulo: "Se a nossa esperança em Cristo se limita apenas a esta vida. somos os mais infelizes

de Lodos os homens. Mas, de hu_o, Cristo ressuscitou dentre os mortos, sendo ele as primícias dos que dormem" (1 Co 15.20,21, ARA).

O apóstolo deixa bem claro aos coríntios: sc Cristo morreu c ressuscitou, nós também, embora ainda sujeitos à morte, não seremos aprisionados por ela. Ele acrescenta, igualmente, que nem todos morreremos, mas todos seremos transformados em glória quando do arrebatamento da Igreja (1 Co 15.51). Firmados nessa bendita esperança, os seguidores de Jesus sofrem a morte no presente, porque já desfrutam da vida no porvir. O escritor francês Michel Quoist

(1921-1997), ao avaliar os efeitos da morte na vida do crente, declara: “Para um cristão não existe a morte, ou melhor, ela é um simples ponto de partida, e não um termo”. Por isso, Policarpo encarava gloriosamente o seu martírio. Ele achava-se mais do que cônscio: no exaro momento em que fechasse os olhos na terra, abri-los-ia na Jerusalém Celeste.

III. A POBREZA E A TRIBULAÇÃO DE ESMIRNA

Conheço a tua tribulaçâo, a tua pobreza (mas tu és rico) e a blasfêmia dos que a si mesmos se declaram judeus e não são, sendo, antes,

sinagoga de Satanás. (Ap 2.9, ARA)

Domiciano era cultuado divinamente em Esmirna. Sua imagem, sempre talhada em finíssimo mármore, podia ser vista nos edifícios oficiais, nas praças e até mesmo nas esquinas mais acanhadas da cidade. No templo que lhe dedicara a municipalidade, o cruel imperador recebia os mais exaltados louvores daqueles que, embora lhe conhecessem a rolice, nenhum problema queriam com os romanos. Se alguém não lhe reconhecia a divindade, era despedido de seus empregos, tinha a casa confiscada e arriscava-se a ser condenado à morte.

Os santos de Esmirna, porém, não estavam dispostos a transigir com a sua fé. Firmados no Deus Único e Verdadeiro, confessariam o nome de Cristo diante do carrasco. Por causa de seu testemunho, tiveram de abandonar suas profissões e já não estavam na posse dc seus haveres. E, agora, encontravam-se na iminência de perder a própria vida. Sua tribulaçâo, porém, não era desconhecida por Jesus.

1. Tribulaçâo. Esmirna era a igreja menos atrariva da Ásia Menor. Em virtude de sua confissão, perseguiam-na os romanos, e os judeus, inexplicavelmente, a hostilizavam. Até mesmo algumas cie suas coirmãs a

evitavam. Definitivamente, não era um bom negócio buscar a comunhão com uma igreja pobre e socialmente excluída. Ninguém ajuizado arriscar-se-ia por uma congregação posta à margem da lei em consequência de um posicionamento extremado. Afinal, por que não admitir, pelo menos formalmente, que César era senhor?

Se ela o fizesse, cairia nas graças das autoridades e tudo ficaria bem. No entanto, uma igreja confessante jamais transigirá com a sua fé. Ela estava ciente de que a sua salvação dependia de uma perseverança que vai até o fim. O momento não

era de leniência e acomodações; aquela hora exigia um comprometimento singular com o Cristo dc Deus.

No auge de sua angústia, porém, Esmirna recebe uma carra de Jesus através do Evangelista. Entre outras coisas, garante-lhe o Senhor estar ciente de todas as suas provações: “Conheço a tua tribulação” (Ap 2.9, ARA). Logo, ela já não estava sozinha nem isolada. Jesus estava ao sen lado. Onisciente que é, Ele conhecia com exatidão as vicissitudes que lhe acabrunhavam o pequeno e humilhado rebanho.

2. Pobreza. Já imaginou uma igreja sem dízimos, nem ofertas? Se riqueza c sinal de aprovação divina, Esmirna já havia sido reprovada havia muito tempo. Sua pobreza era tal que não lhe possibilitava, sequer, manter um templo na periferia da cidade, Ela não possuía tesouro nem tesoureiro. Os seus membros, por haverem se recusado a adorar a Domiciano, haviam perdido empregos e status social. E não eram poucos os que viram os seus bens confiscados pela receita imperial. Na verdade, os irmãos de Esmirna não contavam nem com o indispensável para a subsistência diária.

Não sei que conselhos alguns de nossos teólogos dariam a Esmirna. Talvez dissessem tratar-se de uma igreja retrógrada e sem visão administrativa. Depois de muito arengar, ensinar-lhe-iam alguns truques para atrair os mais abastados. E não deixariam de mostrar-lhe como induzir os crentes a pôr de lado os seus compromissos, a fim de atender às demandas, sempre crescentes, do capitalismo eclesiástico. Dessa maneira, a igreja seria dirigida como se fora uma empresa. E, para arrematar os seus pareceres, apresentar-lhe-iam um método revolucionário dc crescimento financeiro. Não demoraria muito para surgir mais uma megaigreja: rica, grande e cheia de crentes vazios.

A igreja em Esmirna, porém, não estava interessada nesses artifícios e truques. O que ela pretendia mesmo era agradar ao Senhor. Se fosse necessário, oferecer-lhe-ia a própria vida.

Numa cidade como Esmirna, onde o status de um homem era medido pelos bens que ostentava, os crentes eram vistos como párias. Sem emprego, sem teto e sem pão, assemelhavam-se ao Lázaro que mendigava sob a mesa do rico avarento (Lc 16.20-25). E ainda corriam o risco de ser detidos por vadiagem, Jesus, porém, estava ciente dc sua penúria: “Conheço a tua pobreza' (Ap 2.9, ARA). O vocábulo *ptõcheia,* usado pelo Senhor, descreve alguém que se acha em extrerna

miséria.

Será que as igrejas da Ásia Menor náo se comoviam com as provações de Esmirna? A Laodiceia nada faltava. Efeso também era próspera. As outras, pelo que consta, não enfrentavam problemas financeiros. Então, por que não vieram em socorro da coirmá? Apesar de sua vocação universal, não conseguiam transcender-se localmente.

Não estamos nós agindo de modo semelhante? Agarrados às nossas zonas de conforto, recusamo-nos a ver a Igreja de Cristo em seu conjunto. E, assim, não mais nos importamos com os irmãos que, diariamente, são torturados por amor a Cristo. O que temos feito pela igreja mártir? Ou pelas igrejas que, embora vizinhas, são tratadas como sc estivessem em outro hemisfério?

3. A riqueza na pobreza. Apesar de sua extrema pobreza, Esmirna era mais rica do que as igrejas que, à semelhança de Laodiceia, professam uma teologia capitalista. Os bens destas são contados no tempo; os daquela são incontáveis na eternidade. É o que afirma Jesus ao anjo de Esmirna: “Mas tu és rico” (Ap 2.9). Laodiceia presumia-se abastada, mas não sabia que era, além de miserável, cega. Enquanto isso, Esmirna extraía, de sua extrema pobreza temporal, bens eternos e imperecíveis.

Esmirna não tinha ouro nem prata. Mas ainda era capaz de professar, com ousadia, o nome de Jesus. E Laodiceia? Com todo o seu dinheiro, podia fabricar sinais e prodígios como Janes e Jambres. Seus embustes, todavia, logo seriam descobertos. Não são poucas as igrejas que andam a inventar milagres. E como são convincentes. Aproveitando-se dos recursos da mídia e, tendo sempre à sua disposição um bom diretor de efeitos especiais, aré fogo fazem cair do céu. Mas, quando as luzes se apagam e o cenário c desmontado, já não podem ordenar ao paralítico: “Levanta-te e anda”.

Para scr cspiritualmente rica, uma igreja não tem de empobrecer-se materialmente. Ela só precisa fazer uma coisa: reconhecer a suficiência de Cristo. Somente os tolos confiam nas riquezas terrenas que, por mais avultadas, sempre acabam batendo asas (Pv 27.24).

4. Blasfêmias. Além de sua extrema pobreza, Esmirna enfrentava também uma campanha de difamação e calúnia, promovida por uns indivíduos que, mentindo, apresentavam-se como judeus. Não sabemos exatamente quem era essa gente.

Talvez algum grupo herético gentio que, buscando impor os costumes judaicos às igrejas daÀsia Menor, esperava, com isso, tirar algumas vantagens econômicas e sociais. Fizeram-se eles tão nocivos à obra de Deus que Jesus os chama de “sinagoga de Satanás” (Ap 2.9). Posto que Esmirna não lhes aceitasse as imposições, puseram-se a blasfemar o bom nome de seu pastor. O que eles não sabiam é que, atacando o pastor da igreja em Esmirna, estavam, na verdade, ofendendo gravemente o próprio Deus.

Movidos por um ódio gratuito e inexplicável, os falsos judeus fizeram daquela pobre igreja o segmento social mais odiado dc Esmirna.

Na Segunda Guerra Mundial, algumas igrejas levantaram-se contra a tentativa de Hitler dc nazificar o cristianismo alemão. A maioria das comunidades evagélicas, porém, opLou por abraçar a suástica. Houve inclusive teólogos que se esforçavam por mostrar que Jesus não nascera judeu, mas ariano. Enquanto isso, os pastores que se recusavam a aceitar o nazismo eram enviados aos campos de concentração, onde muitos foram executados. O caso mais célebre foi o do pastor Dietrich BonhocfFcr (1906-1945). Membro-fundador da Igreja Confessante, uniu-se à resistência e exortou os cristãos alemães a não aceitar a nazificação da igreja fundada por Martinho Lutero e a condenar, energicamente, o holocausto judaico.

A situação não mudou. Só há uma forma de se evitar a contrariedade c a perseguição: tomar a forma do mundo e aceitar-lhe a cultura pecadora e iníqua. Senão, preparemo-nos para enfrentar calúnias, difamações e até a própria morte.

IV. A TRIBÜLAÇÃO QUE ESTÁ POR VIR

Não temas as coisas que tens de sofrer. Eis que o diabo estd para lançar em prisão alguns dentre vás, para serdes postos à prova, e tereis

tributação de dez dias. (Ap 2.10, ARA)

Tribulações ainda maiores estavam por vir sobre os crentes de Es-mirna. Uns seriam presos e outros, condenados à morte. Mas se o Diabo supunha que com as suas investidas lançaria a congregação no atoleiro do

desânimo, estava enganado. Aquele aprisco dispunha-se a encarar todas as adversidades por amor a Cristo.

Os cristãos ocidentais talvez não tenham condições de avaliar a an-gústia dc Esmirna, Afinal, vivemos numa democracia que, embora imperfeita, garante-nos a liberdade de culto. Os orientais, entretanto, sabem o que isso significa. Reunindo-se em cavernas e ao descampado, arrisc.am-se todos os dias por sua fé. Apesar de tudo, nada temem. Os que os perseguem no tempo não podem atemorizá-los na eternidade.

1. **"Não** temas", Quando Hitler fazia o que bem entendia por toda a Europa, alguém perguntou ao teólogo alemão, Martin Niemoller, se ele nào temia ao cruei ditador. O corajoso cristão foi resoluto e firme: "Temo muito mais a Deus". Ele era animado pela voz de Cristo: "Não temas". Por isso, perseverou até ao fim.

Os crentes de Esmirna também nada temiam. Alguns eram presos. Outros tinham os bens confiscados, E ainda outros eram enviados à arena. Mas todos caminhavam placidamente em direção ao sacrifício final, por já estarem desfrutando da vida em Cristo. Em sua alma, as palavras do Senhor: "Não temas".

2, **Diabo, o promotor** das **perseguições*** Paul E. Holdcraft afirmou, cerra vez, que "o Diabo pode estar fora de moda, mas não de suas maléficas atividades". Como discordar de Holdcraft? Se num hemisfério, deleita-se em oprimir fisicamente a Igreja de Cristo, no ouLro, alegra-se em pressioná-la cultural e

institucionalmente. Só nos primeiros dois séculos, promoveu dez grandes ataques contra os cristãos. E, hoje, atribula as igrejas da África, deprime as da China, ameaça as do Oriente Médio, e no Ocidente, tão livre e democrático, acabrunha os filhos de Deus com suaves incursões. Quando as sutilezas falham, parte ele para a truculência.

Por isso, Jesus previne o anjo de Esmirna: “Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós” (Ap 2.10, ARA). Se era o Diabo, e não propriamente Roma, que atentava contra a Igreja de Cristo, a luta dar-se-ia não na esfera física, mas na espiritual. Nesse momento, o pastor dc Esmirna lembra-se do que Paulo escrevera aos efésios; a nossa luta não é contra o sangue e a carne, e sim contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes” (Ef 6.12, ARA). Portanto, eles não deveríam assustar-se com a prisão que os aguardava.

3. A prisão e a prova. Os romanos não tinham como política pública a ressocialização cios delinquentes. Suas prisões eram uma espécie cie sala cie espera, onde os inimigos do império, sob intensa tortura física e psicológica, aguardavam a morte. As celas mal ventiladas e fétidas não passavam de um depósito de geme. Haja vista a Prisão Mameruina localizada no fórum da antiga Roma. Quem a visita, tem a impressão de estar num sepulcro. Segundo a tradição católica, o apóstolo Pedro teria ficado aí ate a sua crucificação.

A prisão de Esmirna não diferia muito da Mamertina. Nesta, o Diabo em breve encerraria alguns crentes, conforme lhes adverte o Senhor Jesus: “Eis que o diabo está para lançar em prisão alguns dentre vós, para serdes postos à prova, e tereis tribulação de dez dias.” (Ap 2.10, ARA).

Uma leitura superficial do texto dá-nos a impressão de que, após os dez dias de encarceramento, aqueles crentes seriam soltos e tudo voltaria ao normal. Mas náo é o que o contexto dá-nos a entender. Na verdade, após o aprisionamento, viria a execução da pena capital. Foi por isso que o Senhor Jesus consola-os com a promessa da vida eterna,

A morte daqueles homens e mulheres seria precedida por uma tribulação singular. E o que inferimos destas palavras de Cristo: “para serdes postos à prova”. O vocábulo grego *peirazõ* não significa apenas prova; dá-nos a ideia também de um teste a que somos submetidos, a fina de que a nossa fé e virtude sejam devidamente averiguadas. A tribulação duraria dez dias, mas naquele

cárcere, e sob aquelas condições, parecería um século. Que a morte, então, viesse, pois no além achariam eles a recompensa eterna.

V. IGREJA CONFESSANTE É COROADA

Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida. (Af> 2.10)

Os crentes lançados na prisão de Esmirna sabiam muito bem o que os aguardava. Náo havería livramento. Nenhum anjo aparecería para arrancá-los do calabouço, nem para arrebatá-los da arena. Através do martírio, viriam a glorificar a Deus. No entanto, achavam-se tranquilos. Apesar da expectativa de uma morte lenta e cruel, muito cm breve haveríam de receber a coroa da vida.

Você e eu não sabemos quando seremos coroados com a vida eterna. Mas aquelas testemunhas de Jesus já estavam em contagem regressiva, para

entrar no gozo dc seu Senhor. Na cela apertada e úmida, iam eles computando os dias, de trás para frente, com ansiosa alegria, porque já viam o Unigênito em pé, à destra de Deus, para recebê-los na casa do Pai.

1. **A fidelidade.** Afirmou Williarn Gurnall (1617-1679) que “Deus náo quer nada mais do que a fidelidade de nossa parte”. O teólogo britânico busca realçar, nessa curta declaração, ser a fidelidade um dos principais atributos de Deus. Ele é fiel à sua palavra, às suas criaturas e ao plano de redenção que estabeleceu por intermédio de seu Unigênito. Por isso, demanda de cada um de seus filhos a mesma fidelidade.

Naquele momento de agonia, Jesus Cristo, o Fiei e Verdadeiro, estabelece uma aliança bastante particular com os crentes que, dentro de dez dias, estariam caminhando num circo romano, para selar a santíssima fé por meio do martírio. Só há uma forma de se escapar ao suplício: negar o Filho de Deus. Eles, porém, não estão dispostos a fazê-lo, pois já visualizam as ruas e logradouros da Jerusalém Celeste.

Os termos da aliança que Jesus estabelece com a igreja confessante em Esmirna são simples, mas singularmente eficazes: “Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida” (Ap 2.10). A palavra grega traduzida em português como fidelidade é bastante abrangente. O vocábulo *pis tos* significa: confiança, credibilidade, fé e fidelidade. Por conseguinte, tinham eles suficiente razão para crer em cada palavra de Cristo. Se o Senhor lhes requeria a vida no tempo, era porque tinha

autoridade para dar-lhes uma existência infinitamente melhor na eternidade. Ninguém mais, a não ser Jesus, tem permissão para exigir-nos semelhante coisa. Ele o faz, porquanto do Pai recebeu todo o poder nos céus e na terra.

Aqueles crentes foram executados corno inimigos do Império Romano e párias da humanidade. Aos olhos de Deus, contudo, eram os mais nobres dos homens. Segundo a história, o pastor de Esmirna não foi executado nessa ocasião. Ele ainda tinha muitas ovelhas a confirmar até o seu martírio, no ano 155.

2. A coroa da vida. Esmirna era afamada também por suas largas tradições esportivas. Quando dos jogos públicos, atletas de toda a Ásia Menor ali se reuniam ansiosos por quebrarem os próprios recordes, conquistar uma coroa de louro e, quem sabe, obter uma generosa pensão vitalícia. Nem sempre aqueles bravos e disciplinados rapazes recebiam um prêmio em dinheiro. Entretanto, a expectativa de se chegar à terra natal ostentando um galardão compensava qualquer sacrifício.

Nesses mesmos estádios, os campeões de Cristo apresentar-se-iam dentro de dez dias. Como já estavam todos classificados, não teriam de submeter-se a nenhuma prova eliminatória. Necessitavam apenas de uma coisa para obter a coroa da vida: fidelidade até à morte. As provas seriam indescritíveis. Uns seriam submetidos ao fogo. Outros enfrentariam as feras. Ainda outros se veriam frente a frente com as lanças romanas. Não obstante, deixariam o estádio da provação para serem introduzidos no pavilhão da glória celeste. A coroa que estavam prestes a receber era muito mais preciosa do que o Iaurel oferecido aos atletas gregos. Nem o ouro todo deste mundo poderia comprá-la.

VI. OS DANOS DA SEGUNDA MORTE

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte.

(Ap 2.11, ABA)

Ambrósio (340-397), discorrendo sobre a brevidade da vida humana, afirmou: “A morte é, para o justo, um porto de salvação; mas aos olhos do culpado, assemelha-se a um naufrágio”. Não posso discordar do piedoso e douto pai da igreja. Apesar de tudo, a experiência terminal jamais deixou de ser traumatizante. Diante da morte, o próprio Cristo chorou (Jo 11.35). E, já prestes a prová-la, rogou ao Pai: “Se queres, passa de mim este cálice; contudo, não se

faça a minha vontade, e sim a tua” (Lc 22.42, ARA).

Se a morte física é algo tão indesejável e terrível, o que não diremos da segunda morte? Vejamos, em primeiro lugar, o que é a morte como a conhecemos.

1. A primeira morte. A morte é descrita, tecnicamente, como o término do ciclo vital de um organismo. E o fim de uma vida. Oriunda do vocábulo latino *mor$_y$* a palavra *morte* recebe estes sinônimos em português: óbito, falecimento e passamento.

Por acreditarmos na ressurreição do corpo físico e na vida eterna, emprestamos à morte alguns eufemismos bastante poéticos. Quando falece um irmão na fé, costumamos dizer que ele passou para o Senhor. Ou que foi recolhido às mansões celestes. Ou, ainda, que foi promovido à glória. Segundo escreveu Michel Quoist (1921-1997), “para um cristão

não existe a morte, ou melhor, ela é um simples ponto de partida, e não um termo”. Aliás, o que nos deve assustar não é a morte do corpo, mas o que o Senhor Jesus chama de segunda morte.

2. A segunda morte. A morte eterna, ou segunda morte, é a separação definitiva e irremediável entre o pecador e Deus. E mais do que a morte espiritual. Se esta pode ter os seus efeitos anulados pelo sangue de Cristo, aquela não, por haver o impenitente rejeitado sistemática e conscientemente o sacrifício do Filho de Deus.

No Apocalipse, a segunda morte é o lago de fogo. Nesse lugar de indescritíveis horrores, os impenitentes, juntamente com o Diabo e seus anjos, serão atormentados dia e noite (Ap 14.11; 20.10). O lago de fogo, onde o próprio inferno será lançado, é um lugar real e não um estado de espírito, como supõem alguns teólogos. Esse local é conhecido também como trevas exteriores (Mt 8.12), Ai, haverá choro e ranger de dentes.

3- A promessa de vida eterna. Tendo em vista os horrores da segunda morre, os crentes de Esmirna, que em dez dias seriam martirizados, caminharam resolutamente diante do carrasco. Em seus ouvidos, soava a promessa do Senhor Jesus: “O vencedor de nenhum modo sofrerá dano da segunda morte” (Ap 2.11, ARA).

Embora cruel e dolorosa, a primeira morte nada era se comparada à segunda.

Esta durará enquanto perdurar a eternidade. Aquela, quando da ressurreição, será revertida em vida. O que mais motivava os crentes de Esmirna não era o medo da morte eterna, mas o incontido amor que nutriam pelo Cordeiro de Deus. Esta é a razão de ser de toda igreja con-fessante e mártir.

Conclusão

Não eram sete as igrejas da Ásia Menor? E não estavam elas localizadas numa mesma área? Por que, então, Esmirna achava-se tão isolada em seus apertos e angústias? Sua pobreza e tribulação eram notórias. Todavia, nenhuma de suas coirmãs prontificou-se a socorrê-la. A rica Laodiceia distraía-se com a prosperidade de sua teologia. Efeso, por seu turno, absorvia-se num ativismo insano e fatal. Pérgamo achava-se às voltas com a doutrina de Ralaão. Tiatira buscava livrar-se de Jezabel. Sardes havia morrido e ainda não o sabia. Quanto à Filadélfia, acredito que, amando indistintamente a

todos os irmãos, haveria de estender a mão à Esmirna. Pelo menos é o que se espera daqueles que ainda amam com o primeiro amor.

Elas faziam parte da Igreja Invisível e Universal. No entanto, sua perspectiva era ainda bem local. Nosso horizonte, às vezes, não vai além das instituições e não se abre além de um determinado contexro sócio-poiítico. Que a igreja ocidental venha a preocupar-se, de fato, com as suas congêneres que, neste momento, são perseguidas no oriente. A semelhança de Esmirna, essas igrejas são pobres e atribuladas, mas não abrem mão de sua confissão e não fogem ao martírio.

&-



Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Estas coisas diz aquele que tem a espada afiada de dois gumes: Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás, e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé, ainda nos dias de An tipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós,

onde Satanás habita. Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens aí os que sustentam a doutrina de Balaâo, o qual ensinava a Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos e praticarem a prostituição. Outrossim, também tu tens os que da mesma forma sustentam a doutrina dos nicolaítas. Portanto, arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas: Ao vencedor, dar-lhe-ei do maná escondido, bem como lhe darei uma pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe. (Ap 2.1 2-17, ARA)

Introdução

Quando Satanás não consegue destruir a Igreja de Cristo como o leão que a tudo devora, esgueira-se, entre os santos, como a velha e matreira serpente. Aqui, instila uma heresia. Ali, encanta os desavisados com inovações e modismos. Mais além, apresenta-se loquaz e irresistível, induzindo até mesmo os mais precavidos à apostasia. Finalmente, como a sucuri do Amazonas, constringe e sufoca os ministros do Senhor até inibir-lhes a reação. Não demora muito e o adversário entroniza-se na casa de Deus. E, daí, quem poderá expulsá-lo?

Foi o que aconteceu a igreja em Pérgamo.

Primeiro, vieram os discípulos de Balaáo que, sob o manto de uma espiritualidade afetada e exótica, logo acharam guarida naquele aprisco. Depois, chegaram os nicolaítas que, embora atrevidos e afoitos, também não encontraram dificuldades para se acomodar entre as pobres e desprotegidas ovelhas. Quando o ministério local deu por si, já não havia mais nada a fazer. O terreno já estava tomado pelo inimigo, E o pastor da igreja? Ele sabia que a situação era grave, mas não ignorava o que acontecera ao seu antecessor. Ao opor-se àquela situação, o destemido Antipas foi assassinado pelo grupo que sustentava o trono de Satanás.

As coisas, porém, não haveríam de continuar assim. Enojado com aqueles desmandos, o Senhor Jesus envia uma carta ao anjo de Pérgamo, por intermédio de João, urgindo-o a retomar o cajado e a reconduzir-lhe o rebanho na sã doutrina. Se ele não o fizesse, o próprio Cristo batalharia contra os iníquos com a espada que lhe sai da boca.

Como estão nossas igrejas? Será que, de alguma forma, não permitimos que o Diabo se entronizasse entre nós e não o percebemos? E hora de reagir contra o império das trevas.

I. A CIDADE DE PÉRGAMO

As realizações da cidade de Pérgamo logo se fizeram lendárias. Ela sabia como industriar o pergaminho e produzir livros de excelente qualidade. Sua biblioteca só era superada pela de Alexandria. Na medicina, achava-se bastante adiantada, apesar da superstição que lhe eivava os hospitais e escolas. Quanto à arquitetura, que as ruínas lhe testemunhem o bom gosto e a imponência. Basta transitar por

seus sítios arqueológicos para impressionar-se com os restos de seu anfiteatro, templos e o que lhe ficou das praças e ruas.

1. A história de Pérgamo. Não *é* fácil indicar com exatidão o início da história de Pérgamo. Suas origens jazem envoltas em densa e confusa mitologia. Diz uma lenda que foi em seus termos que teria nascido Zeus. Daí os muitos templos e altaies dedicados ao feitor dos deuses gregos.

Os antigos acreditavam também que a cidade havia sido fundada por Pérgamo, filho de Neoptolcmo e Andrômaca. A poesia não dá nenhuma indicação de onde precisamente morava o casal, e em que século começou a saga de seu filho. A crendice diz apenas que, depois de alguns desgostos na casa paterna, o jovem chega à Ásia Menor, onde enfrenta titãs e semideuses. Já triunfante em todas as batalhas, Pérgamo funda um reino ao qual dá o seu nome. Depois disso, nenhuma notícia há sobre a vida do intrigante e misterioso herói.

O que sabemos de concreto é que a cidade de Pérgarno já existia no século VIU a.C. Seus primeiros colonizadores eram de origem eólica. Numa época quase imemorial, seus guerreiros puseram-se a conquistar a região costeira da Ásia Menor e lhe foram alargando os limites em direção ao Egeu. Mais tarde, atacados pelos gauleses, eles os venceram, encerrando-os no interior do continente. No século II d-C., ainda havia na cidade uma interessante pintura que celebrava a vitória de Pérgamo sobre a Gália.

No período helenístico, a cidade foi escolhida como sede da dinastia atálida que, sem poupar investimentos, logra transformá-la numa das mais sedutoras metrópoles da época. Templos e escolas de medicina são construídos. Sua acrópole deslumbrava-se ao soí. Em 133 a.C., o rei Acallos III legou o Reino de Pérgamo aos romanos.

No século VIII d.C., os árabes invadem a cidade, arruínam-lhe os monumentos e lhe vandalizam os edifícios públicos. Seus moradores, porem, ignorando a sanha dos adversários, reconstroem a acrópole. Eles não permitem que o passado de Pérgamo seja apagãdo. Em 1330, a cidade passa ao domínio dos otomanos que, na ânsia por eliminar-lhe a memória crista, juncam-na de mesquitas e bazares. Não demoraria para que a Pérgamo do Apocalipse fosse confinada aos sítios arqueológicos, O seu território, hoje, é ocupado pelo município turco de Bergama. Sobre o destino da grande cidade, escreve o Dr. Herbert Lockyer; "Hoje em dia Pérgamo é uma cidade insignificante de ruínas imponentes.

Como muitas cidades históricas, sua glória passou. Por entregar-se à adoração da natureza, o que sempre leva à destruição e à corrupção, Pérgamo já nao existe como cidade viável".

2. A geografia de Pérgamo. Pérgamo localizava-se no antigo território da Mísia, às margens do rio Caico, a 30 quilômetros do Mar Egeu, Rodeada por altas montanhas, constituía-se numa fortaleza quase incon-

quistável. Sobre suas elevações, os reis auilidos construiram suntuosos edifícios e templos.

O rio Caico, sempre abundante e presente, fez do território de Per-gamo uma área mui propícia à agricultura.

3. A biblioteca e o pergaminho. Buscando superar Alexandria, Ata-lo I (241-197 a.C.) resolveu construir uma grande biblioteca era Pérga-mo. Enciumada e percebendo que podería, em breve, ser superada por Pérgamo, a cidade de Alexandria levou o governo do Egito a não mais exportar papiro à sua rival. Pérgamo, então, foi obrigada a procurar um material alternativo. E foi assim que teria surgido o pergaminho.

Procedente do vocábulo grego *pergaméne,* a palavra *pergaminho* é o nome que se dá à plataforma de escrita e leitura preparada a partir da pele de ovelha. As peles de carneiro e de cabra também eram utilizadas. O termo *pergaminho* passou, então, a ser empregado para descrever os

documentos escritos nesse material.

O pergaminho foi largamente utilizado até a Idade Média. E só começou a cair em desuso com a chegada do papel. Atualmente, ele é empregado na confecção de títulos e letras do Tesouro NIacionai, em virtude de suas propriedades naturais que lhe dificultam a falsificação. No Brasil, a matéria-prima é preparada no Nordeste.

A biblioteca dc Pérgamo, que chegou a possuir duzentos mil livros, teve todo o seu acervo ofertado por Marco Antônio à Cleópatra ern 30 a.C., enriquecendo ainda mais a cidade de Alexandria.

4. A escola de medicina dc Pérgamo. Foi em Pérgamo que nasceu o famoso médico romano Cláudio Galeno (129-217 d.C.). De origem grega, ele aí fundou

o Centro Médico Asclepium. Celebrado também como filósofo, Galeno escreveu mais de quinhentos trabalhos sobre medicina e saúde. Suas teorias dominaram a ciência médica do Ocidente por mais de mil anos. Apesar de a maioria de suas obras haver se perdido, sabe-se que as suas investigações abrangiam as seguintes áreas: terapêutica, fisioiogia, patologia, sintomatologia e anatomia. Ele foi um dos mais importantes médicos da história.

Além do hospital de Galeno, havia em Pérgamo muitas outras clínicas c escolas de medicina. Mas, conquanto afamadas como centros de pesquisas, eram conhecidas também por suas superstições. Haja vista os rituais a que se submetiam os pacientes. Eles se deitavam no chão, a fim

de que fossem tocados pelas serpentes. Acreditava-se que estas tinham poderes sobre determinadas doenças. É por isso que o símbolo de Asclépio, o deus da medicina, visível em coda a cidade de Pérgamo, é usado ainda hoje. Constitui-se num bastão tosco com urna serpente nele espiralada.

5. A religião de Pérgamo. Apesar de sua biblioteca, escolas e centros culturais, Pérgamo era dominada pela superstição e por uma idolatria que chegava ao ridículo. Em 29 a.C., ela recebeu o privilégio cie cultuar a Otaviano. Mesmo sabendo que o imperador não passava de um reles mortal, seus habitantes conferiam-lhe uma adoração que somente Deus era digno de receber. Todavia, se Roma disse que o homem era um deus, então que fosse adorado como tal.

Pérgamo rinha Atenas por padroeira. Seus altares achavam-se por toda a cidade que, sempre tão religiosa e politicamente correta, jamais deixou de incensar os demais deuses. O templo de Zeus ficava próximo à acrópole. Mais além, erguia-se. o altar a Hera, sua esposa. Ao lado do teatro, o nicho de Dionísio, o deus do vinho. Na acrópole propriamente dita, podia scr encontrada a casa de Demétrio, encarregado dos frutos da terra.

Um dos santuários mais frequentados de Pérgamo era o de Esculá-pio, o deus da cura. Em seu templo, acumulavam-se os enfermos, aguardando algum milagre.

6. O altaa- de **Pérgamo.** No final do século XIX, o arqueólogo alemão Carl Hurnann empreendeu uma tarefa que parecia irrealizável. Depois de um cuidadoso planejamento, conseguiu transportar o Altar de Pérgamo, erguido originalmente na então província romana da Ásia Menor, para a bela e ilustrada

Berlim. Com a persistência tão própria dos germanos, Humann pôs-se, já na capital alernã, a reconstruir o monumento, bloco por bloco, restaurando-lhe a configuração primitiva. Não demorou muito para que o estudioso montasse, na capital filosófica da Europa, o trono onde se assentara Satanás.

Se o altar ainda hoje causa espanto e admiração, imaginemo-lo na Pérgamo cios dias dc João. Nesta obra, cinzelada com tanto engenho, os habitantes cia Ásia Menor incensavam o imperador romano como se fora um deus. E ai de quem não se dispusesse a adorá-lo. Mas, na cidade, havia um grupo de homens e mulheres dispostos a não se curvar à criatura, pois tinha um firme compromisso com o Criador.

II. A IDENTIFICAÇÃO DO MISSIVISTA

*Ao anjo da igreja em Pérgamo escreve: Estas coisas diz aquele que tem a espada afiada, dc dois gumes*** (Ap 2* /2} A RA)*

O livro de Atos não registra o nascimento da igreja cm Pérgamo, Provavelmente, ela veio a surgir como resultado do trabalho missionário desenvolvido por Paulo em Éfeso. Nessa ocasião, toda a Ásia Menor foi alcançada pelo Evangelho de Cristo (Ar I 9.10).

Quis o Senhor Jesus, em sua inquestionável soberania, incluir Pérga-mo como uma das sete destinatárias iniciais do Apocalipse.

1. O missivista. A uma igreja sob intenso ataque, apresenta-se Jesus como "aquele que tem a espada de dois gumes" (Ap 2.12). Se o momento é dc guerra, ele não acenará com a paz. Ao comentar a referida passagem, o teólogo inglês Matthew Henry é incisivo: "A Palavra de Deus é uma espada capaz de cortar pecados e pecadores".

Na cultura romana, a espada era símbolo de poder, O vocábulo grego *romphaia* descreve uma arma longa e bigume, que devora tanto à direita quanto à esquerda.

2. O destinatário. Nenhuma informação possuímos acerca do pastor de Pérgamo. Da carta que lhe enviou o Senhor, por intermédio dc João, inferimos tratar-se de um obreiro fiel e perseverante. Mesmo sob fortíssima pressão, não recua e jamais renega o nome de Jesus. Mais adiante, voltaremos a falar desse valoroso homem de Deus.

III. O TRONO DE SATANÁS

Conheço o lugar em que habitas, onde está o trono de Satanás. (Ap 2.13a, ARA)

Ao ler a carta que Jesus endereçou a Pérgamo, fico sem saber onde, exatamente, estava o trono de Satanás. No templo de Zeus na acrópole? Ou na igreja de Deus na metrópole? De qualquer forma, a intervenção do Senhor fazia-se urgente, pois a situação dessa igreja era insustentável.

Grande parte dos estudiosos acredita que o Senhor Jesus referia-se ao magnífico altar que os cidadãos de Pérgamo haviam consagrado a Zeus em sua mais elevada colina. Quanto a mim, prefiro acreditar que o trono

de Satanás encontrava-se não na acrópole, mas na igreja que vinha mili-tando nessa cidade.

1. O domínio de Satanás. O adversário não poupa esforços para estender o seu império sobre o Reino de Deus. Sendo-lhe impossível apoderar-se da Igreja Invisível e Universal, levanta o cetro contra as igrejas locais. Em Pérgamo, por exemplo, não teve dificuldades para armar o seu trono entre os santos, pois ali dispunha de eficientes servidores: os discípulos de Balaáo e os nicolaítas. O império das trevas, porém, náo contava com a reação do Reino de DCLLS.

2. O Reino de Deus reage. Quando oramos ao Pai celeste: “Venha o teu Reino”, o domínio divino manifesta-se poderosamente entre nós, para anular o império do Diabo. No entanto, é indispensável que também roguemos a Deus: “Seja feita a tua vontade assim na terra como no céu”. Se não nos curvamos a essa petição, aquela se faz infrutífera, pois o estabelecimento do Reino de Deus está condicionado ao pleno cumprimento de seu querer. Se este é ignorado, o Rei ausenta-se de nossos negócios. Foi o que aconteceu em Pérgamo, quando o seu anjo optou por conviver com os nicolaítas e os discípulos de Balaáo. Entretanto, não podemos ignorar as virtudes desse obreiro.

IV. AS VIRTUDES DO ANJO DE PÉRGAMO

... e que conservas o meu nome e não negaste a minha fé. (Ap 2.13b, ARA)

Apesar das muitas tribulações que sobre si recaíam, o pastor de Pérgamo era um fiel e perseverante confessor. Náo se importava com as ameaças externas, nem com as adversidades internas. O mais importante para ele era glorificar a Cristo, quer pela vida, quer através da morte.

1. Fidelidade. Sobre a fidelidade, declara Hudson Taylor (18321903): “Podemos trair a Cristo não somente com a nossa palavra, mas também com o nosso silêncio”. O missionário inglês, que santificara 51 anos de sua vida à evangelização da China, sabia por experiência própria o valor intrínseco dessa virtude. Por isso, encontrou abundantes motivos para manter-se, fielmente, nos caminhos de E)eus.

Fidelidade também era um traço marcante no caráter do pastor de Pérgamo, conforme reconhece o próprio Senhor: “Conservas o

meu nome”. O verbo grego *krateõ,* usado nessa passagem, não significa apenas conservar; significa, ainda, reter, segurar e perseverar com firmeza. O que conserva o nome de Jesus obedece-lhe os mandamentos, e cumpre, mesmo com o risco da própria vida, todos os termos da Grande Comissão.

Se não lhe retivermos o nome, o que será de nós? É hora de nos vol tarmos ao Novo Testamento, a fim de. vivermos a autêntica religião cristã. Escreve Samuel T. Coleridge (1772-1834): “O Cristianismo não é uma teoria ou especulação, mas uma vida; não uma filosofia de vida, mas um processo de vida”. Como discordar do poeta inglês? Quem dessa forma vive o credo de Jesus, retém-lhe firmemente o nome.

2. Perseverança. Confessar o nome de Cristo em Pérgamo equivalia a uma sentença de morte. Conquanto não ignorasse o perigo, o pastor daquela intrigante cidade porfiava cm professar a santíssima fé no Filho de Deus. O próprio Jesus reconhece-lhe a audaciosa confissão: ‘"Não negaste a minha fé”. Por que ele agia dessa maneira? Ele sabia muito bem que, pior do que a morte no tempo, era a morte na eternidade.

A. palavra grega utilizada por Jesus para expressar o ato de negação é *arneomak* renegar, rejeitar e abjurar. Logo, quando alguém nega a Jesus, declara que não o conhece e que jamais teve um encontro experimental com Ele, Foi o que fez Pedro ao renegar a Cristo. Aliás, João, em seu evangelho, usa o mesmo termo, acrescido do prefixo *apo>* para descrever a tripla negação do pescador.

Quem renuncia a sua fé em Jesus será por ele rejeitado: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o confessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus” (Mt 10.32,33, ARA).

3. Uma fé conféssante. Se em Pérgamo era arriscado professar o nome do Senhor, no mundo atual não é menos perigoso. Em nossos dias, muitos são os homens e mulheres executados por confessar a Cristo. Até mesmo nos países celebradamente democráticos os cristãos são perseguidos. Embora não enfrentemos coliseus nem paredões, vemo-nos premidos por uma cultura pecaminosa e por uma liberdade sem liberdade que, usando de sutis artifícios, busca amordaçar-nos o testemunho cristão. Que a nossa fé, pois, se levante confessante e que jamais rema o martírio.

V. ANTIPAS, UM HOMEM CONTRA TODOS

... nos dias de Antipas, minha testemunha, meu fiel, o qual foi morto entre vós, onde Satanás habita, (Ap 2. J3c, ARA)

Na história da Igreja, náo foram poucos os homens que, em momentos de crise, levantaram-se contra todos. Haja vista Jerônimo Sa-vonarola (1452-1498). Em Florença, o corajoso pregador ergue a voz, brada contra o pecado e opõe-se contra os desmandos da igreja governada por Alexandre VI. Em consequência de sua ousadia, é preso e condenado à forca. Ainda não satisfeito, seus algozes queimaram-lhe o corpo em praça pública.

Em Pérgamo, também houve um homem que se levantou contra todos. Ele é citado nominalmente por Cristo. Diante da anarquia criada pelos seguidores de Balaão e pelos nicolaítas, Antipas nada temeu. Denunciou os hereges, condenou os apóstatas e não deixou impune os abomináveis. Por isso, resolveram matá-lo.

Alguns estudiosos acreditam que Antipas foi executado pelas autoridades romanas. Quanto a mim, creio que ele foi assassinado na casa de Deus pelos que se diziam Irmãos. Mas o seu sangue clamou ao céu desde a terra.

1. Uma biografia sem biografia. Quem foi Antipas? Chegou-se a sugerir ter sido ele o predecessor do anjo a quem Jesus endereçou a terceira carta do Apocalipse. O que de concreto sabemos é que esse valoroso obreiro era propriedade exclusiva do Senhor, conforme declara o próprio Cristo: “Minha testemunha, meu fiel”. O teólogo espanhol Samuel Perez Millos explica o

relacionamento de Antipas com Jesus: “Ele pertencia ao Senhor por redenção e o Senhor lhe pertencia por comunhão. Como a esposa dos Cantares de Salomão, podia declarar; ‘O meu amado é meu e eu sou do meu amado’”. Dois títulos de nobreza recebe Antipas do Senhor Jesus: testemunha e hei.

2. **Antipas,** a **testemunha.** Antipas fez jus ao significado de seu nome: levantou-se contra todos os que acolheram a heresia dos nicolaítas e não se opuseram à apostasia de Balaão. Sem nada temer, testemunhou contra a iniquidade e opôs-se firmemente contra os iníquos. Nessa luta, imbuira-se ele daquela coragem que levou os profetas hebreus a bradarem contra a rebelião de Israel.

O vocábulo grego *martys* carrega estes significados: testemunha legai, histórica e ética de um fato. *Martys*, portanto, é aquele que presencia uma ocorrência. Devido à perseguição movida pelas autoridades romanas contra os discípulos de Jesus, a palavra *mártir* passou a significar também aquele que é morto por não negar a sua fé.

No Apocalipse, a testemunha não é necessariamente o que experimenta a morte. Mas o que, motivado por suas convicções, proclama o nome de Cristo. Tomando emprestadas as palavras de Napoieão Bona-parte, é-nos permitido concluir: “Não é a morte que faz o mártir, mas a causa que ele abraça”.

3. Antipas, o fiel. Antipas é tratado pelo Senhor como “meu hei” não somente por sua crença firme e bem definida, mas principalmente por sua fidelidade. A palavra *pistos* era usada pelos antigos escritores gregos para descrever o que se mantém fiel nos negócios e no desempenho de suas funções oficiais. Era a primeira virtude exigida de um funcionário nos antigos reinos helenos. Quando do advento do Cristianismo, o termo passou a ser utilizado para caracterizar o crente que, além de professar a sua fé no Senhor Jesus, confessa-o até à morte.

Somente os cristãos autênticos e confessantes têm condições de observar a recomendação do Senhor: “Sê fiel até à morte”. Sem fidelidade a Cristo o autêntico cristianismo é impossível. Ao discorrer sobre essa virtude tão cara e tão preciosa, afirmou o missionário J. Hudson Taylor: “Todos os grandes homens de Deus foram homens débeis, mas que realizaram grandes empreendimentos, porque Deus levou em conta os seus esforços e fidelidade”.

4. **A morte de Antipas.** Quem matou Antipas? As autoridades romanas? É o

que diz a maioria dos comentaristas. Todavia, quando me aprofundo na carta que o Senhor Jesus enviou a Pérgamo, convenço-me de que ele foi morto pelos crentes apóstatas dessa igreja.

Jesus é bastante claro. Denuncia que Antipas foi morto “entre vós” — os crentes de Pérgamo. Não estava o Diabo ali entronizado? Se a sua missão é matar, roubar e destruir, a morte dessa fiel testemunha era apenas mais um assassinato em sua longa folha de homicídios, roubos e des-truicões.

5

VI. A HERESIA DE PÉRGAMO

Tenho, todavia, contra ti algumas coisas, pois que tens ai os que sustentam a doutrina de Balaão, o qual ensinava a. Balaque a armar ciladas diante dos filhos de Israel para comerem coisas sacrificadas aos ídolos epraticarem a prostituição.

Outrossim, também tu tens os que da mesma forma sustentam a.

doutrina dos nicolaítas. (Ap 2.14,15, ARA)

Se o pastor de Éfeso aborrecia as obras dos nicolaítas, o de Pérga-mo iiao somente as tolerava, como também dava acolhida ao ensino de Balaão. Assim, permitiu ele fosse a sua igreja invadida por heresias, modismos e maus costumes. Aquela congregação, agora, em nada diferia de Israel em Baal-Peor. Por isso, insurge-se o Senhor Jesus contra o seu anjo, censurando-o energicamente.

Torcendo a Palavra de Deus, invalidando a mensagem da cruz e induzindo os santos à iniquidade, os discípulos de Balaão e dos nicolaítas não se limitaram a Pérgamo: acham-se eles bem à vontade entre nós.

1. A doutrina de Balaão. Balaão é introduzido na História Sagrada como um daqueles gentios que dispunham de um conhecimento privilegiado de Deus (Nm 22.5-40). Não fosse a sua venalidade, pontificaria ao lado de Melquisedeque, Jetro, Agur e Jó. Todos estes, apesar de não pertencerem à comunidade de Israel, tiveram um encontro experimental com o Senhor (Gn 14,18; Êx 18.1; Jó 1.1; Pv 30.1).

Sua história tem início quando Balaque o procurou, oferecendo-lhe elevada soma para amaldiçoar os filhos de Israel, isso porque os israelitas, qual formidável exército, vinham desde o Sinai, cobrindo a face da terra e espalhando o medo e o pavor sobre a região (Nm 22.1-5). Vendo o rei moabita as tribos do Senhor, apavorou-se. Só havia um jeito, segundo pensava, de barrar o avanço daquela gente íorte e valorosa: lançar-lhe a maldição.

Não se pode, contudo, amaldiçoar a um povo a quem Deus cobrira de bênçãos. Teólogo assusto e velhaco, Balaão sabia que o único meio de amaldiçoar a Israel era induzi-lo ao pecado. Por isso, ensina Balaque a lançar tropeços no arraial dos israelitas. Já devidamente instruído, o rei de Moabe espalha, entre o povo de Deus, prosritutas cultuais que, utilizando todos os recursos da sedução sexual, arrastam os varões hebreus à idolatria e à prostituição. Em consequência, o Senhor mata num só dia a vinte e quatro mil israelitas (Nm 25.9), Os filhos de Jacó muito sofreram por causa do episódio de Baal-Peor (Dt 4.3; SI 106.28; Os 9.10).

A doutrina de Balaão foi replicada com sucesso em Pérgamo. Induzidos por falsos mestres e doutores, os santos foram tomando a forma do mundo. E, agora, já comungavam com os ídolos e punham-se a tomar parte nos rituais pagãos. Agora, rudo era permitido: comer dos alimentos sacrificados aos deuses e até prostituir-se ritualisticamente. Já não havia mais diferença entre o sagrado e o profano.

Em Pérgamo, a doutrina de Balaão não era apenas ensinada; era ze-losamente sustentada. O verbo *sustentar* significa, também, nesse caso, segurar, manter firme, reter. Isso significa que os discípulos de Balaão já lhe. haviam sistematizado o ensino, dando-lhe. um forte apoio teológico.

Heresias e modismos continuam a ameaçar a pureza doutrinai da Tgreja de Cristo. Se não reagirmos e se não brandirmos a espada do Espirito, o engano tomará o lugar da verdade e nos comprometerá os mais caros artigos de fé. Náo nos esqueçamos de que os apóstatas são teólogos competentes. Torcendo a Palavra de Deus, sempre acabam por apresentar um evangelho que, apesar de convincente, vai muito além daquele que recebemos.

2. A doutrina dos nicolaítas. Sc em Éfeso os nicolaítas não iam além das obras, em Pérgamo já avançavam com uma doutrina hem sedimentada. Sua teologia em nada diferia do ensino de Balaão. Aliás, até o significado dos nomes de ambos os

heresiarcas são semelhantes. Balaão significa *senhor do povo.* E Nicolau, *vencedor entre o povo.* Ambos tinham por alvo dominar a igreja, por intermédio de elaborados artifícios proféticos e teológicos. Eles sabiam como iludir os desavisados.

Agressivos e insolentes, eram mestres na arte da sedução teológica. Eles falavam o que os crentes queriam ouvir, e não o que necessitavam escutar. Não disse o apóstolo que, nos últimos dias, muitos apostatarão da fé, dando ouvidos a demônios? (1 Tm 4.1)

Influenciados pelo gnosticismo, os nicolaítas ensinavam que o importante era o espírito, pois a carne para nada servia. Então, que esta fosse exposta ao pecado e que no pecado se consumisse. Eles não viam o corpo como o templo do Espírito Santo, mas como algo que precisa ser destruído através de uma exposição fatal ao pecado. Eis porque eles entregavam-se às torpezas e náo se acanhavam em participar dos festivais pagãos, onde sexo e culto faziam parte da mesma liturgia.

3, O perigo da tolerância. Por causa de sua leniência, o pastor de Pérgamo era obrigado, agora, a engolir um ensino perverso, lascivo e corrupto. O que ern Éfeso era prática, em Pérgamo fez-se teologia.

Em nome da unidade dos santos, tolera-se às vezes o erro, o engano e até a apostasia. É claro que a unidade é valiosa, mas a sã doutrina é inestimável. A recomendação do apóstolo não pode scr desconsiderada: “Tem cuidado de ti mesmo e da doutrina. Continua nestes deveres; porque, fazendo assim, salvarás tanto a ti mesmo como aos teus ouvintes” (l Tm 4.1 6, ARA). Consideremos, a propósito, este axioma: a unidade só é possível através da ortodoxia doutrinária.

VII. QUANDO JESUS PELEJA CONTRA A IGREJA

Portanto, arrepende-te; e, se não, venho a ti sem demora e contra eles pelejarei com a espada da minha boca. (Ap 2.16, A PA)

O pastor de Pérgamo é conclamado ao arrependimento não por ter feito alguma coisa errada, mas por Haver deixado de fazer a coisa cerra. Ele se omitiu diante do avanço dos nicolaítas e dos discípulos de Balaão. Não estaremos nós incorrendo no mesmo erro?

Em busca do politicamente correto, amparam-se as heresias, abrem-se alas aos costumes pecaminosos e até concedem-se generosos espaços à apostasia. E o

resultado não poderia ser pior. Corremos o risco de perder a identidade como Igreja de Cristo e a vocação como Reino de Deus. Arrependamo-nos, pois, antes que o próprio Cristo intervenha direta e dolorosamente.

1. A espada de Cristo. A uma igreja que já começava a cair na apos-tasia, Jesus apresenta-se como aquele que peleja com a espada que sai de sua boca (Ap 2.16). Para essa peleja, o Senhor escolhe uma formidável arma de ataque. Em grego, o vocábulo *rhomphãia* descreve uma espada trácia dc lâmina alongada e que era bastante apreciada pelos legionários romanos. Sua lâmina bigume era ideal para cortar e perfurar mortalmen-te. Não é uma imagem perfeita da Palavra de Deus? (Hb 4.12)

O Senhor Jesus haveria de combater os discípulos de Balaão e os nicolaítas. Não era uma ameaça; era um ultimato: “Contra eles pelejarei”. Neste momento, o Cordeiro faz-se Leão. E apressa-se para o ataque. Se o anjo de Pérgamo não se posicionasse contra essa gente ímpia c repugnante, também seria alvo da ira do Filho de Deus.

2. **A punição do Cordeiro de Deus.** A punição não seria apenas verbal. Alguns morreríam fisicamente, porque espiritualmente já estavam mortos. O Senhor não mudou. Continua a batalhar contra aqueles que lhe querem destruir a Igreja.

A espada que lhe sai da boca é a sua palavra. Sim, a mesma palavra que criou os céus e a terra, que se fez arcano na boca dos profetas e louvor nos lábios de Davi. Agora, porém, a palavra faz-se verbo para combater o mal. A mesma palavra haverá de desfazer o Anticristo (2 Ts 2.8).

VIII. PROMESSAS AOS VENCEDORES

Quem tem ouvidos, ouça o que o Espirito diz às igrejas: Ao vencedor, dar~lhe-ei do maná escondida, bem como lhe darei urna pedrinha branca, e sobre essa pedrinha escrito um nome novo, o qual ninguém conhece, exceto aquele que o recebe. (Ap 2.17, ARA)

1. O maná escondido. Diz uma tradição judaica que, quando da destruição de Jerusalém em 586 pelos babilônios, o profeta Jeremias, com a ajuda de um anjo, escondeu a arca sagrada, na qual havia um vaso dc ouro com uma porção do maná. Acrescentam alguns rabinos que a arca permanecerá oculta até que o Messias se revele a Israel. Nessa ocasião, a arca será novamente vista pelos judeus que, para demonstrar a sua comunhão com Jeová, passarão a alimentar-se

do pão dos anjos. Na verdade, a arca da aliança jamais será encontrada e a porção do maná que nela se achava não existe mais desde a destruição do Santo Templo. E o que afiança a Palavra de Deus (Jr 3.16).

A. promessa que Jesus fez ao pastor de Pérgamo rem um sentido muito mais profundo do que supõe o folclore judaico. O maná escondido refere-se à perfeita comunhão que, na Jerusalém Celeste, desfrutaremos com o Senhor Jesus. Se hoje já nos é tão prazenteiro participar da Santa Ceia, na qual celebramos a morte, a ressurreição e o retorno do Senhor, o que não diremos da refeição que nos aguarda na sala do banquete, onde o seu amor nos será esLendido como estandarte? Aleluia!

Muitos virão do Oriente e do Ocidente e assencar-se-áo com Abraão, Isaque e Jacó. Nessa gloriosa assembléia, que desconhece tempo e espaço, desfrutaremos de uma perfeitíssima comunhão com o Pai, com o Filho e com o Espírito Santo.

2. **A pedrinha branca.** No mundo greco-romano, a pedrinha branca era utilizada em várias ocasiões. Servia como ingresso nos jogos públicos. Era usada nos tribunais para indicar a absolvição de um réu. E, também, era trocada pelos amigos como prova de sua mútua afeição. Neste caso, vinha a pedrinha com o nome do amigo.

Ao anjo de Pérgamo, o Senhor estava para entregar uma pedrinha assinalando-lhe diversas coisas: a justificação ante o tribunal de Deus, o acesso ao trono da graça e a prova, não de uma simples amizade, mas de um amor eterno.

3. O novo nome. Nessa pedrinha, vinha também o novo nome do pastor de Pérgamo, concedendo-lhe a cidadania celeste. Na Jerusalém que desce dos céus, nós também receberemos um novo e glorioso nome, indicando-nos a origem espiritual e a união com o Senhor. Somente a esposa do Cordeiro é digna de receber a pedrinha branca, pois sabe como ouvir a voz do Espírito Santo,

Conclusão

Para que o pastor de Pérgamo recebesse todas essas promessas, ele só precisava de uma coisa: adotar a postura de um vencedor e zelar pela igreja que lhe confiara o Senhor Jesus. O irmão Antipas já estava de posse de todas essas bem-aventuranças, porque não temeu expor-se pelo Reino de Deus. E, por isso mesmo, ousou desafiar o império de Satanás.

Que o exemplo de Antipas venha a calar bem profundamente em nossa alma. Nos dias atuais, nem sempre é possível, e aconselhável, agir politicamente correto. As vezes, as urgências da Igreja de Cristo constrangem-nos a que nos levantemos contra todos, a fim de que, em tudo, seja manifestada a glória de Deus.

5



Tiatira, a Igreja tolerante

Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido: Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras. Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos. Dei-lhe tempo para que

se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita. Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e vos darei a cada um segundo as vossas obras. Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás: Outra carga não jogarei sobre vós; tão-somente conservai o que tendes, até que eu venha. Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cetro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também eu recebi de meu Pai, dar-Ihe-ei ainda a estrela da manhã. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. (Ap 2.18-29, ARA)

Introdução

A igreja em Tiatira vivia um interessante paradoxo. Se internamente enfrentava gravíssimos problemas, externamente seu amor fazia-se cada vez mais conhecido. Num círculo de impressionantes virtudes, suas últimas obras excediam em qualidade às primeiras. Por isso, ela recebe de Jesus um elogio franco e aberto. O Senhor, porém, não deixa de censurar-lhe o pastor por estar tolerando uma profetisa, que lhe vinha desencaminhando as ovelhas com um ensino inspirado nas profundezas de Satanás.

Sua leniência era insuportável aos olhos de Deus. Urgia-lhe, pois, restabelecer a disciplina espiritual do rebanho, e reprimir o grupo daquela mulher que, figurativamente, recebe do Senhor o epíteto de Jezabel.

O momento não era de contemporizações. Se o pastor de Tiatira continuasse a agir de maneira politicamente correta, acabaria por perder todas as ovelhas. Além do mais, o Espírito Santo não o chamara para ser homem do povo, mas para atuar como homem de Deus. Portanto, que ele agisse com o rigor que o momento requeria. Que o cajado lhe voltasse às mãos e não mais condescendesse com os inimigos da Igreja de Cristo.

I. TIATIRA, A CIDADE DO COMERCIO

Na era apostólica, Tiatira era mundialmente conhecida por sua produção de tecidos, entre os quais destacava-se o índigo. Aí residia a empresária Lídia, convertida a Cristo em Filipos através do apóstolo Paulo. E à semelhança de outros tiatirenses, dedicava-se ela ao comércio de têxteis (At 16.4). Segundo se acredita, foi por seu intermédio que o Evangelho chegou à cidade.

Além de sua importância comercial, Tiatira era respeitada também por causa da base militar que Roma mantinha em seu perímetro urbano.

1. A história. Não se sabe exatamente quando começa a história de Tiatira. Supõe-se que no, início, ela não passava de um vilarejo consagrado ao culto de Tirimnos, o deus sol que os lídios tanto veneravam. Por volta do século III a.C., a cidade foi totalmente remodelada por Seleuco Nicator (301-281 a.C.) que, para dominá-la cultural e etnicamente, implanta ali uma grande comunidade grega.

Sua história não apresenta grandes incidentes. Há que se ressaltar, porém, a

incursão que lhe fez Antíoco, o Grande, em 190 a.C. Apesar dos embaces que se seguiram entre as tropas do rei e o exército romano, ela não sofreu perdas significativas.

Ela, finalmente, sepulcou-se sob a moderna Akhisar. Com seus mais de setenta mil habitantes, dedica-se hoje à confecção de tapetes. Em turco, a palavra *Akhisar* significa literalmente "castelo branco": uma referência às alvas ruínas de uma fortaleza medieval localizada nas vizinhanças da atual cidade. Sua história é tão tranquila que, até agora, nenhum arqueólogo propôs-se a escavar-lhe as ruínas, a fim de lhe reconstruir o passado.

2. A religião de Ti atira. A religião de Tiatira inspirava-se nos mitos que Homero e Hesíodo versejaram. Misturando fatos e lendas, seus deuses fizeram-se tão numerosos quanto os homens. E, à semelhança destes, eram profanos, concupiscentes, orgulhosos e vingativos.

Em grego, *Tiatira* significa sacrifício contínuo.

Além dos deuses capitaneados por Zeus, o imperador de Roma também possuía os seus altares na cidade. E ai de quem se recusasse a prestar-lhe culto. Além de ter os bens confiscados, podia ser condenado à morte.

Na Tiatira dos tempos bíblicos, havia um templo dedicado a Samba-te, de onde uma profetisa enunciava suas adivinhações. Por isso, alguns comentaristas a veem como a Jezabel de que fala Jesus (Ap 2.20). Como veremos mais adiante, a mulher que pervertia a igreja em Tiatira era, na verdade, uma cristã que, embora apóstata e inimiga de Deus, passava-se por uma crente piedosa.

3. As guildas. Os profissionais em Tiatira, para defenderem seus direitos, organizavam-se numa espécie de sindicato conhecido como guil-da. Cada agremiação tinha um deus como patrono. Negócios e religião misturavam-se de tal forma que as reuniões de classe mais pareciam um culto e, geralmente, acabavam em abomináveis orgiais. Num ambiente como esse, os profissionais cristãos sofriam todos os tipos de constrangimento. E não eram poucos os que, não suportando o estresse, abandonavam a organização, sendo impedidos, a partir daí, de exercer qualquer atividade profissional.

4. **O terremoto.** Durante o reinado de Otávio Augusto (27 a.C.-1,4 d.C.)> Tiatira foi arrasada por um terremoto. Apesar da devastação, a cidade foi completamente reconstruída pelo Império Romano. No cenário político e

histórico, porém, ela não era abalada por qualquer acontecimento. Sua rotina parecia inalterada.

5. **O Evangelho chega** à **cidade.** É bem provável que o Evangelho tenha chegado aTiatira por intermédio de Lídia. Evangelizada por Paulo em Filipos, retornou à cidade natal como portadora da$ Boas Novas de Salvação (Ar 16.14). Em sua terceira viagem missionária, o apóstolo haverí a de confirmar o trabalho ah estabelecido (At 19.10).

li. Jesus apresenta-se ao anjo em ti atira

Ao anjo da igreja em Tiatira escreve: Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos corno chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido. (Ap 2.18, ARA)

A uma igreja que se havia conformado com csre mundo, apresenta-se Jesus como aquele que nos sonda as mentes c os hemisférios mais escuros da alma. Sua onisciência não pode ser ignorada. Ele é tão Deus quanto o próprio Deus (Fp 2.5-8). E, tendo recebido do Pai todo o poder, executa o juízo divino tanto sobre os ímpios quanto sobre os que, embora se presumam igreja, não mais se acham ligados ao corpo místico dc Cristo. Ao pastor em Tiatira, portanto, singulariza-se Jesus como o Pilho de Deus c o Supremo juiz de toda a criação.

1. Jesus, o Filho de **Deus.** Durante o seu ministério terreno, o Senhor Jesus apresentava-se como o Filho do Homem, a fim de identificar-se plenamente com a humanidade, Mas ao anjo da igreja em Tiatira Ele expõe todas as suas credenciais divinas: “Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido” (Ap 2.18, ARA). Jesus é o Filho de Deus e o Juiz Supremo de todo o Universo. Além disso, faz questão de ressaltar a sua onisciência, para deixar bem claro que nada pode fugir ao seu conhecimento. Ele está no comando de todas as coisas, pois sabe o que sc passa no mundo, na Igreja, em nossa casa e em nosso coração.

Em Tiatira, havia um grupo que lhe desafiava aberta e insolentemente a soberania. Liderados pela infame e íasciva Jezabel, eles procediam como se Jesus não passasse de um mero conceito teológico. Mas, em breve, haveríam de se deparar com o Filho de Deus que, ao contrário do que muitos crentes supõem, não é uma abstração histórica, mas o Senhor da

História. Ele viria julgar e punir a todos os que, profanamente, andavam em sua

casa.

2. **Jesus, o onisciente Filho de Deus.** Devido à situação lastimável da igreja em Tiarira, apresenta-se Jesus também como o onisciente Filho de Deus: “Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama ds fogo” (Ap 2.18, ARA). O Senhor Jesus denuncia abertamente o pecado que era ocultamente praticado. A falsa espiritualidade de Jezabel e dos que com ela adulteravam é desmascarada. Doravante, suas profecias não receberíam qualquer crédito.

Aos olhos humanos, o movimento profético de Jezabel era fervorosamente espiritual. Aos de Cristo, porém, só havia um fervor artificial-mente sustentado. Descritos como chamas de fogo, os olhos do Senhor sãos os únicos, em todo o Universo, capazes de distinguir perfeitamente o que vem ocorrendo em nossas igrejas. Por isso, ajamos de acordo com a Palavra de Deus. Os homens podem ser enganados por uma postura eclesiasticamente perfeita, mas o Senhor Jesus não se deixa levar pelas aparências. Ele tudo examina c tudo escrutina; nada escapa ao seu olhar investigativo.

3. **Jesus, o Justo Juiz.** O bronze é um dos emblemas mais perfeitos da justiça divina. Pelo menos é o que inferimos desta declaração do Senhor Jesus ao anjo da igreja em Tiarira: “Estas coisas diz o Filho de Deus, que tem os olhos como chama de fogo e os pés semelhantes ao bronze polido” (Ap 2.18, ARA). Nessa afirmação, o Senhor previne o pastor de Tiatira que Deus está prestes a julgar os ixríquos que, em sua casa, se passam por justos. Por isso, se o julgamento divino tem de começar, que tenha início no arraial dos santos.

A semelhança de Tiatira nossas igrejas vêm perdendo rapidamente sua identidade como Reino de Deus. Os falsos doutores, além de espoliar os santos, torcem a sã doutrina c introduzem costumes exóticos e imorais em nossos rebanhos. Levantando vultosas ofertas, os filhos de Balaão corrompem pastores, desviam os jovens da verdade e investem-se contras as santas mulheres, como se estas fizessem parte dc seu harém particular.

No púlpito, contam mentiras, inventam milagres e, insolenternenre, criam um deus segundo a sua ambição e de acordo com as suas concu-piscências. Dão-se ao adultério, deleitam-se com a falsidade, folgam em difamar o próximo e eivam de heresias nossas tribunas e cátedras. Se forem contrariados em seu perverso intento, não vacilam em tirar a vida do próximo. O Justo Juiz, porém, chamará todos a prestar-lhe contas. E ninguém haverá de faltar a essa audiência, nem

mesmo os que se acham sobrecarregados de virtudes.

III. AS VIRTUDES DO PASTOR EM TI ATIRA

Conheço as tuas obras, o teu amor, a tua fé, o teu serviço, a tua perseverança e ãs tuüs últimas obras, mais numerosas do

que as primeiras. (Ap 2.19, ARA)

O currículo do pastor da igreja em Tiatira era quase tão impressionante quanto o do seu colega de Efeso, Em alguns aspectos, até superava as qualidades e virtudes deste. Suas últimas obras, por exemplo, avulra-vam-sc mais admiráveis e ricas do que as primeiras. Seu amor ainda conservava a ardência dos primeiros tempos. E a sua fc, sempre viva e eficiente, impulsionava-o a realizar surpreendentes serviços ao Senhor Jesus,

Havia, porém, um ponto fraco em seu currículo. Teologicamente, não tinha o mesmo preparo do pastor de Efeso, Essa foi a causa que o levou a tolerar a profetisa Jezabel que, sob o apanágio de urna espiritualidade afetada e bizarra, havia assumido a vanguarda do ensino naquele redil.

A falta de preparo bíblico é fatal para o obreiro. Não resta dúvida de que o amor e o serviço são indispensáveis ao ministério cristão. A teologia, porém, não deve ser desprezada. Sem ela, corremos o risco de enfraquecer os laços da caridade fraternal, debilitar a esperança escatológica, contaminar a santíssima fé e inutilizar nossas boas obras, pois tudo o que fazemos reclama uma justificativa teológica. Além. do mais, o nosso ministério somente será completo se formos aptos para o ensino. Caso contrário, jamais poderemos edificar a Igreja de Cristo, porquanto esta somente haverá de ser fundamentada através da administração da Palavra do Deus.

1. As primeiras obras. O pastor da igreja em Tiatira via as boas obras e a fé corno um perfeito binômio da vida cristã. Ele tinha as primeiras como evidência da segunda. Foi, por isso que o seu ministério, apesar da crise que lhe assolava a igreja, jamais experimentou descensos. Das palavras que lhe endereçou o Senhor Jesus, inferimos que a sua carreira esteve sempre em franca ascensão. Isso pode ser observado, também, por suas obras. As últimas mostraram-se mais perfeitas e abundantes do que as primeiras.

Devido à ênfase que a Reforma Protestante emprestou à doutrina da salvaçáo

pela fé, a fim de debelar a praga das indulgências, os evangélicos foram induzidos a não se importar com as obras que devem caracterizar a vida cristã. Martinho Lutero, aliás, chegou a tratar com descaso a Epístola de Tiago, por causa do realce que o irmão do Senhor dá às boas obras. Todavia, o reformador parece ter se esquecido de algo muito importante. Fora Tiago quem se expôs energicamente, no Concilio de Jerusalém, para combater os judaizantes, que buscavam escravizar os crentes gentios com ritos e ordenanças que diziam respeito apenas à nação hebreia,

Numa leitura atenta de Tiago, constatamos que, em momento algum, ele despreza a fé. Mas, sabiamente, mostra as obras como a manifestação de uma fé viva e eficaz em Cristo Jesus. Se recorrermos às epístolas dc Paulo, verificaremos que o apóstolo, na verdade, faz questão de ressaltar a doutrina da salvação pela fé. No entanto, jamais despreza a importância das boas obras. Aos irmãos de Efeso, declara: “Porque pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus; não de obras, para que ninguém sc glorie. Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (EÍ2.8-10, ARA).

O pastor de Tiatira, embora não fosse um teólogo tão profundo quanto o seu colega de Efeso, sabia que a fé e as obras são inseparáveis; são um binômio perfeito. Através da fé c, por intermédio das obras, demonstrava ele um grande e provado amor tanto a Cristo quanto à sua Igreja.

2. O amor que não perdeu a primazia. Sc Efeso esqueceu o primeiro amor, Tiatira tinha-o sempre como a prioridade máxima de seu relacionamento com o Senhor Jesus. Como imaginar um amor como esse? Sim, como descrever um amor que jamais perdeu seus atributos como a principal virtude da teologia bíblica? Infelizmente, convencionamo-nos a ver a vida cristã como algo descendente. Hoje, perdemos o primeiro amor, e nos acomodamos. Amanhã, deixamos ir embora todo o nosso compromisso com o Reino de Deus, e não sentimos qualquer remorso. Depois, já compietamente conformados com o mundo, não mais nos importamos com os que, celeremente, caminham para o inferno, porque nós mesmos já não nos importamos com o destino de nossa alma. Tiatira, porém, apesar de seu frágil alicerce teológico, jamais deixou dc amar a Cristo com o primeiro amor.

Mas qual a evidência do amor de Tiatira? Afirmou John Srorr que o verdadeiro amor cristão é mais serviço do que sentimento. No entanto, náo podemos

confundir serviço com ativismo. Efeso, por exemplo, era mais ativa do que Tiatira. Todavia, permitiu que o serviço a Cristo caísse na perigosa vala do ativismo. Enquanto isso, a igreja em Tiatira, cada vez mais amorosa, tudo fazia por agradar ao Senhor Jesus. Seu amor também se traduzia numa fé viva e atuante.

3. A fé que continuava viva. Tiatira empenhava-se corajosamente pela expansão do Reino dc Deus. Sua fé, agora mais viva c eficiente, traduzia-se em obras e serviços. Apesar de sua debilidade teológica, jamais deixou de evangelizar, discipular e fazer missões. Ela não se importava com os interditos das autoridades locais. O Império Romano era-lhe apenas um pequeno e desprezível detalhe, em seu impressionante avanço como Reino dc Deus. Ela não se deixou mumificar pela burocracia da organização. Organismo vivo que era dc Cristo, podia apresentar ao Senhor Jesus, por intermédio de sua fé, uma impressionante folha de serviços.

4. **Serviço que era abundante,** Náo podemos separar a oração do serviço. Quem ora jamais deixa de trabalhar e quem trabalha na seara do Mestre não pode deixar dc orar, porque sabe que o crescimento de sua lavoura depende do Senhor. Orar e trabalhar! Que este seja o lema de todo o obreiro crisráo. Radicalmente comprometido com o avanço do Reino dc Deus, afirmou j. Blancbard: “Tentar fazer qualquer trabalho para Deus sem oração é táo inútil corno tentar lançar um satélite com um estilingue”. Quantas igrejas que, por falca de uma vida fervorosa de oração, não foram minguando em seu serviço ao Senhor até desaparecer por completo? Não passam hoje dc meros ajuntamentos sociais sem qualquer expressão como Reino de Deus.

Quanto mais oramos, mais somos impulsionados pelo Espírito Santo a nos esforçar pelo Reino de Deus. Todavia, se deixarmos de buscar a face do Senhor, cairemos rapidamente no vale do comodismo e da dormência espiritual. Não demorará muito e substituiremos a evangelização por uma postura social e política que se acomode aos reclamos deste mundo. Trocaremos a ética cristã pela hipocrisia que caracteriza este século. E, logo, apesar de nossas cores denominacionais, transitaremos numa área cinzenta e fatal.

Tiatira era uma igreja de abundantes serviços. Apesar de o mundo fê-la invadido através da perversa Jezabel, ela continuava a avançar contra o mundo. Ela jamais deixou de forçar as portas do inferno, e estas já náo conseguiam resisti-la, pois suas últimas obras eram mais abundantes do que as primeiras. Por isso, foi

elogiada pelo Senhor.

5. As últimas obras# As últimas obras do pastor de Tiatira são consideradas, pelo Senhor Jesus, melhores e mais abundantes do que as primeiras: "... as tuas últimas obras, mais numerosas do que as primeiras" (Ap 2.19, ARA). O pastor de Efeso, ao contrário, fora exortado a voltar às primeiras, pois as últimas, ainda que perifericamente boas, não tinham a excelência requerida pelo Senhor Jesus.

Dos elogios que o Senhor Jesus endereça ao pastor de Tiatira, concluímos que a sua espiritualidade foi ascendendo de forma acentuada. Não fora a sua fragilidade teológica, seria ele considerado um ministro perfeiro. Infelizmence, seu despreparo bíblico-teológico levou-o a tolerar a abominável Jezabel.

IV. A TOLERÂNCIA PECAMINOSA

Tenho, porém, contra ti a tolerares que essa mulher\ Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduzo, os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas

sacrificadas aos ídolos. (Ap 2.20, ARA)

Nos templos pagãos da Ásia Menor, era muito comum a presença de uma profetisa. Envolta em mistérios e incongruências, enganava os devotos que, todos os dias, traziam-lhe sacrifícios, interrogações e luxú-rias. E, já instruídas cm sofismas e obviedades, despediam seus pobres e tolos consulentes sem nenhuma resposta concreta. Mas todos se sentiam satisfeitos. Assemelhavam-sc aos astrólogos que, todos os finais de ano, apresentam previsões que se enquadram nos contextos mais esdrúxulos.

Tais mulheres eram mestras na arte da sedução. Aliás, o sexo fazia parte dos rituais que, naqueles templos, era liturgia e culto. Elas sabiam como arrastar os moços à prostituição e os pais de família ao adultério. Dessa forma, aquelas rameiras ajudavam a cancerar a civilização greco-latina, levando a metástase à gloriosa Roma.

Infelizmente, uma dessas mulheres conseguiu intrometer-se na congregação dos santos, e quase levou a igreja em Tiatira à ruína.

1. Jezabel, a profetisa. A profetisa que, ardílosamente, se instalara na igreja em Tia tira recebe de Jesus uma alcunha bastante apropriada: Je-zabel. Refere-se

o Senhor à filha do rei sidônio Etbaal, mulher do leniente e frouxo Acabe (1 Rs 16.31). Sob a influência dessa senhora, a nação hebreia caiu numa apostasia tão grave que acabou por levá-la à ruína.

Institucionalizando o culto a Baal no reino do Norte, Jezabel ordenou a matança imediata de todos os profetas do Senhor (1 Rs 18.13). Ela não poupou nenhum esforço para tirar a vida do profeta Elias (1 Rs 19.2). Era tão inescrupulosa e perversa, que tramou o assassinato de Nabote, a fim de que o marido se apropriasse indebitamente da vinha do jezreelita (1 Rs 21.5-14).

Seu fim não poderia ser mais trágico e vergonhoso (2 Rs 9.31-37). Não obstante, seu exemplo veio a inspirar uma crente da igreja em Tiatira.

Não sabemos como a Jezabel mencionada pelo Senhor Jesus imis-cuiu-se na igreja. Mas como sói acontecer nesses casos, ela deve ter começado a profetizar o que o povo queria e ansiava ouvir. Uma visão aqui, um sonho ali. Mais adiante, um sinal bem engendrado. Só faltava ler a mão dos fiéis. Utilizando-se de todos esses recursos, eia conseguiu ludibriar inclusive o anjo da igreja. Afinal, que pastor não gosta de ouvir coisas agradáveis e que lhe afaguem o ego? Não demorou muito e a “irmã” Jezabel já ocupava o invejável lugar de doutrinadora-mor do rebanho.

Ela, agora, dominava todo o ministério. Tinha o controle absoluto sobre todas aquelas almas. Ninguém ousava fazer qualquer coisa sem consultá-la. O pastor da igreja sabia que alguma coisa estava errada. Mas, para não contrariá-la, resolveu omitir-se e tolerar-lhe a ação daninha. Afinal, ela ajudava a mantê-lo no poder.

2. Jezabel, a tolerada. O currículo do anjo da igreja em Tiatira seria perfeito sem esta censura do Senhor Jesus: “Tenho, porém, contra ti o tolerares que essa mulher, Jezabel, que a si mesma se declara profetisa, não somente ensine, mas ainda seduza os meus servos a praticarem a prostituição e a comerem coisas sacrificadas aos ídolos” (Ap 2.20, ARA). O que o teria levado a mostrar-se tão leniente para com essa obreira de Satanás? Seu despreparo teológico? Ou temia que a tal profetisa jogasse a igreja contra ele? Sim, porque ela já tinha a todos na palma das mãos, inclusive o ministério. Se a esposa de Acabe dominava o trono de Israel, a Jezabel de Tiatira era o grande poder atrás do púlpito. Aliás, a essas alturas a perversa já não fazia tanta questão de se esconder; agia aberta e impunemente.

Parece-me que o problema cio pastor de Ti a (ira era a sua falta de preparo doutrinário. I Iouvesse ele se fundamentado bíblica e teologicamente, Jezabel jamais teria encontrado guarida naquele púlpito. Infeliz-mente, ele ausentara-se corno o teólogo do rebanho, delegando toda a sua autoridade doutrinária a uma mulher que era a própria apostasia.

3. **O ensino sedutor.** A doutrina dc Jezabel assemelhava-se aos cânticos das sereias do mundo de Homero. Irresistível e sedutora, enlaçava os servos dc Cristo num duplo adultério: teológico e carnal. Km nada diferia de Balaáo, que mostrou a Balaque como levar os filhos de Israel ao tropeço. Primeiro, induziu-os a comer das coisas sacrificadas aos ídolos; depois, enredou-os em pecados sexuais (Ap 2.20).

Em Tiatira, não foram poucos os que se deixaram emaranhar por seu ensino, que vinha ao encontro das concupiscências mais escondidas, Hoje, muitos são os crentes que, por já não suportarem a sã doutrina, andam à caça de mestres que lhes aliviem a consciência, conforme alerta o apóstolo Paulo: “Pois haverá tempo em que não suportarão a sã doutrina; pelo contrário, cercar-se-ão de mestres segundo as suas próprias cobiças, como que sentindo coceira nos ouvidos; e se recusarão a dar ouvidos à verdade, entregando-se às fábulas” (2 Tm 4.3,4, ARA).

Com uma doutrina tão atraente, o que buscava a tal profetisa? Sincreti-zar o cristianismo com as religiões pagás, cujos ritos eram vergonhosamente orgiásticos. Naqueles templos pagãos, espalhados por Tiatira, a prostituição fazia parte das liturgias que enalteciam os deuses greco-romanos. As sacerdotisas procuravam agradar tanto aos varões do Olimpo quanto aos homens da terra. Quando não incensavam aqueles, deitavam-se com estes. Iniciavam os rapazes na prostituição e arrastavam os pais de família ao adultério. Que tais coisas aconrecessem num templo gentio, não gerava nenhuma surpresa, pois o mundo jaz no maligno. Mas, na Casa dc Deus, isso era intolerável.

O que fez o pastor? Apesar de seu notório amor a Cristo, não esboçou qualquer reação. Talvez esperasse que as coisas se resolvessem por si mesmas. Sua postura, entretanto, desagradou profundamente o Senhor Jesus.

Nossas igrejas foram invadidas por muitos ensinos irresistivelmente sedutores. Deliciamo-nos com mensagens que nos massageiam o ego e cauterizam-nos a consciência. Despendemos vultosas quantias com falsas promessas e

expectativas mentirosas. Pagamos regiamente, a fim de que nos deixem os pecados onde estão: escondidos e inconfessados. Se voltarmos a pecar, não há problema. Há um deus que nos releva o adultério, a fornicação e as apropriações indébitas. Um deus, aliás, que criamos segundo a nossa natureza maligna.

Dos que nos usurpam o púlpito, queremos ouvir apenas coisas boas e agradáveis, Ansiamos que nos digam que somos príncipes. E, que, como tais, não precisamos enfrentar aflições, doenças e necessidades. Afinal, nascemos para ser ricos e poderosos. Logo, por que o nosso céu não pode ser aqui? Tais ensinos acabaram por engordar um rebanho de ímpios e blasfemos. Infelizmente, sempre haverá um pastor que, embora piedoso, já não tem a coragem de um Fineias, para reprimir o pecado e a heresia no arraial dos santos.

4. As coisas sacrificadas aos ídolos. Na igreja em Tiatira, havia uma idolatria tão viruienta quanto aquela que levou Israel à ruína. Muitos eram os servos de Cristo que, seduzidos por Jezabel, prostituíam-se em meio a uma bem elaborada refeição oferecida aos demônios. Dc longe, lembrava uma liturgia tipicamente cristã. Fervor era o que faltava. Havia visagens, profecias e aparições. Enquanto isso, ia Jezabel, com singular habilidade, manipulando seus amantes e, destes, arrancava haveres, valores e a própria alma. Os que haviam sido libertos dos ídolos eram agora prisioneiros da idolatria.

As últimas heresias e modismos acabaram por introduzir muitos deuses nos arraiais evangélicos. E os escândalos financeiros logo apareceram. Como um abismo chama outro abismo, juntamente com o luxo veio a luxúria. A vontade humana foi posta acima da divina. Blasfcmamente, muitos começaram a indagar: “Se eu quero, por que Deus não haveria de querer?” Transformando Deus num serviçal, ignoraram-lhe a soberania e, agora, a criatura põe-se a destratar o Criador.

Essa gente conseguiu idolatrar até a própria fé. De repente, a fé na fé fez-se mais importante que o autor e consumador da santíssima fé. Um desses teólogos chegou a afirmar que foi por meio da fé que Deus criou o Universo. Outras aberrações teológicas nasceram desses altares que, pouco a pouco, vão invadindo e tomando nossas igrejas. Não bastasse tanta bizarrice, deificamos tais mestres e doutores, porque dizem o que desejamos ouvir. E, para isso, damos-lhes polpudos cachês. Ato contínuo, despedimos de mãos vazias os que sc afadigam no ensino da sã doutrina.

Tememos os ídolos de barro, mas não nos prevenimos quanto aos deuses de carne e osso, que introduzimos nos templos, onde somente o Eterno deveria ser adorado. Aqueles, pelo menos, nada fazem, mas estes desencaminham preciosas almas, lançando-as no inferno.

5- **Fervor não** *é* **espiritualidade.** Se observada à distância, a apostasia de Israel no deserto até parecia um culto a Jeová. Havia alarido, sons, vozes e até louvores. E o fervor daquele arraial? Não havia gente mais animada e alegre. Entretanto, os hebreus já haviam apostatado de sua fé. E, agora, voltavam-se aos ídolos, como se estes os houvessem tirado do Egito. A intervenção divina, porém, haverία de ser dolorosa e levaria muitos israelitas à morte.

Na igreja em Corinto, parece ter ocorrido algo semelhante, Apesar de aqueles irmãos falarem até mesmo as línguas dos anjos, ninguém ali sc entendia. Divididos cm facções, levavam uns aos outros às barras dos tribunais. E os seus atos abomináveis? Chegavam a assustar os próprios pagãos. O seu culto, porém, era marcado por um fervor incomum. Era a mais pentecostal das igrejas da Ática. Tinha todos os dons e até sinais e maravilhas fazia. Para corrigir -lhe a postura, foi necessário que Paulo lhes escrevesse duas enérgicas epístolas.

Muitas igrejas, por não estarem alicerçadas na sã doutrina, vieram a transformar seus cultos num espetáculo bizarro e deprimente. Em suas reuniões, há sempre urn ou dois profetas que, imitando blasfemamente os dons do Espírito, trabalham habilmente arcanos e visões, visando aos mais abjetos e inconfessáveis fins. E os modismos? Todo dia surge uma novidade. I loje é a unção do leão, amanhã a do tigre e depois a da águia. Criatividade é o que não falta. Em seguida, vem o cair no espírito e a dança de Davi. Enquanto isso, deixamos cair no descrédito a atualidade do batismo com o Espírito Santo e dos dons espirituais,

É chegado o momento de voltarmos ao modelo de igreja apresentado em Atos dos Apóstolos:

E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações. Em cada alma havia temor; e muitos prodígios £ sinais eram feitos por intermédio dos apóstolos. Tüdos os que creram estavam juntos e tinham tudo em comum. Vendiam aS suas propriedades e bens, distribuindo o produto entre todos,, à medida que alguém tinha necessidade. Diariamente perseveravam unânimes no templo, partiam pão de casa em casa e tomavam as suas refeições com alegria e singeleza de coração, louvando a Deus e contando com a simpatia

de todo o povo. Enquanto isso, acrescentava-lhes o Senhor, dia a dia, os que iam sendo Salvos. (At 2.42-47, ARA)

O poder da Igreja Primitiva residia, em primeiro lugar, na doutrina dos apóstolos. Isso significa que, sem o ensino sistemático e persistente da Palavra de Deus, o avivamento é impossível. E o que faltava à igreja em Tiatira. Aproveitando-se dessa falha, Jezabel introduziu-se naquele rebanho e, por muito pouco, não o leva à ruína. Urge, pois, retomarmos o modelo dc igreja do Novo Testamento. É hora de perseverarmos na sá doutrina e na oração. Somente assim viremos a experimentar um poderoso avivamenco. A igreja de Cristo necessita dc renovação, e não de inovações baratas e despropositadas.

V. QUANDO O TEMPO I>E DEUS É IGNORADO

Dei-lhe tempo para que se arrependesse; ela, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição. (Ap 2.21, ARA)

Não sei como Elias trataria a Jezabel de Tiatira. Jeu decretar-lhe-ia a morte como fez com a perversa mulher de Acabe. O Senhor Jesus, porém, concedeu-lhe urn tempo, a fim de que ela se arrependesse de seus pecados. Ela, porém, o rejeitou. Como pode alguém, prestes a ser lançado no inferno, desdenhar um oferecimento tão gracioso? Jezabel, queixa-se o Senhor, “não quer arrepender-se da sua prostituição”.

Deus é misericordioso e tardio em irar-se. Se nos arrependermos, desfrutaremos de todos os favores de sua graça. Caso contrário, teremos de arcar com as consequências de nossas inconsequências.

1. O tempo **de Deus.** Embora Deus seja eterno, Ele trabalha no tempo. Por isso, oferece a Jezabel um prazo para que ela se arrependa de sua apostasia: “Dei-lhe tempo para que se arrependesse” (Ap 2.21, ARA). O termo grego usado por Jesus é, apropriadamente, *chrónos* e não *khairós.* Talvez ela não conhecesse as implicações do *khairós* divino, mas sabia muito bem como funciona o *chrónos* humano. Logo, deveria ela, nessa sucessão de dias, abandonar suas abominações e voltar-se para Deus.

2. A rejeição do arrependimento. Jezabel, porém, rejeita no tempo a redenção que Deus, por intermédio de seu Filho, elaborou na eternidade. Por causa dc: sua atitude, queixa-se o Senhor: “Tia, todavia, não quer arrepender-se da sua prostituição” (Ap 2.21, ARA).

A Jezabel de Tiatira era mais perversa do que a de Samaria. Se esta era originária de um contexto pagão, aquela veio a apostatar da fé num meio onde a graça de Deus manifestava-se, trazendo salvação e constantes visitações dos céus. Não obstante, ela simplesmente não quis arrepender-se de sua prostituição. O que restava ao Senhor? Um duro juízo sobre ela e sobre os que com ela adulteraram.

VI. O *JXJÍZO* DE DEUS SOBRE OS ADÚLTEROS

Eis que a prostro de cama, bem como em grande tribulação os que com ela adulteram,

caso não se arrependam das obras que ela incita. (Ap 2.22, ARA)

Em suas misericórdias, o Senhor tudo faz para retardar seus juízos sobre os impenitentes. Ele dá-lhes tempo, envia-lhes profetas e mensageiros e, através do Espírito Santo, insta-os a que se arrependam de suas iniqui-dades. A Faraó, por exemplo, ofereceu pelo menos dez oportunidades, para que o monarca lhe reconhecesse a soberania. Mas, a cada nova chance de arrependimento, o rei do Egito mais endurecia o coração, forçando Deus a destruir-lhe o país com todas aquelas pragas e pestilências.

O mesmo fará o Senhor com a profetisa de Tiatira e com os que tomaram parte em suas imundícias. Dois graves juízos o Senhor lhes preparou. Sobre Jezabel virá uma enfermidade não especificada, e sobre os seus amantes uma tribulação que recebe o epíteto de grande.

1. A enfermidade como juízo divino. Deus usará uma enfermidade, a fim de punir Jezabel: “Eis que a prostro de cama” (Ap 2.22, ARA). O leito que até aquele momento dera-lhe prazer, doravante proporcionar-lhe-á dores, angústias e desconforros.

Deus não mudou. Adverte o apóstolo Paulo: “Não vos enganeis: de Deus não sc zomba; pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará. Porque o que semeia para a sua própria carne da carne colherá corrupção; mas o que semeia para o Espírito do Espírito colherá vida eterna” (G1 6.7,8, ARA).

Jezabel teve tempo para arrepender-se, mas o rejeitou. Por isso, terá de arcar com as consequências de suas apostasias, adultérios e abomina-ções. O mesmo acontecerá com os seus amantes.

2. A tribulação sobre os adúlteros. Se a. enfermidade que se abaterá sobre Jezabel não será pouca, a tribulação que virá sobre os seus amantes não há de ser pequena. O Senhor Jesus colocará "em grande tribulação os que com ela adulteram, caso não se arrependam das obras que ela incita" (Ap 2.22, ARA). Só havia um jeito de eles escaparem ao juízo divino: arrependimento. Mesmo no juízo, E)eu$ se lembra da misericórdia. Mas como agirá o Senhor se lhe rejeitarmos a bondade?

VII. QUANDOJESUS MATA

Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações, e vos darei a cada ^{um} *segundo as vossas obras. (Ap 2.23, ARA)*

Pode o meigo Nazareno matar alguém? Apregoando o amor por toda a Judeia, constrangeu seus discípulos a exercitar o perdão e a misericórdia. Insultado e descrido, não reagiu. Na cruz, suportou o insuportável. Por que, então, mataria ele os filhos de Jezabel? Como explicar-lhe a atitude tão extremada? Se estivéssemos naTiatira daqueles dias, logo entenderiamos o porquê de sua ira. Além do mais, se ele não suportou a mentira de Ananias e Safaria, como haveria de tolerar os adultérios e abominações de Jezabel?

1. Penalidade máxima. A sentença já havia sido lavrada pelo Senhor: "Matarei os seus filhos" (Ap 2.23, ARA). Ora, se a impenitente era Jezabel, por que Jesus matar-lhe-ia os filhos? Seriam estes tão abomináveis quanto a mãe? Assim como Jezabel matara espiritualmente os filhos de Deus, arrastando-os ao adultério e à prostituição, assim também o Senhor faria com ela, matando-lhe fisicamente os filhos. Somente assim ela haveria de sentir o peso do julgamento divino. Além de destruir toda uma igreja com as suas abominações, ela rejeitara, conscientemente, o oferecimento da graça divina. O que um crente nessas condições deveria esperar?

Jesus continua a punir com a morte os abomináveis. Ele é o Juiz que o Pai constituiu, a fim de justiçar os que promovem a iniquidade e o pecado em sua casa. Portanto, muiro cuidado. Deus não se deixa escarnecer.

2. O reconhecimento da divindade dc Cristo. Jezabel conseguira turbar não apenas Tiatira, como também as demais igrejas da Ásia Menor. Se Jesus não interviesse a tempo, todas seriam induzidas a supor que Deus não faz bem nem mal e que pouco se importa com a postura espiritual e ética de suas ovelhas. Não

pensavam assim os contemporâneos de Jeremias?

A fim de que os crentes soubessem que a Igreja de Deus tem governo, Jesus interviria dolorosamente no meio de seu povo: “Matarei os seus filhos, e todas as igrejas conhecerão que eu sou aquele que sonda mentes e corações” (Ap 2.23, ARA), berá que Jesus precisa rnatar alguém para lhe reconhecermos a soberania? Não é a sua palavra suficiente para causar-nos temor e tremor? Quisera Deus agíssemos como Habacuque: “Ouvi, Senhor, a rua palavra e remi; aviva, ó Senhor, a tua obra no meio dos anos, no meio dos anos a notifica; na ira lembra-te da misericórdia” (Hb 3.2).

Se uma igreja local não for disciplinada pelo Senhor, em breve contaminará a Igreja Invisível e Universal. Para que is$o não ocorra, o Senhor Jesus se apresenta não somente com a sua voz mansa e suave, mas também com a espada dc sua vingança.

VIII. AS PROFUNDEZAS DE SATANÁS

Digo, todavia, a vós outros, os demais de Ti atira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás: Outra carga não jogarei, sobre vós (Ap 2.24, ARA).

De vez em quando, aparece alguém em nossos arraiais com uma nova revelação. Hoje ele apresenta um livro que, segundo faz questão de ressaltar, é mais inspirado que a própria Bíblia. Amanhã, contará um sonho, exigindo uma revisão de todos os nossos artigos de fé. E, não satisfeito, logo demandará uma posição privilegiada na Igreja de Cristo. Embora tais indivíduos afirmem ter uma relação especial com os mistérios divinos, na verdade, são íntimos daquilo que o Senhor Jesus chama de “profundezas de Satanás”.

Não podemos subestimar os mercenários. Eles ludibriam até experimentados obreiros. Com pulos, gritos e gestos mágicos, vendem mentiras e engodos doutrinários. Lamentavelmente, há sempre alguém disposto a comprar essas tralhas teológicas como as últimas revelações de Deus. E como pagam caro por essas parolices. Se não agirmos com energia, como poderemos preservar o remanescente fic-1 de nossas igrejas?

1. O **remanescente de Tia** tira. Havia um remanescente em Tiati-ra que se opôs com firmeza e coragem aos ensinos dc Jezabel. Eles não se deixaram arrastar por suas profecias nem pelos seus ensinos irresistivelmente sedutores. A esses heróis anônimos, promete o Senhor Jesus: “Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas dc Satanás: Outra carga não jogarei sobre vós” (Ap 2.24, ARA).

Deus sempre reservou um remanescente que lhe mantivesse os termos das alianças. Haja vista os judeus que, no tempo de Jeremias, não se deixaram contaminar pela idolatria e iniquidade que acabariam por destruir o Reino de Judá. Outrossim, não podemos nos esquecer dos sete mil profetas do Senhor que, no turno de Elias, conservaram-se fiéis ao Senhor, não sc curvando diante de BaaL

Apesar da iniquidade que assola a Igreja de Cristo, há um remanescente que resiste ao pecado. Eles brandem a espada do Espírito contra as heresias e os modismos. Não se deixam levar pelas seduções das riquezas, nem pela

concupiscência da carne. Homens de Deus e não do povo, não se preocupam com índices de aceitação. O seu compromisso é com o Senhor. Eles falam o que a Igreja precisa ouvir, e não o que alguns crentes querem escutar. O remanescente fiel não faz acordo com Balaão, não comunga com os nicolaítas e não se impressiona com o misticismo excêntrico e pecaminoso de Jezabel. Eles não estão interessados nas profundezas de Satanás, porque vivem nas regiões celestiais em Cristo Jesus,

No remanescente fiel, há moços e moças que se conservam puros no corpo e na alma. Valorizam a pureza, pois sabem que Deus julgará os adúlteros e fornicários. Não se entregam às drogas, pois o seu corpo *é* o templo do Espírito Santo. Não se deixam seduzir pelas riquezas, pois já possuem um bem maior: a certeza de um dia morar na Jerusalém Celeste.

2. As profundezas dc Satanás, A doutrina de Jezabel era mais perigosa do que o paganismo. Os gentios limitavam-se a adorar os deuses do Olimpo. Ela não; ia muito além: rendia culto ao próprio demônio. E o que deduzo desta advertência de Cristo: “Digo, todavia, a vós outros, os demais de Tiatira, a tantos quantos não têm essa doutrina e que não conheceram, como eles dizem, as coisas profundas de Satanás: Outra carga náo jogarei sobre vós” (Ap 2.24, ARA).

Na aparência, uma crente carismática. Devia falar línguas. Tinha visões. Profetizava. E, de vez em quando, fazia algum milagre. Com todas essas façanhas, quem haveria de contestá-la? No entanto, como responsáveis pelo rebanho de Cristo, não devemos dar crédito a quaisquer espíritos. Temos de prová-los, para ver se procedem de Deus. Não diz Paulo que Satanás é capaz de mostrar-se como anjo de luz? Além disso, não podemos confundir fervor com espiritualidade.

Se a cal profetisa vivesse em nossos dias, seria conhecida por um epí-teto nada eiogiável: Jezabel, a Satanista. Mas, naqueles dias de tolerância mórbida, era tida como uma santa mulher de Deus. E o seu ensino?

Acobertado por uma retórica falsamente piedosa, lembrava um discurso avivaiista. Na essência, porém, era uma ardente apologista da prostituição e da idolatria. Aprofundara-se ela de tal forma no reino das trevas, que havia se tornado íntima do Diabo. E, ainda, gabava-se de lhe conhecer as coisas profundas.

Afinal, o que são as profundezas de Satanás? E a espiritualizaçáo do pecado e a dogmatização do erro. A história das heresias mostra que esses são os dois pilares sobre os quais se acham assentadas as seitas. Primeiro mistifica-se a iniquidade que, depois de uns ritos e alguns gestos, deixa de ser iniquidade para fazer-se virtude. Em seguida, aparece um teólogo a serviço do demônio que, sistematizando um erro aqui e esboçando um engodo ali, dá foros de ortodoxia às mais extravagantes aberrações teológicas. Acima de todos, está o falso profeta. Amigo de Satanás, conta visões e profere incongruências. Assim, brota uma heresia, enflora uma apostasia e, finalmente, frutifica-se uma seita.

Quase todos os heresiarcas dizem ter visto um ente celestial. Este conversou com Miguel, aquele entrevistou Gabriel e aqueloutro falou com um dos querubins. O que todos esses hereges têm em comum é uma vida de engano, pecado e impiedade. Eles são os amheólogos, pois tudo fazem por conhecer as profundidades cie Satanás. Por isso, espiritualizam o adultério e, à sua maneira, "santificam" o assassinato, como o faziam os adoradores de Moloque no Antigo Testamento.

3. **Jesus** intervém em **favor dos santos.** Os fiéis da igreja em Tiatira estavam sob fogo cerrado. De um lado, Jezabel com um misticismo iníer-nalmente sedutor; de outro, as perseguições que lhe moviam o Império Romano. Sabia o Senhor Jesus que, sobre eles, recaía uma carga que só podia ser descrita com grandes superlativos. Por isso, promete-lhes; "Outra carga não jogarei sobre vós" (Ap 2.24, ARA).

Deus não permirirá que sejamos tentados além de nossas forças. Com a provação, chegará o escape. As vezes, Ele não nos livra da fornalha, porque no fogo tem um encontro conosco. Nao nos isentará da cova, mas na cova revelar-nos-á o seu amor. Também não impedirá a tempestade, porque em meio aos vendavais e às chuvaradas, virá Ele caminhando na tormenta, e desafiará cada um de seus filhos a fazer o mesmo.

Conhecendo-nos a estrutura, sabe o Senhor Jesus até quanto podemos suportar. Por isso, tranquilizemo-nos: a cruz que remos de carregar jamais excederá nossas forças, apesar de parecer tão pesada.

IX* CONSERVANDO A FÉ EM TEMPOS AB OMINÁVEIS

tão-somente conservai o que tendes, até que eu venha. (Ap 2.25, ARA)

Tiatira repetia o pecado de Baal-Peor. As três heresias da Ásia Menor acharam um fertilíssimo terreno nessa igreja. Nela, os nicolaítas germinaram o mercantilismo da Palavra de Deus, e os seguidores de Balaão, nela, enfloraram a apostasia que levou Israel à ruína. Nela, frutificou também a doutrina de Jezabel, que acabou por enramar toda a igreja. Até o pastor, que tanto se esforçava por Cristo, não pôde escapar aos tentáculos daquela abominável profetisa.

Não era nada fácil conservar os bens espirituais num lugar que promovia a idolatria e a prostituição. Eis porque o Senhor exorta o remanescente de Tiatira: “Tão-somente conservai o que tendes, até que eu venha” (Ap 2.25, ARA).

1. O que temos recebido de Deus. Por intermédio de Cristo, muitas coisas temos recebido de Deus. A salvação é apenas uma delas. Embora no tempo, já usufruímos toda uma eternidade ao seu lado, pois Ele colocou todos os poderes do mundo vindouro à nossa disposição. Se todos esses bens se fizessem visíveis, jamais os negociaríamos. Mas, invisos que são, nem sempre temos suficiente fé para vê-los. Por isso, corremos o risco de negociá-los na feira das vaidades. Foi o que fizeram alguns crentes em Tiatira- O remanescente fiel, porém, que jamais deixou de ver o invisível, manteve-se firme, retendo firmemente a sua herança.

2. Até que Jesus venha. Nossa vitória só será completa se perseve-rarmos até o fim. Embora a jornada pareça longa, em breve a completaremos, pois tudo nos mostra que Jesus em breve virá. Por isso, não podemos desistir. Seremos chamados à Casa do Pai, onde o Senhor foi preparar-nos lugar.

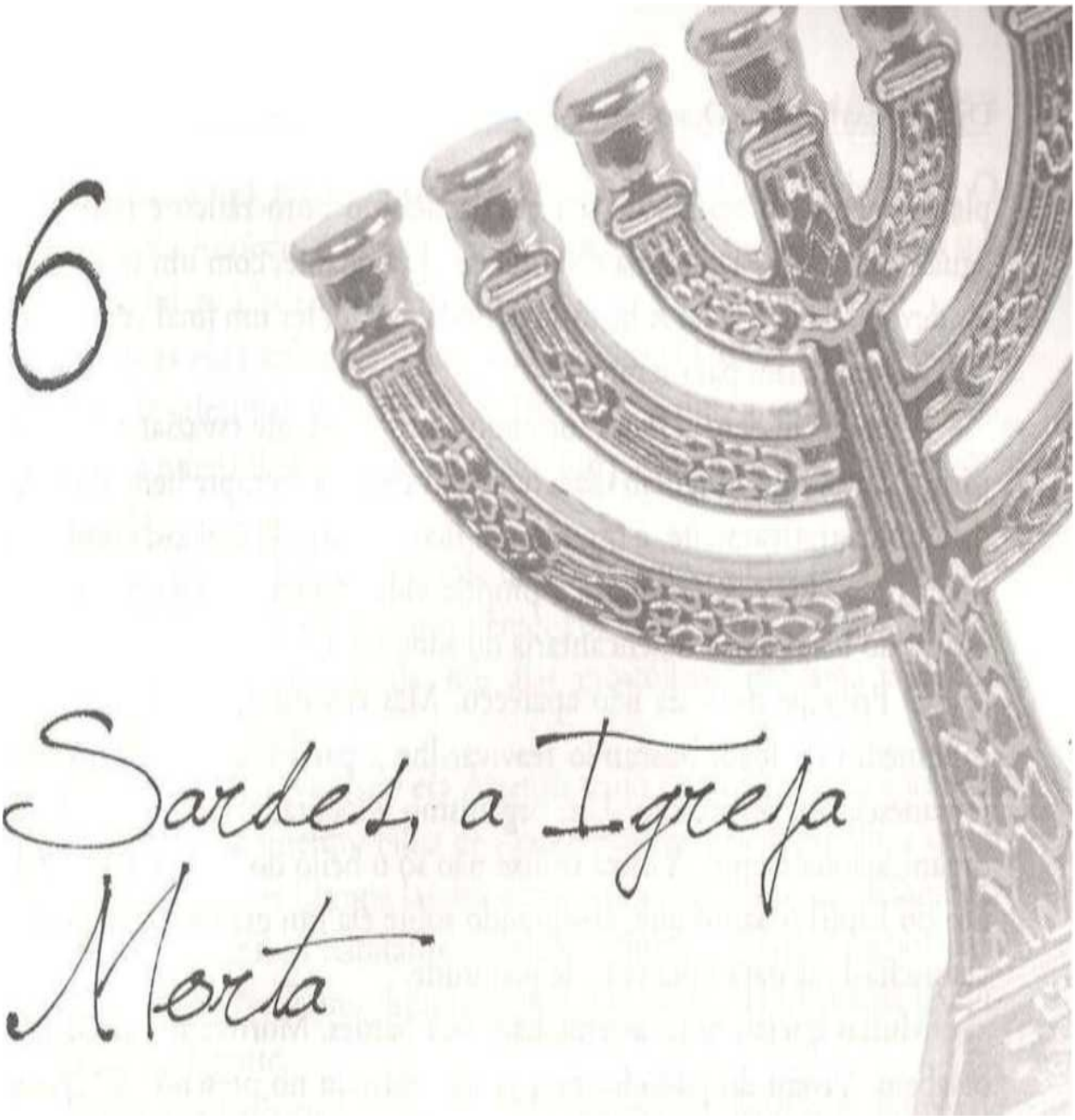
Conclusão

Ao contrário de Efeso, a igreja em Tiatira fizera-se conhecida pelo amor. Mas, se a primeira foi elogiada por odiar os maus, a segunda foi repreendida por tolerar o mal. Àquela faltava amor; a esta, o amor até sobejava. Entretanto, nenhum dos dois amores era perfeito. Efeso já não amava como antes. Tiatira, ao contrário, amava mais do que antes, porém ainda não amava conforme Cristo o requeria.

O seu amor, para ser perfeito, náo podia ser tolerante para com o erro. O seu amor tinha de apresentar as qualidades que Paulo requer no hino que consagra à virtude das virtudes (1 Co 13).

Se aceitarmos as reivindicações divinas, herdaremos a promessa que Cristo fez ao seu pastor ern Tiatira: “Ao vencedor, que guardar até ao fim as minhas obras, eu lhe darei autoridade sobre as nações, e com cerro de ferro as regerá e as reduzirá a pedaços como se fossem objetos de barro; assim como também eu recebi de meu Pai, dar-lhe-ei ainda a estrela da manha’

(Ap 2.26-2S, ARA). Então, que ouçamos a voz do Espírito Santo.



6

Sardes, a Igreja Morta

Ao anjo da igreja em Sardes escreve: Estas coisas diz aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas: Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto. Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer, porque não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus. Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ti. Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois

são dignas. O vencedor será assim vestido dc vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante de meu. Pai c diante dos seus anjos. Quem tem ouvidos, ouça. o que o Espírito diz às igrejas. (Ap 3.1-6, ARA)

Introdução

Ninguém conseguia acreditar que bem ali, entre as congregações da Ásia Menor, jazia uma igreja morta. Deitada naquele luxuoso esquife, lembrava mais a Bela Adormecida. Tnfelizmente, nâo era um conto que se narrava ali. O que se via era um drama desenrolado em tragédia. Con-tcmplando-a mais de perto, tinha-se a impressão de que ela, estendida

placidamente no ataúde de seu eclesiasticismo burocrático e inflexível, aguardava apenas a chegada do príncipe, E, que este, com um único beijo, devolvê-la-ia ávida. A história podería, então, ter um final venturoso: “E viveram felizes para sempre”.

A igreja em Sardes fora morrendo aos poucos, até esvaziar-se do Espírito Santo. Mas ninguém dizia que estava morta. Sempre bem maquiada administrativamente, c ostentando ricos ornatos litúrgicos, conseguia fingir uma vida que enganava a própria vida. Agora, ali estava Sardes à espera do beijo que a desencantaria do sono fatal.

O Príncipe da Vida não apareceu. Mas enviou-lhe urna carta, por intermédio de João, huscando reavivar-lhe a partícula de vida que lhe remanescia no organismo, Um organismo adoentado, mumificando-se organizacional mente. A carta trouxe não só o beijo do Noivo, mas o hálito do Espírito Santo que, assoprando sobre ela um grande avivamento, ressuscitá-la-ia para uma vida dc plenitude.

Muitas igrejas, hoje, assemelham-se a Sardes. Morreram e ainda não o sabem. Vivem do passado, pois já não existem no presente. E, apesar de serem admiradas como história, são lastimadas por já não fazerem história.

I. A IGREJA EM SARDES

Quem visita hoje a Turquia, talvez não imagine que o vilarejo de Sart já abrigou, na antiguidade clássica, a florescente e exaltada Sardes. De sua antiga glória, restaram umas ruínas ali, uns sítios arqueológicos acolá e algumas colunas que ainda teimam manter a postura de outrora. A sua volta, porém, somente pedra derribada e caída.

Nessa cidade, havia uma igreja que teve o privilégio de receber uma carta do Senhor Jesus, por intermédio de joão.

1. A cidade de Sardes. Na época do Novo Testamento, Sardes já não era uma cidade tão importante. Nos séculos anteriores, contudo, fizera-se louvável por seus tesouros e pelo luxo que exibia. Era a capital da Lídia. E, daí, o lendário rei Creso (560-546 a.C.) comandava as regiões circun-vizinhas com singular magnificência.

Vista ao longe, parecia uma fortaleza inexpugnável. Era impossível escondê-la, pois se aprumava bela e rica num promontório que se elevava a 500 metros acima do nível do mar. Apesar de sua edificação privilegiada

e quase inacessível, foi conquistada em 546 a.C. por Ciro, rei da Pérsia. O mesmo faria Antíoco, o Grande, em 214 a.C. Este, após solidificar a sua posse, dá início à helenizaçáo da cidade.

Com as suas reformas, Diocleciano (244-31 1 d.C.) escolhe Sardes como sede administrativa da Ásia Menor. E, assim, a cidade permanecería até a queda de Roma, ocasião em que passou à jurisdição de Cons-tantinopla.

Localizada no fertilíssimo vale do rio Herrno, Sardes fazia a ligação do Egeu com o interior do continente. Por causa de seu estratégico posicionamento, era guarnecida, nos dias apostólicos, por uma poderosa guarnição do império.

Sua principal divindade era Arremis, cujo culto girava em torno da morte e do renascimento. Filha de Zeus e irmã gêmea de Apoio, a deusa era servida por uma liturgia lasciva e concupiscente. Para não desagradar aos demais deuses, os habitantes de Sardes tinham altares e nichos para cada um deles. Nenhum olimpiano podia reclamar da liberalidade religiosa daquela gente.

A principal atividade econômica de Sardes era o fabrico de roupas de lã, comercializadas em toda a Ásia Menor.

2. A **igreja em Sardes.** A igreja cm Sardes foi estabelecida provavelmente pelo apóstolo Paulo, quando de sua terceira viagem missionária. À semelhança das outras igrejas da Ásia Menor, cresceu e desenvolveu-se, refletindo a vida de Deus em suas ações evangelísticas c missionárias.

O tempo, porém, encarregou-se de exaurir-lhe toda a vitalidade espiritual. Ela,

agora, vivia de aparências e exterioridades. Embora parecesse viva, jazia morta em suas iniquidades. Apesar da evidência de méritos, suas obras não são perfeitas nem íntegras aos olhos de Cristo; são indícios de um organismo que se deixou mumificar.

II. A APRESENTAÇÃO DE JESUS

Ao anjo da igreja ern Sardes escreve: Estas coisas diz aquele que tem os sete Espíritos de Deus e as sete estrelas. (Ap 3. Ia, ARA)

A uma igreja espiritualmente morta, apresenta-se Jesus como o Príncipe da Vida. Nenhum outro ser, em todo o Universo, entende mais da vida e da morte do que Jesus. Ele compreende os mistérios que cercam a primeira, e não ignora o desconhecido que envolve a segunda. Verdadeiro

Deus, tem a vida em si mesmo. E, verdadeiro homem, experimentou a morte, triunfando dela na cruz.

1, O Príncipe da Vida e a igreja morta. Nos três anos de seu ministério terreno, Jesus curou a muitos enfermos e ressuscitou a diversos mortos. Na casa de Marta e Maria, embora tomado pela tristeza da morte, alegrou a todos ao chamar Lázaro ao convívio dos vivos (Jo 11.25).

Ressuscitar um morto não lhe é difícil. Basta-lhe uma única palavra e a morte logo sc faz vida. O milagre independe da vontade do que jaz no esquife ou do querer daquele que repousa na campa. Mas como ressuscitar uma igreja que, embora morta, tem uma vontade que não é a de D eus e um querer que não é o de Cristo? Para reavivá-la, o Senhor Jesus utiliza-se do Espírito Santo em sua sétupla ação.

2. Os sete Espíritos de Deus. Existe apenas um Espírito Santo. Mas Ele é tão perfeito em seu ministério, que a Bíblia no-lo apresenta de maneira sétupla. Ao profetizar o aparecimento do Messias, declarou o profeta: “Repousará sobre ele o Espírito do Senhor, o EspíriLü dc sabedoria e de entendimento, o Espírito de conselho e de fortaleza, o Espírito de conhecimento e de temor do Senhor” (Is 11,2, ARA).

O que Isaías revela nessa passagem?

A ação do Espírito Santo só haveria de tornar-se plena com o advento de Cristo,

pois, somente assim, teria Ele condições de exercer o tríplice ofício messiânico: profeta, sacerdote e rei. Dc fato, o Filho somente iniciou o seu ministério após ser ungido pelo Pai (Mt 3.13-17). Embora verdadeiro Deus, necessitou da unção do Espírito Santo para cumprir o seu ministério como o Filho do Homem. Ele não recebeu o Espírito por medida, como acontecia no Antigo Testamento (Jo 3.34). Ele o recebeu plenamente. Foi o que João Batista atestou ao batizá-lo no Jordão. Ao sair da água, o Filho de Deus recebeu plenamente o Espírito Santo e, plenamente, derramá-lo-ia sobre a Igreja no Dia de Pentecostes (Jo 1.32; At 2.1-4).

Desde então, o Espírito Santo vem sc manifestando setuplamente. Na plenitude de sua ação sobre o Reino de Deus, o Espírito recebe de Jesus o título de “outro Consolador” (Jo 14.16). O primeiro foi o próprio Cristo que, em todo o seu ministério, sempre operou e ensinou no poder do Espírito (Is 61.1). Assumpto ao céu, rogou ao Pai que enviasse sobre os discípulos o Consolador. Neste, aqueles se fizeram Reino de Deus.

E, agora, na confecção do Apocalipse, evoca Jesus o Consolador, para que conforte os crentes de Sard.es, que, enlutados, lamentam e choram a morte de sua igreja.

III. SARDES, UM CADÁVER BEM PRODUZIDO

Conheço as tuas ôhras, que tens nome de que vives e estás morto. (Ap 3. íb, ARA)

Quem visita a Praça Vermelha, em Moscou, tem a oportunidade de constatar o quanto a morte, às vezes, engana. Lá está o Mausoléu dc Lê-nin, onde repousa, desde 1930, o corpo do líder soviético. Para preservar aquela aparência de vida, o seu cadáver é conservado em álcool, quinina, acetato de potássio e fenol. Sob uma temperatura de 16°C e umidade entre 80 e 90%, seus restos mortais assim permanecerão por algumas gerações até que alguém se digne a dcvolvê-lo ao pó.

Em Sardes, havia também um mausoléu, no qual era mantido o cadáver de uma linda igreja. Existindo como organização material, ela já náo tinha vida como organismo espiricual. Aos olhos de todos, contudo, parecia viva. Acontece que o Senhor Jesus, que sonda todas as coisas, já não lhe encontrava a pulsação do Espírito. A vida de Sardes limitava-se ao nome. E o primeiro indício de sua morte estava, justamente, em suas obras.

1. As obras mortas de uma igreja sem vida. Sardes assemelhava-se a muitas igrejas de nossos dias. Ativas e midiáticas, estão sempre a desfraldar bandeiras sociais. E fazem questão de serem reconhecidas como politicamente corretas. O seu ativismo é impecável. Hoje, defendem as baleias. Amanhã, a biodiversidade da Amazônia. E já se preparam para apresentar uma apologia do homossexualismo. Por que não? Os seus teólogos, divorciados da Palavra de Deus, acham argumentos para tudo. Apesar de seus aparentes méritos, tais obras não são perfeitas nem íntegras aos olhos de Cristo; são apenas indícios de um organismo espiritual e moralmente morto.

Ao anjo dc Sardes, adverte o Senhor: “Conheço as tuas obras” (Ap 3-1, ARA), Jesus não se deixou impressionar pelo seu ativismo hipócrita e mundano. Sc aquele pastor conseguia agradar aos homens, desagradava profundamente a Deus, pois as suas eloquentes e notórias obras de nada valiam: estavam tão mortas quanto ele.

Na ânsia pela aceitação social, muitos obreiros vêm substituindo o Evangelho de Cristo por um evangelismo social e comprometido com os

poderes deste século. Todavia, nenhuma bandeira, quer política, quer social, pode substituir o estandarre das Boas Novas de Salvação, Proclamar a Palavra de Deus é a mais viva das obras da Igreja.

2. Sepultada no próprio nome. Martinho Lutero temia que o seu nome viesse, mais tarde, a denominar a igreja a ser formada por seus discípulos e seguidores. Receava ele que o seu movimento acabasse por ser sepultado na burocracia de uma denominação. O reformador não estava de todo errado. Via de regra, o avivamento nasce como movimento do Espírito Santo e termina como monumento à denominação.

Não sou contra as denominações. Aliás, pelo que depreendemos das cartas que Jesus enviou às igrejas da Ásia Menor, nem Ele próprio o é. Afinal, a Igreja Invisível e Universal tem de se manifestar localmeme. E, todas as vezes que isso ocorre, recebe um nome. Todavia, precisamos tomar cuidado com os tentáculos institucionais e burocráticos que, às vezes, criamos e que terminam por sepultar-nos. A Igreja Católica é um exemplo clássico. Suas organizações ganharam ranta força, que vieram a sufocar o organismo de Cristo. No entanto, a sua liturgia dá-nos a impressão de que ela continua a desfrutar da mesma vida que a animava nos dias apostólicos.

Sardes sepultara-se em seu próprio nome. E, por isso, é gravemente repreendida por Jesus: “Conheço as tuas obras, que tens nome de que vives e estás morto” (Ap 3. lb, ARA). A igreja havia morrido; o seu nome, não. Este servia de mausoléu àquela. Agora, achava-sc exposta naquele luxuoso sarcófago como se ainda vivesse. E que defunto boniro era. Bem maquiada e ornada ricamente, impressionava a todos. Até as suas obras mortas eram impressionantes. Ali estava a múmia de uma igreja local que, embora sem vida, sobrevivia graças ao seu nome. Todavia, entre as suas ovelhas mortas, algumas ainda respiravam, mas o seu estado inspirava cuidados; era gravíssimo.

IV. CRENTES EM ESTADO TERMINAL

Sà vigilante e consolida o resto que estava para morrer, porque não lenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus. (Ap 3-2, ARA)

Em Sardes, havia três grupos distintos de crentes: os mortos, os quase mortos e um remanescente que porfiava em viver para Cristo naquele vale de sombra e morte. Neste momento, o Senhor Jesus insta o seu anjo a consolidar o restante que estava para morrer. Ao mesmo tempo, exorta-o a andar em retidão, porque as suas obras não foram achadas íntegras diante de Deus.

Sem integridade o ministério pastoral é impossível. Infelizmente, os cristãos atuais estão se conformando tão depressa com o mundo, que não mais se preocupam com determinadas faltas e pecados. Há alguns que, vergonhosamente, até culto em ação de graças fazem para agradecer a Deus por terem se apropriado inddbitamente de bens alheios. Se um obreiro acha-se nessas condições, não poderá ajudar os que se encontram, espiritualmente, em estado terminal.

1. Vigilantes da vida. Vance Hefner não foi apenas um grande avi-valista. Pensador e teólogo dos mais admirados, ele comparou a Igreja, certa vez, a um hospital, pois com amor e prontidão, ela acolhe os doentes de alma, os enfermos de espírito c os que já perderam a pulsação espiritual. Se esta imagem reílete a real vocação do corpo dc Cristo aqui na terra, Sardes tinha uma grande UTI e um enorme necrotério. Isso porque muitas de suas ovelhas já haviam morrido e muitas outras encontravam-se em estado terminal. Diante de um quadro tão desolador, o Senhor Jesus requer, com urgência, os préstimos de um médico dc almas, a fim de reanimar os moribundos que vinham artificialmente respirando.

Por isso, o Senhor insta o seu anjo: “Sê vigilante e consolida o resto que estava para morrer” (Ap 3-2, ARA). Mas como podería o bispo dc Sardes reanimar os moribundos, se ele mesmo estava morto? Sendo Jesus a ressurreição e a vida, primeiro aviva o pastor, para que este tenha condições de reavivar as ovelhas. O principal objetivo do Senhor é levar o avivamento àquele redil. Ele não estava lá para velar um cadáver, mas a fim de chamar os morros à vida.

O verdadeiro pastor de almas age como aquele médico que, entre-gando-se por seus pacientes, vela por estes, a firn de que todos se recuperem. Em seu plantão, não dormita nem se deixa tomar pelo sono. Mas, de cama em cama, repassa o histórico dos enfermos e prescreve a terapia mais adequada. É um serviço que exige um desvelo constante. Se não agirmos com vigilância, perderemos não somente os enfermos terminais, mas também aqueles que se acham em vias de recuperação. Este precisa de fé, pois a incredulidade infeccionou-lhe o coração. Aquele ourro carece de esperança, pois o cotidiano das lutas acabou por necrosar-lhe a alma. E, aquele outro ainda, necessita do amor, pois a indiferença

comprometeu-lhe o espírito. Iodos estão para morrer, mas todos haverão de reviver, pois neste vale de ossos sequíssimos, o Senhor Jesus enviará do seu Espírito, para reavivar a todos.

2. A integridade das obras. O que levou o pastor de Sardes a morrer no espírito? No óbito que lhe atestou Jesus, esta foi a sua *causa mortisi* “Não tenho achado íntegras as tuas obras na presença do meu Deus” (Ap 3.2, ARA). Diante dos homens, seus atos eram eclesiástica e politicamente corretos. Mas, perante Deus, ele vivia uma aguda crise de integridade. Apesar de tudo, conseguia enganar a todos com a sua postura de anjo.

O que lhe corrompeu as obras? A heresia dos nicolaítas? Ou a doutrina de Balaão? Pelo que depreendemos da carta que lhe enviou o Senhor, ele não enfrentava problemas doutrinários. Na aparência era tão ortodoxo quanto o seu colega dc Éfeso, Também não havia nenhuma profetisa para arrastar-lhe as ovelhas à prostituição e à idolatria. Como se vê, é difícil determinar-lhe a etiologia da enfermidade, que acabou por matá-lo na fé. O que sabemos, de fato, é que as suas obras já não eram íntegras diante de Deus.

O pastor de Sardes vivia de aparências. Aos olhos humanos, íntegro e irrepreensível. Aos divinos, porém, estragado e corrompido. Em sua alma, havia um câncer, que lhe vinha corroendo as afeições e comprometendo-lhe,

fatalmente, todo o organismo espiritual. A metástase parecia irreversível. Tudo começou quando o orgulho assomou-lhe a alma. E, como a soberba precede a queda, faltava-lhe apenas um passo para cair na sepultura, que ele mesmo abrira. O rei Uzias, a propósito, também se deixara tomar por essa doença, conforme escreve o cronista: “Mas, havendo-se já fortificado, exaltou-se o seu coração para a sua própria ruína, e cometeu transgressões contra o Senhor, seu Deus, porque entrou no templo do Senhor para queimar incenso no altar do incenso” (2 Cr 26.16, ARA). A fim de puni-lo exemplarmente, o Senhor o feriu de lepra, privando-o não somente do trono, mas também do convívio humano.

Do orgulho à corrupção, bastou ao anjo dc Éfeso apenas um passo. Agora, já se colocava acima da Palavra de Deus. No entanto, fazia questão de manter uma postura eclesiasticamente correta, pois muito apreciava a companhia dc seus pares. Foi assim que ele veio a falecer diante de Deus, Quanto ao Senhor Jesus, não restou outra alternativa senão, de forma pesarosa, lavrar-lhe o óbito, determinando-lhe a *causa mortis*: corrupção generalizada.

O caso de Sardes replica-se endemicamente em nossos dias. Não são poucos os pastores que se deixam corromper no exercício do ministério. Este, por faltar-lhe o poder do céu, abusa do poder da cerra. Aquele, recusando-se a prestar contas do tesouro sagrado, entesoura profanações para si. Aquele outro, dando asas às concupiscências, consome-se em grosseiros e ocultos pecados. Temendo perder as prebendas e os bônus eclesiásticos, todos eles mantêm uma vida aparente, apesar da morte latente. Suas dissimulações, porem, não irão adiante, pois já começam a cheirar mal.

Cristo, porém, não quer conduzir as exéquias de nenhum de seus ministros. Ele deseja reavivá-los e trazê-los à plena comunhão com Deus. Mas, para que isso aconteça, é urgente que nos lembremos do que temos ouvido e recebido do Senhor.

V. LEMBRANÇAS ESPIRITUAIS

Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido, guarda-o e arrepende-te. Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum

em que hora virei contra ti. (Ap 3.3, ARA)

A amnésia da igreja em Sardes era mais grave do que a de Éfeso. Esta se esquecera do primeiro amor; aquela, porém, veio a desmemoriar-se por completo

do que tinha ouvido e recebido de Jesus. Assemclhava-se ela à Filha de Sião que, já adulta e bela, não mais se lembrava dos espon-sais que, um dia, consagrara a Jeová. Por isso, é severamente repreendida por Jeremias. Mas como lidar com Sardes?

Se eu fosse médico, diria que, baseado em sua sintomatologia, a igreja em Sardes encontrava-se em estado terminal, por já não possuir lem brança espiritual alguma. Cerebralmente, estava morta.

1. As lembranças espirituais. Ao anjo de Sardes, exorta Jesus: “Lembra-te” (Ap 3.3). Como pode um ministro da Palavra vir a esquecer-se de Deus? Na história de Israel, muitos eram os sacerdotes que, simplesmente, já não se lembravam nem perguntavam mais pelo Senhor. E, por causa disso, queixa-se Deus: “Os sacerdotes não disseram: Onde está o Senhor? E os que tratavam da lei nâo me conheceram, os pastores prevaricaram contra mim, os profetas profetizaram por Baal e andaram atrás de coisas de nenhum proveito” (Jr 2.8, ARA). Não eram todos eles ieviras? E não tinham eles todos como responsabilidade administrar a Lei de Deus? Como explicar, então, a amnésia espiritual?

Se o pecado não for prontamente debelado, terminará por apagar-nos do espírito rodas as imagens e recordações que temos de Deus. E, assim, desmemoriados, nâo mais poderemos desfrutar da comunhão com o Pai Celeste. Na vida do crente, por conseguinte, as lembranças espirituais são imprescindíveis. Sem elas, não passamos de zumbis teológicos. Mas o que são essas lembranças? São as memórias que, desde a nossa conversão, vimos recebendo graciosamente de Deus, por intermédio do Espírito Sanio.

2. Nossa herança em Cristo. Jesus volta a insistir junto ao seu anjo: “Lembra-te, pois, do que tens recebido e ouvido” (Ap 3.3, ARA). Não posso ficar indiferente a essas palavras do Senhor. Com amorosa insistência, dirige-se Ele a alguém que, embora haja recebido os mais cobiçados bens na eternidade, não soube como preservá-los no tempo. Mas, agindo qual pródigo, tudo desperdiçara, vindo a desprezar profanamente a herança do Pai Celeste. Sim, como o pastor de Sardes veio a esquecer-se dos maravilhosos dons que lhe concedera Deus cm Cristo?

Além da salvação de sua alma, fora ele galardoado com as maravilhas da graça. No tribunal divino, foi justificado. Na casa do Pai, recebeu a adoção de filho. No

relacionamento com os céus, já experimentava os poderes do mundo vindouro. E o chamamento ministerial? Intimado a pregar o Evangelho, proclamava algo que os próprios anjos anelavam perserutar. Como se tudo isso náo bastasse, havia ainda a expectativa de um dia romper os portões da Jerusalém Celeste, para estar sempre com o Senhor.

Infelizmente, o desmemoriado pastor de Sardes já náo se lembrava nem do que recebera, nem do que tinha ouvido do Senhor. Era alguém sem passado: suas memórias espirituais já não existiam. Nessa condição, o seu futuro também era incerto. Portanto, urgia que ele recuperasse a memória espiritual. Caso contrário, seria surpreendido pelo Senhor Jesus que, sobre ele, viria repentina c inesperadamente como o ladrão.

3. A chegada surpreendente de Cristo. Jesus, agora, dá um ultimato ao seu anjo: “Porquanto, se não vigiares, virei como ladrão, e não conhecerás de modo algum em que hora virei contra ci[>>] (Ap 3.3, ARA). Então, havia uma segunda chance àquele pastor? O Senhor almejava fazê-lo ressurgir do mundo dos mortos. Era urgente, portanto, que ele ouvisse a Cristo e se arrependesse de seus pecados. Doutra forma, os resquícios

dc suas memórias espirituais ser-lhe-iam tirados por aquele que rouba mentes, coraçóes e espíritos.

O ultimato que Jesus apresenta ao seu anjo *c* escatológico. O pastor de Sardes vê-se, agora, pressionado náo no tempo histórico, mas na urgência dos últimos dias. Era-íhe, pois, urgente arrepender-se de seus pecados, e rogar ao Senhor que lhe restabelecesse as lembranças espirituais. Somente Cristo poderia operar-lhe tal milagre. E o íaria por meio do Espírito Santo. Foi o que Ele prometeu aos discípulos: “O Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, esse vos ensinará todas as coisas e vos fará lembrar dc tudo o que vos tenho dito” (Jo 14.26, ARA).

Das igrejas da Ásia Menor, Sardes é a única a ser ultimada escatolo-gicamcnte por Jesus. A sua situação era, em certo sentido, pior do que a de Laodiceia. Esta se amornara na fé; aquela, contudo, havia morrido e, mesmo assim, fingia estar viva. Por isso, achava-se táo descuidada quanto aos últimos dias. Ela já não prestava atenção ao cumprimento das profecias, nem aos sinais que assinalavam a iminência da volta dc Jesus. Sardes vivia como se este mundo fosse a sua eterna morada; já se conformara com o seu luxuoso ataúde. Por conseguinte, se o

Senhor voltasse naqueles dias, ela não teria percebido. Será que o mesmo não está acontecendo conosco? Oremos, pois, para que o Senhor Jesus nos renove a mente.

VI. O REMANESCENTE FIEL

Tens, contudo, em Sardes, umas poucas pessoas que náo contaminaram as suas vestiduras e andarão de branco junto comigo, pois são dignas. (Ap 3.4, A RA)

Na igreja em Sardes, havia uma igreja. Não era grande nem evidente. AJiás, era tão pequena, que os seus membros podiam ser contados nos dedos da mão direita de Cristo. A bem da verdade, aquele grupo era tão desprezível que nem podia ser visto. Era invisível aos olhos daquela maioria pecadora e impenitente. Invisível, mas universal e militante. Jesus conhecia-o muito bem, pois assim o descreve: “Umas poucas pessoas que não contaminaram as suas vestiduras” (Ap 3.4, ARA).

Em Sardes, havia um remanescente, que não estava disposto a comungar com o mundo, nem a conformar-se com este século. Em meio aos mortos, destacava-se por uma vida abundante e plena. O próprio Cristo reconhece-os como dignos de andarem com Ele na Jerusalém Celeste.

1. A teologia do remanescente fiel. A doutrina do remanescente fiel evidencia a presença invisível do Reino de Deus no mundo. O que isso significa? No Israel apóstata, havia um Israel fiel e piedoso, conforme atesta Paulo: “Mas, re lati vam ente a Israel, dele clama Isaías: Ainda que o número dos filhos de Israel seja como a areia do mar, o remanescente é que será salvo” (Rm 9-27, ARA). No tempo do apóstolo, esse remanescente encontrava-se escondido na Igreja de Cristo: “Assim, pois, também agora, no tempo de hoje, sobrevive um remanescente segundo a eleição da graça' (Rm 11.5, ARA). Afinal, o corpo místico do Senhor é formado, indistíntamente, por judeus e gentios.

Isaías e Jeremias trataram largamente o assunto (Is 49.6; Jr 50.20).

Em Israel, havia um Israel. E, na igreja, há também uma igreja fiel e remanescente. Na visível, acha-se a Invisível. Na local, a Universal. E, na militante, a triunfante. Quem poderia imaginar que, numa igreja morta e envolvida com o mundo como Sardes, havia uma igreja viva e comprometida com o céu? Foi por causa desse grupo inexpressivo que o Senhor Jesus não sepultou, de vez, aquela igreja que, apesar de morta, fingia uma vida que não

tinha vida.

2. A fidelidade do remanescente. Em Sardes, o remanescente fiel dignificara-se por um viver santo e irrepreensível diante de Deus. Eles não esperaram os tempos se consumarem para andar de branco na presença de Deus. Em sua esperança, anteciparam-se à escatologia, pois já viviam, com piedosa intensidade, a realidade da vinda de Jesus. Por isso, recebem do Senhor este elogio: “Não contaminaram as suas vestiduras” (Ap 3.4, ARA).

Sardes jazia morta em seus delitos. Suas vestes, manchadas pela iniquidade, agora lhe serviam de mortalha. O remanescente, porém, andava de vestes brancas diante de Deus e perante os homens.

3- A **promessa ao remanescente.** O remanescente fiel de Sardes recebe no tempo uma promessa eterna: “E andarão de branco junto comigo, pois são dignas” (Ap 3.5, ARA). Aliás, eles já caminhavam de branco diante de Deus e perante os homens. Irrepreensíveis em seus caminhos, sacrificavam-se por um viver digno e excelente. A consumação das coisas, para eles, era apenas um incentivo para agradar ainda mais ao Senhor.

Com o remanescente de Sardes, aprendemos que os bens eternos não devem ser vividos apenas no porvir. Têm eles de ser experimentados no presente, pois somente assim não perderemos as lembranças espirituais.

Na linguagem bíblica, o branco significa justiça, santidade e pureza. Tais virtudes caracterizavam os fiéis de Sardes. Através de sua postura ilibada, constituíam-se cies num protesto silencioso, mas eloquente, contra os desmandos e imoralidades que levaram aquela igreja à morte.

O remanescente íiel tinha o rosto de Cristo. A igreja, porém, possuía a cara de Sardes. Além de viver do passado, entregava-se, no presente, aos pecados mais vergonhosos. Por isso, não era atacada nem pelas autoridades romanas, nem pelos hereges e apóstatas que, de igreja em igreja, semeavam o seu joio. Afinal, por que atacá-la se ela já perdera toda a relevância?

VII. O LIVRO DÁ VIDA PARA. UMA IGREJA MORTA

O vencedor será assim vestido de vestiduras brancas, e de modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida; pelo contrário, confessarei o seu nome diante

de meu Pai e diante dos seus anjos. (Ap 3,5, ARA)

A uma igreja morta, Jesus não oferece um ataúde, nem lhe acena com uma mortalha. Em seu infinito amor, anseia por escrever-lhe o nome no Livro da Vida, e dar-lhe brancas vestiduras, a fim de que ela possa caminhar, ao seu lado, na Jerusalém Celeste. Ele não está em Sardes, para acompanhar o féretro de seu rebanho. Mas lá está para reavivar cada uma de suas ovelhas, a começar pelo seu pastor.

Sepultar é fácil. Basta amortalhar o cadáver e depositá-lo numa caverna e, depois, tapá-la com uma pedra. E tudo está acabado e, logo, será tudo esquecido. Ressuscitar, porém, é um trabalho incômodo, principal-mente se o defunto já cheira mal. Essa era a situação de Sardes. Apesar de sua aparente vida, o seu mau cheiro já começava a incomodar. Entretanto, Jesus queria avivá-la com o seu Espírito Santo, a fim de que cia se reerguesse corno a agência por excelência do Reino de Deus. Para tanto, esperava Ele, de sua amada igreja, uma atitude vencedora.

1. Uma atitude vencedora. Embora derrotada pela morte, a igreja em Sardes é tratada, por Jesus, como herdeira da vida eterna. Logo, o seu rebanho não precisa scr jogado numa vala comum, pois lá estava o Senhor. E, naquele vale de ossos sequíssimos, Ele ajuntará cada osso com o seu osso, e uní-Ios-á com nervos c tendões. Já recobertos de carne e pele, os esqueletos receberão o Espírito de Vida, e por-se-ão de pé como um poderoso exército de Deus.

Eis o avivamento que Jesus enviará às igrejas que, subjugadas pela iniquidade, jazem espiritualmente mortas.

Mas, para que isso aconteça, é urgente que clamemos por um aviva-mento. Essa é a atitude vencedora que Jesus espera de cada um de nós. Se não voltarmos ao cenáculo, em breve morreremos como organismo e, como organização, seremos mumificados. A partir daí, expiraremos, lembrando-nos do passado, pois o futuro ser-nos-á incerto. A escolha é nossa. O que preferimos? A mortalha de um cadáver? Ou as vestiduras brancas do vencedor?

2. **As vestiduras brancas.** Só andaremos de vestiduras brancas na eternidade se, no tempo presente, caminharmos com vestidos alvos como testemunhas dc Jesus. A excelência de nossa vida eterna, por conseguinte, tem de ser provada na efemeridade desse século perverso, abominável e inimigo de Deus.

O momento atual exige que os santos sejam ainda mais santos, e que os íntegros não se envergonhem de sua integridade. Portanto, que jamais transijamos com os nossos princípios. Se o fizermos, o sal tornar-se-á insípido e a luz perderá toda a claridade. Sc não tivermos coragem de protestar contra o erro e a corrupção que, muitas vezes, invadem a Igreja dc Cristo, perderemos todas as nossas características dc Reino de Deus. E, se isso acontecer, o nosso nome não será inserido no Livro da Vida.

3. O livro da vida. A uma igreja que já havia morrido espiritualmente, não poderia haver melhor promessa do que a vida eterna: “De modo nenhum apagarei o seu nome do Livro da Vida" (Ap 3.5, ARA). Então, o que podemos concluir? Ainda havia esperança para Sardes. Apesar de seu lastimável estado, ela ainda achava-se inscrita no rol dos que, em breve, estarão desfrutando das bem-aventurauças na Jerusalém Celeste.

Àquele velório, Jesus não trazia mais uma vela. Mas lá estava para acender o fogo de um grande e poderoso avivamento. Por conseguinte, que as carpideiras deixassem de chorar, que as coroas de flores não fossem mais entregues c que as condolências fossem caladas. Jesus não desiste de nenhuma igreja local, porque ama com amor eterno a Igreja Invisível e Universal.

O nome de Sardes ainda estava no Livro da Vida. E Jesus não queria riscá-lo daí, pois ele a comprara com o seu precioso sangue. Aleluia.

SARDES, A ICRE-A M

4. Jesus, o confessor. Além de manter o nome de Sardes no Livro da Vida, tinha-lhe o Senhor outra promessa: “Confessarei o seu nome diante de meu Pai e diante dos seus anjos” (Ap 3.5, ARA). Almejava Ele confessar o nome de Sardes diante de Deus e dos santos anjos.

Jesus é o confessor de sua Igreja diante de Deus, porque espera que ela o confesse diante dos homens. No mais sublime dos céus, o Cordeiro de Deus estava prestes a confessar o nome de Sardes diante do Pai. Para muitos, ela já havia morrido, mas para Jesus, não. Ela estava apenas dormindo. E, em breve, despertaria daquele sono.

Conclusão

Quem tem ouvidos> ouça o que o Espírito diz às igrejas. (Ap 3.5)

Jesus náo queria chorar um cadáver, mas alegrar-se com alguém que voltava à vida. Por isso, exorta com duras instâncias a sua igreja em Sardes. Ele almeja reavivá-la. Que esta, pois, ouça a voz do Espírito Santo.

Há muitas igrejas semelhantes a Sardes. Vivem de aparências e sobrevivem de glórias passadas, porque já não tem vida para glorificar a Deus no presente. Mas essa história pode mudar e rer um final feliz. Só precisamos de uma coisa, para isso acontecer: angustiarmo-nos por um avivamento.



7

Filadélfia, a Igreja do Amor Perfeito

Ao anjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz o santo, o verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha, e ninguém abrirá: Conheço as tuas obras — eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém pode fechar — que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome. Eis farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmos se declaram judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e

conhecer que eu te amei. Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar os que habitam sobre a terra. Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa. Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova ferusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome. (Ap 3.7-12, ARA)

Introdução

Jesus afirmou, em Cesareia, que as portas do inferno não haveríam de prevalecer contra a Igreja. Todavia, quando lemos a carta que Ele ordenou fosse enviada à Filadélfia, assustamo-nos com a oposição que vi-

ilha acabamhando aquela pequena e inexpressiva congregação cia Ásia Menor. Além das pressões externas, que não eram poucas, internamente via-se cia constrangida a enfrentar um grupo a quem Jesus denomina de “sinagoga de Satanás”.

Filadélfia, porém, tinha um segredo. Apesar de não possuir a excelência teológica de Éfcso, nem a riqueza de Laodiceia, dispunha de algo capaz de mover céus e terra. Ela amava perfeitamente a Deus, e nenhuma imperfeição era encontrada no mor que dedicava aos homens. Vivendo um cristianismo simples, mas eficaz, o seu amor fazia-se mais pródigo e abundante a cada manhã.

Quem ama como Filadélfia, jamais será derrotado. Nem o próprio inferno, com todas as suas tralhas e astúcias, terá condições de barrar-lhe os passos. Por isso, promete-lhe o Senhor Jesus abrir-lhe uma grande e inesperada porta.

I. FILADÉLFIA, A CIDADE DO AMOR FRATERNAL

Por causa de seus constantes e devastadores terremotos, Filadélfia não era um lugar muito aprazível dc sc morar. Não obstante, ela floresceu. E, agora, já era chamada de a Pequena Atenas, porquanto muitos eram os seus centros culturais, academias filosóficas e santuários dedicados aos habitantes do Olimpo.

Nessa cidade sismicamente idólatra, havia uma igreja inabalável e que entrou para a História Sagrada, em virtude do amor que santificava a Deus e devido à constância dos serviços que consagrava ao seu Reino.

1. A história de Filadélfia. A bíblica Filadélfia localizava-se na área

ocupada, hoje, pela cidade turca de Alasehir, junto ao Mar Egeu. Suas ruínas ainda impressionam, e dão uma clara ideia de sua primitiva grandeza.

A história de Filadélfia tem início em 159 a.C. Nesse ano, colonos de Pérgamo, estimulados pelo rei Atálo II, começaram a estabelecer-se na região. Por estar

situada na confluência enrre o Ocidente e o Oriente, a aldeia, que viria a ser conhecida como Filadélfia, tornou-se rota obrigatória dos correios romanos que, céleres, tinham de cruzar diariamente ambos os continentes.

Suas indústrias floresceram e puseram-se a atrair imigrantes de roda Ásia Menor e de outras províncias romanas. Não demorou para que a cidade ganhasse ares de metrópole.

A cidade recebeu o nome de Filadélfia devido ao amor que Átalo rinha por seu irmão Eumenes, a quem chamava de Philadelphos. Todavia, um amor muito mais alto, e infinitamente sublime, estava para ser conhecido e experimentado naquele terreno que se pressupunha tão fraterno.

2. A igreja cm Filadélfia. Jesus incluiu Filadélfia como destinatária do Apocalipse para mostrar o poder dc uma igreja que soube como preservar o seu primeiro amor, num século desumano e indiferente a Deus.

A semelhança das outras igrejas mencionadas no Apocalipse, Filadélfia também foi estabelecida por Paulo, ou por algum membro de sua equipe. Pelo menos é o que inferimos desta passagem de Atos: “Durou isto por espaço de dois anos, dando ensejo a que todos os habitantes da Ásia ouvissem a palavra do Senhor, tanto judeus como gregos” (At 19.10, ARA). A estada do apóstolo em Éfeso impulsionou o Reino de Deus a estender-se por todo o continente.

ii* Jesus, o despenseiro fiel da casa de davi

Ao ãnjo da igreja em Filadélfia escreve: Estas coisas diz. o santo, o verdadeiro, aquele que tem ã chave de Davi, que abre, e ninguém fechará, e que fecha,

e ninguém abrirá, (Ap 3. /, ARA)

A uma igreja pressionada pelo inferno, mas que ansiava expandir o Reino dos Céus na terra, apresenta-se o Senhor Jesus como o santo, o verdadeiro e aquele que tem a chave de Davi. *A* Filadélfia, faz uma promessa específica.

1. Jesus, o Santo de **Deus.** Em seu ministério terreno, Jesus era reconhecido como o santo de Deus até pelos próprios demônios (.Mc 1.24). Detentor dos mesmos atributos do Pai, o Filho separou-se, na eternidade, para cumprir, na plenitude do tempo, a sua missão salvadora. E, no mundo, já como o Filho do Homem, separou-se do pecado, mas não se apartou dos pecadores, porque a sua

obra consistia, justamente, cm resgatá-los do poder das trevas.

Sendo Jesus tão santo quanto Deus, pode reafirmar todas as promessas divinas, pois do Pai recebeu tal autoridade, Ao discorrer sobre essa prerrogativa de Cristo, afirmou o apóstolo: “Porque quantas são as promessas de Deus, tantas têm nele o sim; porquanto também por ele é

0 amém para glória de Deus, por nosso intermédio” (2 Co 1,20, ARA).

1 -ogo, o pastor de Filadélfia podia descansar nas promessas do Filho, porque cada uma destas traziam a chancela do Pai.

A santidade é um dos principais atributos de Cristo, Se Ele *é* santo, de sua Igreja requer santidade e pureza (1 Pe l.ló). Portanto, Filadélfia deveria fazer-se notória também pela santidade, pois sem esta ninguém verá o Senhor (Hb 12.14).

2. Jesus, o verdadeiro. Para validar, de vez, a sua promessa ao pastor de Filadélfia, Jesus apresenta-se, agora, corno “o verdadeiro”. Nele, não há mentiras, nem variações. Tudo nele é verdade. Aliás, o próprio Senhor apresentou-se como a própria verdade: “Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida; ninguém vem ao Pai senão por mim” (Jo 14.6).

Jesus é a verdade absoluta e irrecorrível. Nele, tudo se inicia e tudo nele se consuma. Sem Ele, o Universo não tem qualquer sentido. Por isso, deveria a igreja em Filadélfia repousar em suas palavras.

3. O que tem **a chave dc Davi.** Nesta instância, Jesus apresenta-se a Filadélfia como aquele que tem a chave de Davi, pois somente Ele teve condições de exercer o tríplice ofício messiânico: profeta, sacerdote e rei (SI 1 10.1-7). Por isso, foi distinguido com a guarda da chave de Davi.

No reinado dc Ezequias, o tesouro real ficava a cargo de Eliaquim. Sempre que o rei precisava de algo, recorria a ele que, avisada c prudentemente, abria a tesouraria e, daí, tirava o que lhe era solicitado pelo trono cie Davi,

De igual modo, age o Senhor Jesus. Ressurrecto dentre os mortos, recebe do Pai todo o poder nos céus e na terra (Mt 28.18). E, assim, soberanamente autorizado, abre e fecha as portas no mais alto dos céus e na mais baixa das terras. Já ciente disso, consola-se Filadélfia.

III* NO REINO PE DEUS; NÂO HÁ PORTAS FECHADAS

conheço as tuas obras — eis que tenho posto diante de ti uma porta aberta, a qual ninguém, pode fechar— que tens pouca força, entretanto, guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome. (Ap 3-8, ARA)

Jesus conhecia intimamente a Filadélfia. Ele sabia que ela, apesar de não possuir a excelência teológica de Éfeso, tinha a necessária teologia e doutrina para espalhar o Evangelho de Cristo até aos confins da terra. E, que, embora não fosse rica como Laodiceia, tinha bens suficientes para enriquecer um mundo tão pobre de Deus. Tendo em vista *o* espírito voluntário de Filadélfia e o serviço por ela apresentado, o Senhor promete abrir-lhe uma porta ainda maior.

1. A primazia das obras de Filadélfia. Jesus conhecia peifeitamente cada uma das ações e empreendimentos de Filadélfia, pois ao seu anjo declara; "Conheço as tuas obras" (Ap 3-8). Embora o Senhor não as decline, concluímos estarem elas ligadas, prioritariamente, à proclamação do Evangelho. Uma igreja que ainda preserva o primeiro amor, jamais terceirizara as urgências da Grande Comissão.

Se a igreja em Filadélfia, por um lado, empenhava-se na evangeliza-ção, por outro, não clescurava do ensino sistemático da Palavra de Deus, das obras de misericórdia e inclusão social. Ela era apostolicainente completa. Amava a Cristo e não podia deixar de amar os homens. Todavia, a anunciação das Boas Novas era a sua prioridade máxima. Nenhum projeto, por mais alto e meritório, conseguia dcmovê-la de sua responsabilidade missionária. Ela entendia que a igreja que não evangeliza não é digna desse nome.

O teólogo suíço Emil Brunner afirmou que "a Igreja subsiste pela missão, assim como o logo subsiste pela queima de combustível". Portanto, quando uma igreja deixa de evangelizar, em breve apagar-se-á como organismo espiritual e extinguir-se-á como agência do Reino de Deus. Mas, se persevera em evangelizar, uma porta ainda maior ser-lhe-á aberta.

2. **A porta** de **Filadélfia..** À igreja em Filadélfia, abriria Jesus uma grande e espaçosa porra de evangelismo e missões. EIc bem sabia que essa pequena, mas operosa congregação, viria aproveitar ao máximo mais essa oportunidade de expansão do Reino de Deus. Acredito que essa querida igreja muito aprendeu com Paulo, que durante as suas três viagens missionárias jamais desperdiçara o

ensejo de falar de Cristo a tempo e a fora de tempo (2 Tm 4.2).

Na linguagem do Novo Testamento, a porta tem um significado evangelístico muito forte. O apóstolo Paulo, quando encerrava a Primeira Epístola aos Coríntios, fala de uma dessas raras, mas abençoadoras portas, para apregoar a Cristo aos gentios: “Ficarei, porém, em Éfeso até ao Pentecostes; porque uma porta grande e eficaz se me abriu; e há muitos adversários” (1 Co 16.8,9). Entrando por essa porta, o apóstolo logrou evangelizar toda a Ásia Menor.

Mais tarde, ao chegar a Trôade, percebeu que Jesus abria-lhe outra porta missionária: “Ora, quando cheguei a Trôade para pregar o evangelho de Cristo e abrindo-se-me uma porta no Senhor, não tive descanso no meu espírito, porque não achei ali meu irmão Tito; mas, despedindo-me deles, parti para a Macedônia” (2 Co 2.12,13). E, foi assim, que o Evangelho, chegando à Europa Orienral, não demorou a conquistar o coração do império — a férrea e insensível Roma.

A igreja que, amorosamente, se entrega à evangelização, não tem apenas uma janela aberta. Terá sempre uma porta escancarada, que lhe possibilitará, no poder do Espírito Santo, expandir o Reino de Deus até aos confins da terra. No final do século passado, a cristandade evangélica foi desafiada pela janela 10 x 40. Mas, pelo que sabemos, muito pouco foi empreendido para que as dimensões dessa oportunidade fossem alargadas. O leste europeu não foi desbravado. Os países de expressão árabe e muçulmana continuam a zombar de nossos esforços missionários. Quanto à China, parece que todos nos amedrontamos com o grande e terrível dragão. Todavia, nada precisamos temer, pois uma grande porta de evangelização se nos foi aberta. Ainda que seja pequena a nossa força, em Deus faremos proezas.

3. **A força de Filadélfia.** O próprio Jesus reconhece que Filadélfia não é uma igreja forte. Como já dissemos, ela não possui a pujança teológica de Efeso, nem as riquezas materiais de Laodiceia. Entre os seus obreiros, não há nenhuma celebridade. Todavia, eles sabem que há uma missão há cumprir. E não voltarão atrás.

Dia desses, voltei a ler os *Heróis da Fé.* Nas páginas desse livro escrito por Orlando Boyer, deparei-me com alguns homens que, apesar de sua “pouca força”, fizeram grandes coisas para Deus. Deflagraram reformas, acenderam avivamentos e ultrapassaram as mais difíceis fronteiras da evangelização

transculrural. Impressionei-me, particularmente, com Mfilliam Carey (1761-1834). Conhecido como o pai das missões modernas, não se deixou vencer por suas limitações. O seu lema era: “Espere grandes coisas dc Deus. Faça grandes coisas para Deus”. O irmão Carey muito contribuiu para a universalização do Evangelho na época moderna. Ã semelhança do anjo de Filadélfia, tinha ele a fidelidade como uma de suas mais destacadas virtudes.

4. A fidelidade de Filadélfia. Não obstante enfrentar provações externas e, internamenre, estar sendo coagido por uma oposição que desco-

nhecia escrúpulos, o anjo de Fidaléllia manrerri a cas ■. .rr^ae*

cristãs. O próprio Senhor elogia-lhe a fidelidade: "Guardaste a minha palavra e não negaste o meu nome” (Ap 3.8).

Ele observava cada ordenança e mandamento de Jesus. Era-lhe a Grande Comissão a prioridade das prioridades. Nada lhe parecia mais urgente do que evangelizar e fazer missões. Embora as portas estivessem aparentemente fechadas, ele não perdia o ânimo. Com ousadia proclamava as Boas Novas, apesar de saber que isso poderia custar-lhe a vida.

Quem evangeliza não pode negar o nome de Jesus. Mesmo sabendo que o seu testemunho pode custar-lhe a liberdade e a própria vida, expõe-se perigosamente, pois o amor que tem pelas almas perdidas leva-o a desprezar os horrores da morte. A fogueira do coliseu e as feras da arena não o assustam, pois sabe que o seu testemunho, mesmo naquela hora de suprema provação, pode arrebatar preciosas almas do fogo do inferno. Não foi o que ocorreu no martírio de Estêvão? O jovem Saulo, pressionado por seu testemunho, não pôde ficar indiferente à fé. Tempos depois, ei-lo transformado no grande apóstolo dos gentios.

A fidelidade de Filadélfia erguia-a como testemunha num mundo que jamais deixou de se opor à Igreja.

IV, A SINAGOGA T>E SATANÁS

Eis farei que alguns dos que são da sinagoga de Satanás, desses que a si mesmos se declaram judeus e não são, mas mentem, eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pés e conhecer que eu te amei. (Ap 3. S>, ARA)

Junto à igreja em Filadélfia, liavia um grupo de crentes que movia uma ferrenha oposição ao anjo desse pequeno, mas precioso, rebanho. Jesus cognomina-o de a sinagoga de Satanás. Identificando-se como judeus, essa gente buscava introduzir elementos heterodoxos à sã doutrina. E, assim, seduzir os fieis, a fim de lograr proveitos materiais.

O Senhor Jesus, entretanto, intervém em favor de sua igreja, Ele promete ao seu pastor forçar aqueles ímpios a prostrar-se-lhe aos pés e a reconhecer que aquele redil contava com todos os favores divinos.

1. A. sinagoga **de** Satanás. Na igreja visível, não se encontra apenas a Igreja Invisível e Universal. Acha-se nela, também, às vezes, a sinagoga de Satanás. Esta, todavia, não faz tanta questão da invisibilidade, xiem se limita a uma localidade. Quando lhe convém, mostra a cara, e passa a confrontar, ostensivamente, os fiéis. Para impressionar os incautos, tais indivíduos declaravam-se judeus. Mas não desfrutavam de nenhum parentesco com o patriarca Abraão, conforme faz questão de ressaltar o Senhor Jesus: “Esses que a si mesmos se declaram judeus e não são, mas mentem” (Ap 3.9).

El es se diziam judeus, para dar a entender de que desfrutavam de uma relação privilegiada com Jeová. Dessa forma, iam constrangendo os crentes a observar o cerimonial judaico e outras práticas místicas. No entanto, o que eles, na verdade, desejavam era cativar e subjugar os santos. Em Esmirna, haviam causado muitos dissabores ao pastor daquela cidade. Agora, começam a atribular a igreja ern Filadélfia.

Não são poucas as igrejas que sofrem com tais grupos. Dizendo-se mais santos que os outros, arrotam uma espiritualidade afetada e falsa. Urdem profecias, fabricam visões e inventam sonhos. Hábil e astutamente, jogam a igreja contra o pastor e o pastor contra o rebanho. Eles sabem que, dividindo o rebanho, ser-lhes-á mais fácil escravizar as pobres e já indefesas ovelhas. A partir daí, arrastam-nas para os seus currais, onde lhes arrancam a lã e devoram-lhes a gordura. Hoje, criam uma igreja. Amanhã, acendem um. movimento. Mais adiante, dão estrutura a uma seita. Enquanto isso, prosperam teologias e positivam suas confissões.

Eles, porém, não irão adiante. O Senhor Jesus forçá-los-á a reconhecer que tanto Esmirna quanto Filadélfia contam com todos os favores divinos.

2, A exaltação de Filadélfia. Em Esmirna, os pretensos judeus haviam blasfemado impunemente do anjo da igreja. Motivados por essa aparente impunidade, resolveram dar os ares de sua presença em Filadélfia. E, aí, com todo o seu aparato místico e legalista, passaram a afrontar a igreja e o seu pastor. Agora, fazem-se ainda mais ousados. Afinal, até aquele momento, nenhuma disciplina haviam sofrido.

Dessa vez, porém, Jesus decide intervir e colocar um ponto final em sua deletéria carreira. Eles haveríam de reconhecer que tanto Esmirna, quanto Filadélfia, contavam com a proteção divina. O Senhor promete ao seu anjo, que toda essa oposição cairia de joelhos diante dele: “Eis que os farei vir e prostrar-se aos teus pes e conhecer que eu te amei” (Ap 3-9, ARA).

O pastor de Filadélfia não precisaria lutar, nem estabelecer um plano de ação, para combater aquela sinagoga de Satanás que, desde Esmirna, não havia parado de crescer em número e influência. O próprio Cristo encarregar-se-ia por aquela gente ímpia e fútil em seu próprio lugar.

V. A HORA DA PROVAÇAO

Porque guardaste a palavra da minha perseverança, também eu te guardarei da hora da provação que há de vir sobre o mundo inteiro, para experimentar

os que habitam sobre a terra. (Ap 3-10, ARA)

Jesus tinha duas promessas específicas para a igreja em Filadélfia: uma temporal e outra es cato lógica. A primeira referia-se ao livramento quanto aos ataques, que ela vinha sofrendo dos falsos judeus. A segunda dizia respeito à Grande Tribulação que, após o arrebatamento da Igreja, virá sobre o mundo inteiro.

Por que o Senhor faz-lhe a segunda promessa de forma tão específica e clara? Talvez porque o pastor de Filadélfia tivesse alguma dúvida quanto às últimas coisas, e pensasse que os fiéis também haveríam de atravessar pela Grande Tribulação. Semelhante consolo somente recebe quem guarda a palavra da perseverança de Jesus.

1. A palavra da perseverança. O que é a palavra da perseverança de Jesus? E o comprometimento que tem o crente de cumprir e observar cada mandamento e ordenança do Senhor. Naqueles dias, portar-se como discípulo de Cristo não era uma tarefa nada fácil. Em primeiro lugar, tinha-se de fazer uma escolha que

podia custar, ao fiel confessante, a própria vida. Se o cristão declarasse, ante os potentados romanos, que somente Jesus era Deus e Senhor, arriscava-se a terminar os seus dias numa arena. Mas se ele, para agradar aos homens, renegasse o Filho de Deus, um castigo infinitamente maior aguardava-o na eternidade.

Embora não enfrentasse perigos imediatos como Esmirna, era Filadélfia igualmente confessante. E viam-se ambas, agora, na contingência de suportar o insuportável, por causa de sua fidelidade ao Senhor Jesus. As outras igrejas, posto não observarem tão fielmente a palavra de Cristo, não eram tão pressionadas assim. Que pressão do mundo sofria Laodiceia? Tendo esta a cara do mundo, no mundo adaptava-se perfeita-mente, porque ela amava o mundo, e este, por ela, caía de amores. Mas a recomendação de Jesus à sua Igreja é que lhe observemos a palavra da perseverança. Caso contrário, sofreremos a hora da tentação que há de vir sobre o mundo inteiro.

2. A hora da provação. Os profetas do Antigo Testamento alertaram a Israel, em diversas ocasiões, acerca da proximidade do Dia do Senhor. Os judeus, porém, achavam que a tribulação vindoura estava destinada

apenas aos gentios. Quanto à semente de Abraão, por mais perversa e ímpia, esperava-a todas as bem-aventuranças dos céus e da terra.

No entanto, vem o profeta Jeremias, e demonstra que a ira divina haveria de cair, igualmente, sobre todos os ímpios, quer israelitas, quer estrangeiros. E, provando serem verdadeiros os arcanos que, inspirado por Deus, anunciava, o profeta vaticina a queda de Jerusalém e a destruição do Santo Templo. O exílio à Babilônia, por conseguinte, era apenas uma figura do que estava prestes a abater-se sobre o Israel apóstata e sobre as nações iníquas.

A teologia do Dia do Senhor foi chancelada tanto por Cristo quanto por seus apóstolos. No Sermão Profético, Jesus detalha alguns lances da “tribulação daqueles dias’. O mesmo fazem Paulo e Pedro, em suas epístolas, e João, no Apocalipse.

Na teologia cristã, o Dia do Senhor é convencionalmente chamado de a Grande Tribulação. E, tendo como principal fundamento a promessa que Jesus endereça ao pastor de Filadélfia, acreditamos que a Igreja não será constrangida a experimentar essa hora de singulares provações e disciplinas. Por conseguinte,

que a igreja em Filadélfia descansasse no tempo, porque na eternidade teria perfeita paz.

VI, A COROA OA VID A

Venho sem demora. Conserva o que tens, para que ninguém

tome a tua coroa (Ap 3.11, ARA).

Filadélfia é a mais escatológica das igrejas da Ásia Menor. Ela trabalhava hoje, como se Jesus viesse amanhã. Ela não desperdiçava nenhuma oportunidade evangelística, pois trabalhava com urgência missionária. Na carra que lhe enviou o Senhor, podemos detectar, pelo menos, quatro doutrinas referentes aos últimos dias: a volta de Jesus, a Grande Tribulação, o galardão dos heis e a realidade da Jerusalém Celeste.

O versículo, que ora consideramos, é essencialmente escatológico. Além de anunciar a proximidade do arrebatamento da Igreja, urge-nos a conservar a devoção ao Reino de Deus, a fim de não perdermos a coroa da vida. $e nos aprofundarmos um pouco mais nessa passagem, concluiremos: somente as igrejas fiéis são escatológicas. Porque somente elas têm a necessária motivação de entregar-se à evangelização e a dar-se, sem reservas, ao labor missionário. Elas agem assim por acreditarem piamente na brevidade da volta de Cristo.

1. A iminência da volta de Jesus e a evangeíização. O alerta do Senhor à Filadélfia não admite adiamentos: “Venho sem demora” (Ap 3.11). Ao instar dessa forma ao seu anjo, não visava Jesus levá-lo à contemplação infrutífera, nem induzi-lo a um estresse improdutivo. Ele também não queria que Filadélfia se perdesse em especulações quanto aos últimos dias. O que o Senhor Jesus realmente pretendia era impulsioná-la a trabalhar enquanto é dia.

A Doutrina das Ultimas coisas não tem como objetivo levar-nos a especular quanto ao futuro, mas a expandir o Reino de Deus no presente. Portanto, nossa tarefa básica não é a futurologia, mas a proclamação do Evangelho até aos confins da terra. Quem espera pela volta de Cristo, jamais descansa as mãos.

2. **A coroa de Filadélfia.** O maior bem de Filadélfia não era a salvação, mas o privilégio de salvar o mundo pela proclamação do Evangelho. Em vez de ver a Grande Comissão como a carefa árdua e enfadonha, Filadélfia contemplava-a como o galardão dos galardões. Cumprindo-a, fazia-se ela Reino de Deus e

corpo de Cristo. E, quanto mais se comprometia com a obra evangelizadora, mais portas missionárias abria-ihe Jesus. Por isso, soa-lhe como suave música a exortação do Senhor: “Conserva o que tens, para que ninguém tome a tua coroa” (Ap 3-11, ARA).

A coroa de algumas igrejas é o evangelismo social, que não evangeliza nem socializa o pecador. Filadélfia, porém, tinha como coroa o Evangelho Completo de Cristo. Proclamado no poder do Espírito Santo, ele não se limita a ressocialí-zar o pecador; vai além: transforma-o numa criatura nova e útil. Por conseguinte, na coroa de Filadélfia, as obras de misericórdia e a inclusão social não eram a pedra principal, mas apenas adornos de uma ação evangelizadora plena.

VII. A CFFF.BRIDADE DE FILADÉLFIA NO TEMPLO DE DEtJS

Ao vencedor, fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus, a nova Jerusalém que desce do céu, vinda da parte do meu Deus, e o meu novo nome.

(Ap 3.12, ARA)

A Capela Sistina, situada no Vaticano junto ao Palácio Apostólico, é a mais célebre igreja da cristandade. Inspirada no templo de Salomão

e aprincesada pelos mais celebrados mestres da Renascença, deslumbra a todos que a visitam, Lá, encontramos os traços de Michelangelo, os matizes de Rafael, as nuances dc Berniní e as cores de Sandro Borricclli. Definitivamente, não há santuário como a Capela Sistina.

Filadélfia, entretanto, nem templo possuía. Era tão desprezada, que artista algum se prontificaria a emprestar-lhe um pouco de beleza à humilde casa, onde ela, às escondidas, reunia-se a servir e a adorar a Cristo. Mas, diante de Deus, Filadélfia, juntamente com a mártir Esmirna, desfrutava dc uma celebridade que ia além do tempo. Não obstante suas limitações, tornou-se a mais célebre das igrejas da Ásia Menor.

1, Filadélfia, a igreja vencedora, Filadélfia jamais perdera uma batalha, nem havia desperdiçado qualquer oportunidade evangelizadora e missionária. Por isso, Jesus exorta-a a não perder o foco de sua missão: “Ao vencedor” (Ap 3.12).

Era-lhe urgente, pois, que continuasse a proclamar a Palavra de Deus até aos confins da terra a tempo e a fora de tempo.

Uma igreja é derrotada quando abandona a sua missão urgente e básica, e passa a dedicar-se a coisas que, diante de Deus, não têm valor algum. Nessas condições, assemelha-se ao Israel do tempo de Jeremias. Em vez de se deleitar com as águas vivas e distribuí-las entre os sedentos, põe-se a cavar cisternas rotas que, por sua própria natureza, não conseguem reter água alguma.

2. Filadélfia, a igreja célebre diante de Deus. Quando chegarmos aos céus, veremos o nome de Filadélfia nalguma das colunas da Jerusalém Celeste, conforme promete Jesus ao anjo dessa amantíssima igreja: “Fá-lo-ei coluna no santuário do meu Deus, e daí jamais sairá; gravarei também sobre ele o nome do meu Deus, o nome da cidade do meu Deus” (Ap 3.12, ARA).

A promessa era futura, mas já começava a ser desfrutada no presente, pois o nome dc Deus podia scr visto nas obras, na postura e no testemunho de Filadélfia. Na eternidade, seria ela uma das colunas da Cidade de Deus, mas, naquele momento, já era reconhecida como baluarte divino na cidade dos homens,

Há muitas igrejas que se destacam apenas pelo testemunho individual de SCLIS membros. Filadélfia, porém, realçava-se tanto individual quanto coletivamente como povo de Deus, pois o nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, podia ser lido em todas as suas ações. Era uma carta viva.

E, em seu rosto, havia a firme determinação de quem peregrinava em direção à Jerusalém Celeste,

3- Filadélfia, a igreja na Jerusalém Celeste. Na eternidade, Filadélfia estará na Jerusalém Celeste, mas no tempo histórico, a Jerusalém Celeste já podia ser vista em Filadélfia. Ela caminhava decididamente para Sião, e de ninguém escondia a sua determinação em chegar aos portais da Casa do Pai. A sua peregrinação era proclamadora e testemunhai, pois vivia um permanente avivamento.

Enquanto a Jerusalém Celeste não baixava à terra, Filadélfia subia aos céus, através das primícias de suas obras: evangelização e missões.

Conclusão

Quando uma igreja local ama como Filadélfia e, como Filadélfia, proclama o Evangelho de Cristo, logo Deus a universaliza. Foi o que aconteceu a essa amada e amante igreja. O seu trabalho floresceu alem dos limites da cidade que lhe emprestou o nome.

O seu exemplo floresce através desses dois milênios de cristianismo. Alguns historiadores dão-lhe o nome ao período áureo das missões mundiais, que abrange os séculos XVIII, XIX e parte do XX.

Filadélfia é o padrão. Para alcançá-la no amor e no testemunho é só amar testemunhalmence.



8 Laodiceia, a Igreja Morna

Ao anjo da igreja em Laodiceia escreve: Estas coisas diz o Amém, a testemunha fiel c verdadeira, o princípio da criação de Deus: Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera fosses frio ou quente! Assim, porque és morno e nem és quente nem fio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca; pois dizes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e n u. Aconselho-te que de mim compres ouro refinado pelo fogo para te enriqueceres, vestiduras brancas para. te

vestires, a fim de que não seja manifesta a vergonha da tua nudez, e colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas. Eu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso e arrepende-te. Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele, comigo. Ao vencedor, clar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu venci e me sentei com meu Pai no seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas. (Ap 3.14-22, ARA)

Introdução

Louvo a Deus pelas notícias que me chegam das igrejas confessantes e mártires. Não sei se, algum dia, terei oportunidade de comunicar-lhes alguma dádiva. Mesmo porque elas se acham perdidas e oprimidas nos países que compõem a janela 10 x 40. O seu testemunho, porém, é capaz de abalar todas as portas do inferno.

Se no Oriente vejo o semblante de Esmirna, no Ocidente, envergonho-me com a cara despudorada de Laodiceia. Amornada em sua zona de conforto, ela náo somente tomou a forma deste mundo, como secula-rizou-se também, perdendo toda noção de eternidade.

Laodiceia deixou-se coisificar. Náo mais possui as qualidades de luz e as propriedades de sal. Por isso, Jesus já não a suporta. F.la lhe causa náuseas e provoca-lhe ânsias de vômito. Tal linguagem, embora forte e nada elegante, retrata com admirável exatidão boa parte da cristandadc destes últimos dias. Entretanto, nem tudo está perdido. Apesar do cenário desa-nimador, Jesus ainda náo desistiu da igreja em Laodiceia.

I< LAODICEIA^ UMA CIDADE SOBERBA

Centro financeiro da Ásia Menor, Laodiceia destacava-se também pela indústria têxtil e por uma escola de medicina especializada em of-talmologia. No encanto, via-se em grandes dificuldades, por causa de seu precário abastecimento de água.

Fundada em 250 a.C., a cidade ocupava uma posição estratégica, e, por isso mesmo, muito cobiçada na Ásia Menor. De leste a oeste, era cortada pela estrada Pérgamo-Sardes. E, do fértil Vale do Licos, tirava o necessário para o florescimento de sua agricultura,

No ano 60 d.C., Laodiceia foi abalada por um grande terremoto. Mas, soberba e prepotente, recusou-se a reconstruir-se com o auxílio do Império Romano. Ela mesma encarregou-se de reerguer-se do pó, e fez questão de mostrar que nada poderia destruir-lhe a formidável riqueza. Afinal, era a cidade dos banqueiros e milionários. Sua influência estendia-se por toda a região, e acabou por afetar até mesmo a igreja estabelecida em seus termos.

II. UMA IGREJA CERCADA POR LAODICEIA

Quando Israel chegou às cercanias de Jerico, a cidade foi tomada pelo terror, não porque o exército liebreu fosse numeroso, Ela foi aterrorizada porque os israelitas eram precedidos por urn testemunho profético e sacerdotal. E isso fez com que Jerico se encerrasse em seus muros, pois sabia que Israel tinha um firme compromisso com o Deus santo e verdadeiro. O cerco daquela impenitente cidade era implacável, conforme informa o autor sagrado: “Ora, Jerico estava rigorosamente fechada por causa dos filhos de Israel; ninguém saía, nem entrava” (Js 6.1).

A igreja em Laodiceia, porém, já não tinha testemunho, nem profecia, nem sacerdócio. Ao invés de sitiar, deixou-se sitiar. Em vez de transformar, conformou-se. E, agora, já não havia diferença entre ela e Laodiceia. Sobrepujada por esta, já não tinha força testemunhai para levar a opulenta e orgulhosa cidade a receber o Evangelho de Cristo.

Apesar de haver sido estabelecida como resultado de um grande avi-vamento, a igreja em Laodiceia acabou por conformar-se àquela atraente, mas iníqua metrópole, Foi por isso que Jesus escolheu-a como uma das destinatárias do Apocalipse. Com isso, visava o Senhor a duas coisas. Em primeiro lugar, corrigir a postura daquele rebanho e reconduzi-lo na Palavra de Ei eus. E, também, alertar as demais igrejas a que fujam da mornidão espiritual.

III. A TESTEMUNHA FIEE CONTRA UMA IGREJA INFIEL

Ao anjo da igreja em Laodiceia escreve: Estas coisas diz o Amém,

a testemunha fiel e verdadeira, o principio da criação de Deus. (Ap 3.14, A RA)

A uma igreja presunçosa, infiel e que vivia de menriras, apresenta-se Jesus como o “Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus” (Ap 3-14). Nessas poucas, mas enérgicas palavras, o Senhor censura duramente Laodiceia porque, desprezando ela a suficiência divina, deleitava-se em prezar a suficiência humana. Jesus mostra-lhe também que Ele, e não ela, é a última palavra de todas as coisas, porque nEle tudo se fez e nele tudo se consumará.

Nessa passagem, a cristologia é particularmente rica. Devido à situação espiritual de Laodiceia, viu-se o Senhor Jesus constrangido a revelar-se náo somente como o cabeça da Igreja, mas também como o soberano do

Universo. Por isso, mostra seus atributos e não esconde suas atribuições como Deus. Diante da pretensão da criatura, mostra as credenciais de Criador.

1. O Amém, a última palavra de todas as coisas. A palavra "amém", em hebraico, significa: verdadeiramente e assim seja. Durante o seu ministério terreno, Jesus servia-se desse termo para iniciar e encerrar seus pronunciamentos. Todas as vezes que Ele, ao introduzir uma declaração, dizia: "Em verdade, cm verdade", isso soava, aos ouvidos judeus, como se o próprio Jeová afirmasse: "Amém, Amém". Era uma afirmação irrecorrível, e que possuía a força de um decreto proclamado em última instância.

Ao apresentar-se à orgulhosa Laodiceia como o Amém, Jesus deixa-lhe bem patente ser Ele a última palavra de todas as coisas. Por conseguinte, deveria ela, corno serva, reconhecer-lhe imediatamente o senhorio, Ele é o Amém, porque todas as promessas nele se cumprem e, porque nEle todas as profecias fazem-se História.

2. A testemunha fiel e verdadeira. Identificando-se, agora, como a testemunha fiel e verdadeira, Jesus denuncia a infidelidade, a mentira e a ausência testemunhai de Laodiceia. A situação dessa igreja era pior do que a de Sardes. Se esta vivia de aparências, aquela não se preocupava em mantê-las, porque ostensiva c publicamente já havia renunciado a sua aliança com Jesus. Sardes havia sido morta pelo pecado, Laodiceia, por seu turno, matava pelo pecado, pois deste tornara-se promotora.

Sc compararmos, agora, Laodiceia a Pérgamo, constataremos que a situação da primeira era pior do que a da segunda. Pérgamo fora invadida por duas perigosas heresias, já Laodiceia, em sua apostasia, fizera-se mais nociva do que a doutrina de Balaão e mais deletéria do que o ensino dos nicolaítas. Pelo menos a igreja em Pérgamo, apesar dessas ameaças teológicas, manteve o seu testemunho, ao passo que a igreja em Laodiceia, embora não tivesse sofrido qualquer ameaça doutrinária, criou sua própria teologia e nesta prosperou até renunciar a santíssima fé.

Laodiceia é a única destinacária do Apocalipse sem testemunho. Sua ausência testemunhai era tão grave, que sequer podia ser identificada como igreja, Ela supunha que as suas muitas riquezas eram suficientes para substituir o testemunho que, oucrora, dava diante dos homens e de que, perante Deus,

desfrutava.

3- O princípio da criação dc Deus. Laodiceia vangloriava-se do ouro que não possuía e da prata que não tinha. Aos seus olhos, porém, era rica e de nada tinha falta. Para arrancá-la dessa ilusão, Jesus apresenta-se ao seu anjo como “o princípio da criação de Deus” (Ap 3.14).

O Senhor Jesus não é apenas o princípio da criação, mas o criador de tudo o que existe, porque todas as coisas Deus fez por Ele e para Ele. Se tudo pertence a Jesus, o que sobra a Laodiceia? Apenas uma teologia falida e ridícula. Ela teria de saber que, se dependermos da suficiência divina, de nada teremos falta, mas se confiarmos em nossa autossuficiência, viremos a mendigar o próprio pão. Na verdade, Laodiceia nada possuía, até as suas obras eram pobres.

IV* AS OBRAS DE UMA IGREJA MORNA

Conheço as tuas obras, que nem és frio nem quente. Quem dera

fosses frio ou quente! (Ap 3.15, ARA)

O termômetro de uma igreja sáo as obras. Ao não sentir a pulsação das obras de bardes, por exemplo, Jesus, pesaroso e já enlutado, vê-se constrangido a lavrar-lhe o óbito. E, agora, enoja-se das obras de Laodiceia, porque elas sáo tão mornas quanto esta. Logo, não estamos numa igreja, mas numa confortável banheira de águas tépidas. Assim, relaxadamente, iam aqueles crentes vivendo o seu cristianismo despojado de Cristo.

1. As obras sem obras de Laodiceia. Tanto Filadélfia quanto Esmir-na sobressaíam pelo evangelismo confessante. Se formos a Efeso, encontrá-la-emos plena de obras teológicas e apologéticas, Pérgamo, embora sob ataque de duas virulentas heresias, havia buscado a perfeição de suas obras. As obras deTiatira, embora imperfeitas, não eram de todo descartáveis. Até a defunta Sardes tinha um restinho de vida cm suas obras. Mas ern que consistiam as obras e ações de Laodiceia?

No acúmulo de bens materiais! Afinal, aquela era a cidade dos milionários, industriais e banqueiros. Por que não acomodar um evangelho para essa gente? Uma concessão aqui, uma abertura ali e, mais adiante, uma lenidade. Aí está uma teologia que próspero algum rejeitará.

2, A mornidão dc Laodiceia. Apesar dc seu invejável progresso, a cidade de Laodicéia enfrentava um sério problema quanto ao abastecimento de água. Por isso, tinha de recorrer aos préstimos dc duas cidades vizinhas: Colossos e Hierápolis. Da primeira, recebia águas frias e potáveis de excelente qualidade; e, da segunda, águas quentes e medicinais. Como eram conduzidas por aquedutos de até catorze quilômetros, ambas, muitas vezes, chegavam-lhe mornas. E, assim, perdiam suas qualidades primárias.

Tal era a situação de Laodiceia. Deixara-se ela conduzir pelos dutos de um eclesiasticismo inflexível, e que não contemplava nem as urgências, nem as demandas do Reino de Deus. Dessa maneira, foi ela perdendo a capacidade de matar a sede aos pecadores, pois já não proclamava o

Evangelho de Cristo — a única fonte de águas vivas. Como se isso não bastasse, também já não conseguia curar os feridos de alma, porque as propriedades terapêuticas e termais de sua doutrina não mais existiam.

Laodiceía, agora, não passava de uma banheira de águas mornas.

3. **Entre Sardes e Filadélfia.** Diante da lamentável situação de

j

Laodiceía, suspira o Senhor: “Quem dera fosses frio ou quente!” (Ap 3-15, ARA). O ideal era que Laodiceia experimentasse o avivamento que aquecia o amoroso coração de Filadélfia. Ou, então, que fosse tomada, de vez, pela frialdade cadavérica de Sardes. Mas que, de maneira alguma, permanecesse naquele estado de indiferença e letargia como se tudo estivesse bem.

Por conseguinte, havia mais esperança para a defunta Sardes do que para a apática e inerte Laodiceía. Seu desinteresse para com as coisas de Dens era tão irritante que o Senhor Jesus estava prestes a vomitá-la de sua boca.

V. QUANDO UMA IGREJA SE TORNA INTRAGÁVEL

Assim, porque és mor rio e nem és quente nem frio, estou a. ponto de -vomitar-te da -minha boca. (Ap 3.16, A Rei).

As águas mornas são eméticas. Não matam a sede, por não serem frias e, às

vezes, nem potáveis. Também não curam, por já haverem perdido suas propriedades terapêuticas. Elas só têm uma utilidade: provocar vômito. Muitas pessoas, ainda hoje, usam-nas como vomitório. Assim estava a igreja em Laodiceia na boca do Senhor: na iminência de ser ejetada, por haver se tornado intragável.

1. Uma carta não conhecida. Xa Epístola aos Colossenses, Paulo menciona uma carta que escrevera à Laodiceia (Cl 4.16). Por alguma razão, não permitiu o Senhor que essa missiva fosse incluída no cânon do Novo Testamento. Não sei se o real conteúdo dessa encíclica foi preservado. Em algumas versões da Vulgata Latina, circula um texto que tem a pretensão de ser a referida obra. Eu a li, mas estou quase certo de que aquelas palavras não saíram da lavra de Paulo. Segundo sugere o teólogo alemão Adolí von H arnak (1S5 1-1930), essa carta, na verdade, é uma obra apócrifa produzida por Xlarcion, no segundo século de nossa era.

Todavia, não posso evitar a pergunta. O que, de fato, escreveu o apóstolo aos laodicensesi Que exortações lhes fez? Que recomendações e advertências lhes deixou? O que posso dizer é que, por volta do ano 62 d.C., a igreja em Laodiceia desfrutava dc um excelente testemunho. Além disso, podia contar com as solicitudes de um pastor como Epafras, segundo inferimos desta passagem de Paulo aos colossenses: “Sauda-vos Epafras, que é dentre vós, servo dc Cristo jesus, o qual se esforça sobremaneira, continuamente, por vós nas orações, para que vos conserveis perfeitos e plenamente convictos em toda a vontade de Deus. E dele dou testemunho de que muito se preocupa por vós, pelos dc Laodiceia e pelos de Hierápolis” (Cí 4.12,13, ARA).

Nesse ano, Paulo recomenda à igreja em Colossos que envie a epístola que ele lhe dirigiu à Laodiceia. Esta, por seu turno, deveria passar aos colossenses a carta que o apóstolo lhes havia escrito. E, assim, todos os crentes daquela regiáo seriam edificados em Cristo. Certamente, os irmáos de Laodiceia tomaram conhecimento do teor da Epístola dc Paulo aos Colossenses. Mas será que nada aprenderam desse livro de Deus?

O tema dessa epístola gira em torno da supremacia de Cristo. Logo na abertura da carta, Paulo entoa este belíssimo hino para enaltecer a divindade e a obra do Filho de Deus:

Ele nos libertou do império das trevas e nos transportou para o reino do Filho do

seu amor, no qual temos a redenção, a remissão dos pecados. Este é a imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação; pois, nele, foram criadas codas as coisas, nos céus e sobre a terra, as visíveis e as invisíveis, sejam tronos, sejam soberanias, quer principados, quer potestades. Tudo foi criado por meio dele e para ele. Ele é antes de todas as coisas. Nclc, tudo subsiste.

Ele é a cabeça do corpo, da igreja. Ele é o princípio, o primogênito de entre os mortos, para em todas as coisas ter a primazia, porque aprouve a Deus que, nele, residisse roda a plenitude e que, havendo feito a paz pelo sangue da sua cruz, por meio dele, reconciliasse consigo mesmo todas as coisas, quer sobre a terra, quer nos céus. (Cl 1.13-20, ARA)

Ninguém que lê essa passagem fica indiferente à soberania de Jesus Cristo não somente sobre a Igreja, mas também sobre toda a criação. Não obstante a sua magnificência, o Senhor Jesus dispõe-se a confessar-nos o nome diante do Pai.

2. **Quando a igreja perde o seu confessor.** Até aquele instante, o Senhor Jesus ainda confessava o nome de Laodiceia diante do Pai c dos santos anjos, como Ele mesmo havia prometido aos discípulos: “Portanto, todo aquele que me confessar diante dos homens, também eu o con-

fessarei diante de meu Pai, que está nos céus; mas aquele que me negar diante dos homens, também eu o negarei diante de meu Pai, que está nos céus” (Mt 10.32,33, ARA).

Já imaginou o privilégio que você e eu desfrutamos de ter os nossos nomes confessados pelo Filho diante do Pai? isso significa que os nossos nomes estão, permanentemente, na boca e nos lábios de Jesus. Ele nos confessa nos céus perante Deus, porque na terra nós o confessamos ante os homens. Jesus *é* o nosso Confessor,

Sim, até aquele momento, o Senhor ainda confessa o nome de La-odiceia diante de Deus, mas estava prestes a não mais fazê-lo, devido à mornidão dessa igreja. Ela fizera-se emética na boca de seu Confessor, conforme o próprio Cristo declara: “Assim, porque és morno e nem és quente nem frio, estou a ponto de vomitar-te da minha boca” (Ap 3.16, ARA).

Caso o Senhor vomitasse Laodiceia de sua boca, ela não mais seria considerada herança e propriedade sua. Quando isso ocorre, a criatura isola-se do Criador e perde-se no nada. No Antigo Testamento, há uma passagem que mostra Jeová

vomitando não um homem, mas toda uma nação de sua boca. Já descontente e amargurado com as atitudes de Esaú, esbraveja o Altíssimo: “Amei a Jacó, porém aborrecí a Esaú” (Ml 1.2,3, ARA). Depois disso, foi Esaú desaparecendo ate sumir da terra dos viventes.

Agora, o Senhor está na iminência de vomitar de sua boca toda uma congregação. E, pelo que podemos inferir do texto, não havia em Laodiceia qualquer remanescente. Toda uma igreja havia caído na apostasia. Mesmo a defunta Sardes podia contar com alguns que ainda respiravam. Em Laodiceia, contudo, não há remanescência nem resto de vida; tudo é mornidão e morte. Ela é o exemplo clássico do que pode fazer um arremedo de doutrina numa igreja. Hoje, modismo; amanhã, heresia; e, depois, uma virulenta apostasia que põe tudo a perder. Então, não resta ao Senhor outra alternativa senão ejetar de sua boca o ajuncamenro de gente que deixou de ser igreja.

O próprio Jesus dá-nos uma mostra de como vomita dc sua boca os que apostatam da santíssima fé. Ele simplesmente lhes diz: “Apartai-vos de mim, malditos, para o fogo eterno, preparado para o diabo e seus anjos” (Mt 25.41). Palavras duras e implacáveis? Mais duras e implacáveis foram as palavras que Laodiceia pronunciou contra o Senhor.

VI. A PROSPERIDADE ENGANOSA E FATAL

... pois di,zes: Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma, e nem sabes que tu

és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu. (Ap 3,17, ARA)

Quando Paulo escreveu a sua carta aos colossenses, a igreja em Laodiceia reunia-se na casa da irmã Ninfa, a quem o apóstolo envia consoladoras saudações: “Saudai os irmãos de Laodiceia, e Ninfa, e à igreja que ela hospeda em sua casa’ (Cl 4.15). Tratava-se de uma congregação humilde e, que em tudo, dependia da suficiência divina. Aliás, nem chegava a ser uma congregação. No meu tempo de criança, a essas residências, geralmente localizadas nas periferias, dava-se o nome de ponto de pregação, Aí, reunia-se um punhadinho de crentes que, comprometidos com o Reino de Deus, ia crescendo até fazer-se congregação e, mais tarde, até uma catedral. Acredito que o mesmo acontecera em Laodiceia. Infelizmence, bastaram-lhe três décadas para que cia viesse a esquecer-se de suas origens, e cair numa soberba crônica e fatal.

1, De igreja dc Deus a igreja do povo. Laodiceia, agora, não se lembra mais da igrejinha que se reunia na casa da irmã Ninfa, onde, cerra noite, o seu pastor leu, em voz alta, a carta que lhe enviou Paulo. E, em seguida, pôs-se a fazer a locução da carta que o apóstolo havia endereçado a Colossos, mas que recomendara fosse conhecida também pelos laodicenses.

Agora, Laodiceia faz jus ao seu nome que, cm grego, significa, *direitos do povo.* Noutras circunstâncias, esse pequeno detalhe até passaria despercebido, ou ser-Ihc-ia aplicado doutra maneira. Mas, neste momento, vem bem a calhar. Agora, Laodiceia só pensa em seus direitos. Ela não busca mais o Reino de Deus e a sua justiça em primeiro lugar, porque procura impor o seu império em todos os lugares. Quanto aos interesses universais do Evangelho, mostra-se indiferente, porque os seus interesses locais, agora, fazem-lhe muita diferença.

Em menos dc três décadas, Laodiceia deixou de ser igreja de Deus para coisificar-se como igreja do povo. Ela, agora, reivindica, determina e positiva suas ambições. Orgulha-lhe do ouro que não cem e da prata que não possui. Se a linguagem não fosse tão pesada, diria que essa igreja foi contaminada pela mesma doença que levou o mais alto dos anjos a mais baixa ruína.

2- A síndrome dc **Lúcifer.** Laodiceia começou a amornar-se quando o seu anjo pôs-se a esvaziar-se do fervor espiritual. Afinal, a igreja é o reflexo dc seu pastor, fie o púlpito é quente, a congregação será calorosa. Mas se é morno, não demora muito para que o fogo do altar se apague. O que percebo, ao ler a carta que Jesus enviou a Laodiceia, é que o orgulho que lhe adoentou o pastor deixou-a espiritual e moralmente enferma. Toda aquela igreja deixou-se contaminar pela síndrome do pecado que causou a queda do ungido querubim.

O mestre Houaiss define a síndrome como um conjunto de sinais e sintomas observáveis em vários processos patológicos. De acordo com essa definição, os mesmos sinais que levaram Lúcifer à ruína são facilmente detectados em Laodiceia: orgulho, apostasia, e descrença na suficiência e no poder divino.

Em sua insuficiência, o pastorzinho Davi salmodiou a Deus: [u]O Senhor é o meu pastor, nada me faltará" (SI 23.1). O pastor de Laodiceia, contudo, em sua autossuficiência e, apascentando-se a si mesmo, blasfema do Filho de Jeová: "Estou rico e abastado e não preciso de coisa alguma" (Ap 3.17). Somente alguém atingido pela síndrome de Lúcifer ousaria pronunciar tais palavras. Ele, porém, não sabia quáo miserável era.

3» A felicidade infeliz. O pastor de Laodiceia tornara-se uma figura grotesca. Pelo menos, foi assim que Jesus o descreveu: “E nem sabes que tu és infeliz, sim, miserável, pobre, cego e nu” (Ap 3.17)-Não sei qual seria a minha reação se encontrasse um homem nessas condições pelas ruas de minha cidade. Minha primeira reação seria de compaixão. Afinal, ali estava um homem que, além dc cego e paupérrimo, achava-se descoberto e nu. Quem não se condoeria de uma pessoa nessas condições?

Mas se esse mesmo homem, apesar de seu miserável estado, presumir-se rei e, não obstante a sua necessidade, desdenhar da ajuda que se lhe oferecem os circunstantes, que juízo farei dele agora? Tal cra a situação do pastor de Laodiceia e da igreja que ele pastoreava. A prata e o ouro fizeram dele uma figura grotesca diante de Deus. Não podia haver infelicidade tão infeliz como a sua.

expunha-a diante dos céus e perante a terra. Nisso muito se parecia com a Virgem Filha de Sião que, ao apostatar-se dc Jeová, expôs-se vergonho-samente diante de todas as nações (Ez 16.36).

Laodiceia, agora, não c mais reconhecida como feitura de Deus, porquanto se descobrira das obras divinas. Todavia, é-dhe oferecida uma segunda oportunidade de agasalhar-se com as vestiduras brancas de justiça que lhe oferece o Senhor. E, assim, poderá ser reconhecida novamente por sua postura santa e piedosa, como declara o apóstolo: “Pois somos feitura dele, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus de antemão preparou para que andássemos nelas” (Ef 2.10, ARA).

Nessa passagem, a palavra “feitura” é a tradução do vocábulo grego *poiema*. Isso significa que a igreja que vive a Palavra dc Deus e a pratica é um poema que o Senhor Jesus escreveu com o próprio sangue. Só não vê quem já perdeu a visão espiritual.

3. Colírio para uma igreja sem visão. A cidade de Laodiceia era afamada por suas escolas de medicina e hospitais, cuja principal especialidade era a oftalmologia. Gente de toda a Ásia Menor e de outras regiões procu-ravam-na em busca de cura para as mais diversas enfermidades dos olhos. Os colírios que essas instituições produziam eram muito eficientes.

lendo como plano de fundo a evolução médica de Laodiceia, prescreve Jesus à

sua igreja um colírio, para que ela passe a contemplar, nova-mente, a glória de Deus: “Aconselho-ce que dc mim compres colírio para ungires os olhos, a fim de que vejas” (Ap 3.18, ARA). Isso porque ela já havia perdido a visão do Reino de Deus, tomada que fora pela contemplação de seu império.

Laodiceia já não enxergava os campos brancos para a ceifa. A semelhança de Geazi, não conseguia ver a suficiência divina na insuficiência humana. E, já não vendo distintamente como aquele cego que Jesus curara de cegueira, ainda confundia homens com árvores. Mas, agora, que já trocou a missiologia pela ecologia, vê as árvores como homens, porque é capaz dc chorar por utna planta que cai, mas já não tem sensibilidade de verter uma lágrima por uma alma que se precipita no inferno. Por isso, é urgente que unja os olhos com o colírio que lhe prescreveu o Senhor Jesus. Que os seus olhos vejam missiologicamente e, que, escatologicamente, ergam-se para contemplar a vinda de Jesus.

VIII. A DISCIPLINA AMOROSA

Fu repreendo e disciplino a quantos amo. Sê, pois, zeloso

e arrepende-te. (Ap 3.19. ARA)

Laodiceia não é um caso perdido. Afinal, também fora escolhida como uma das destinatárias do Apocalipse. Jesus a ama. Sim, de tal maneira Ele a ama que a submete a uma doloxida, mas amorosa disciplina. O Senhor poderia tê-la ignorado como ela o ignorou. Ou mostrar-se-lhe indiferente, porque ela com indiferença o tratara. No entanto, Ele vence-lhe o desamor com o amor que o seu Espírito, localmente, universaliza sobre toda a sua Igreja.

Jesus, embora do lado de fora da porta, à semelhança do Esposo de Cantares, insta para que a sua amada receba-o em sua recâmara: “Abre-me, minha irmã, querida minha, pomba minha, imaculada minha, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, os meus cabelos, das gotas da noite” (Ct 5.2, ARA).

IX. QUANDO JESUS PICA DO LADO DE FORA

Eis que estou à porta e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em.

sua casa e cearei com ele, e ele, comigo. (Ap 3.20, ARA)

Jesus é um perfeito cavalheiro. Ele não arromba portas nem aparece onde não é convidado. Lembra-se das bodas de Caná? Diz João que o Mesrre compareceu àquele casamento, porquanto fora convidado pelo noivo. Acho que Ele aprendeu boas maneiras com José, seu pai terreno.

Agora, encontramos Jesus do lado de fora da igreja em Laodiceia. Ele está à porta e bate. Se alguém abrir-lhe a porca (eu espeto que seja o seu pastor), Jesus nela entrará e haverá de multiplicar o pão e o vinho, a fim de que todos experimentem um verdadeiro avivamento. E todos se alegrarão como em Caná; o último vinho será melhor do que o primeiro.

O Filho quer partilhar tudo o que recebeu do Pai com a indiferente Laodiceia, inclusive o seu trono.

Conclusão

Ao vencedor, dar-lhe-ei sentar-se comigo no meu trono, assim como também eu vencí e me sentei com meu Pai no seu trono. Quem tem ouvidos, ouça o que o

Espirito diz às igrejas. (Ap 3.21, ARA)

Inexplicavelmente, a nenhuma das sete igrejas Jesus promete compartilhar o seu trono, a não ser para a indiferente Laodiceia. À con-fessante Esmirna, aliás, promete Ele a vida eterna, mas precedida pelo martírio no tempo. Mas por que essa deferência? lálvez, porque desejasse arrancá-la daquela letargia pecaminosa e fatal. Terá ela ouvido a voz do Espírito Santo?

A síndrome de Laodiceia parece replicar-se em boa parte da cristan-dade ocidental.

O luxo desce mundo, embora efêmero, acabou por amornar a mensagem eterna em muitas igrejas que, para manter seus membros, criaram um céu alternativo. E, nesse céu, quem manda é o cliente que, via de regra, exige um paraíso sem compromissos espirituais e sem exigências éticas. Um céu que mais parece os jardins da antiga Pérsia, nos quais a moral e os bons costumes eram apenas um detalhe desprezível. Um céu, aliás, comandado pelas regras de um capitalismo selvagem e injusto, onde os ricos são bajulados, apesar de suas iniquidades, e onde os pobres, não obstante sua comprovada piedade, são desprezados. Por causa disso, Laodiceia havia se tornado intragável.

No encanto, o Senhor Jesus, através do Espírito Santo, quer avivar as igrejas que se deixaram amornar pelos cuidados deste mundo. Busquemos, pois, o refrígério de um avivamento.



ADEYEMO, Tokunboh, editor. *Comentário Bíblico Africano.* 1. ed. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

ANDRADE, Claudionor de. *Dicionário de Profecia Bíblica.* 25- ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2010.

_. *Dicionário Teológico.* Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

__. *Bíblia de Estudo Palavras-Chave* — Hebraico-Grego. 1. ed. Rio de Janeiro:

CPAD, 2010.

DLUE LETTER BIBLE. www.bluelettetbible.org

BORTOLINI, José. *Como Ler o Apocalipse.* 8. ed. São Paulo: Paulus, 2008.

BOYER, Orlando, *Espada Cortante*. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

COHEN, Armando Chaves. *Estudos sobre o Apocalipse.* 6. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1987.

DARBY, John, *Synopsis ofthe Bible.* www.ewordtoday.com.

GILBERTO, Antonio. *Daniel e Apocalipse.* Rio de Janeiro: CPAD, 1984.

GILL, John. *Exposition ofthe Bible.* www.ewordtoday.com.

HERBERT Lockyer, Sr., *Apocalipse: o Drama dos* Séculos. São Paulo: Edirora Vida, 1982.

HORTON, Stanley M. *A Vitoria Final.* Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

JOHNSON, B. W. *Bible Commentary.* www.ewordtoday.com

LADD, George, *Apocalipse, Introdução e Comentário.* São Paulo: Mundo Cristão, 1980.

LAHAYE, fim. *Enciclopédia Popular de Profecia Bíblica.* 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.

L.AWSON, Steven J., *As Sete Igrejas do Apocalipse.* Rio de Janeiro: CPAD, 2004.

LOPES, Hemandes Dias. *Apocalipse, o Futuro Chegou.* 1. ed. Sáo Paulo: Hagnos, 2011**.**

MACDONALD, W1LL1AM. 1. ed. Sáo Paulo: Mundo Cristão, 2010.

MAZZAROLO, Isidoro. *O Apocalipse.* 3. ed. Petrópolis: Livraria e Papelaria Plink, 2010.

MCGEE, J. Vernon. *Notes and Outlines.* www.ewordroday.com

MEYER, E B. *Comentário Bíblico.* 2. ed. Venda Nova, MG: Editora Berânia, 2002.

M1LLOS, Samuel Pérez Millos, *Apocalipsis.* Barcelona, Espanha: Editorial Clie, 2010.

PFEIFFER, Charles F., *Comentário Bíblico Moody.* São Paulo: Imprensa Batista Regular, 1998.

PR1GENT, Picrre. *O Apocalipse.* 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

SILVA. Severino Pedro da. *Apocalipse, versículo por versículo.* Rio de Janeiro: CPAD, 2003.

SPENCE, H. D. M. ed. *lhe Pulpit Commentary.* Grand Rapids, Michigan: \VM. B. Ecrdmans Publishing Company, 1962.

STAMPS, Donald, editor. *Bíblia de Estudo Pentecostal.* 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 1996.

STERN. David 11. *Comentário Judaico do Novo Testamento.* 1. cd. Beio Horizonte, MG: Editora Atos, 2008.

VIGOUROUX, F., editor. *La Saint Bible Polyglottc.* 1. ed. Paris, França: R. Roger Et F. Chcrnoviz, 1909.

VINE, W. E., *Dicionário Vinc.* i.ed. Rio de Janeiro: CPAD. 2003.

WARREN, W. Wiersbe. *Comentário Bíblico Expositivo.* 1 ed. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2007.

WESLEY, John. *Notes on the Bible.* www.ewordroday.com

Table of Contents

Claudionor de Andrade
Introdução
I. ÉFESO, A GUARDIÃ DA DEUSA DIANA
II. PRIVILÉGIOS HISTÓRICOS E TEOLÓGICOS DA IGREJA EM ÉFESO
III. PASTOR; O ANJO QUE É HOMEM
V. UM CURRÍCULO DE EXCELÊNCIA
VI. O PRIMEIRO AMOR PASSOU E FOI ESQUECIDO
VII. QUANDO O CANDELABRO É REMOVIDO
VIII. A DOUTRINA DOS NICOLAÍTAS
XX. O ACESSO À ÁRVORE DA VIDA
I. A IGREJA EM ESMIRNA
II. A APRESENTAÇÃO DO MISSIVISTA
III. A POBREZA E A TRIBULAÇÃO DE ESMIRNA
IV. A TRIBÜLAÇÃO QUE ESTÁ POR VIR
V. IGREJA CONFESSANTE É COROADA
VI. OS DANOS DA SEGUNDA MORTE
Conclusão
Introdução
I. A CIDADE DE PÉRGAMO
II. A IDENTIFICAÇÃO DO MISSIVISTA
III. O TRONO DE SATANÁS
IV. AS VIRTUDES DO ANJO DE PÉRGAMO
V. ANTIPAS, UM HOMEM CONTRA TODOS
VI. A HERESIA DE PÉRGAMO
VII. QUANDO JESUS PELEJA CONTRA A IGREJA
VIII. PROMESSAS AOS VENCEDORES
Conclusão
Introdução
I. TIATIRA, A CIDADE DO COMERCIO
III. AS VIRTUDES DO PASTOR EM TI ATIRA

IV. A TOLERÂNCIA PECAMINOSA
V. QUANDO O TEMPO I>E DEUS É IGNORADO
VIII. AS PROFUNDEZAS DE SATANÁS
IX* CONSERVANDO A FÉ EM TEMPOS AB OMINÁVEIS
Conclusão
Introdução
I. A IGREJA EM SARDES
II. A APRESENTAÇÃO DE JESUS
III. SARDES, UM CADÁVER BEM PRODUZIDO
IV. CRENTES EM ESTADO TERMINAL
V. LEMBRANÇAS ESPIRITUAIS
VI. O REMANESCENTE FIEL
VII. O LIVRO DÁ VIDA PARA. UMA IGREJA MORTA
Conclusão
Introdução
I. FILADÉLFIA, A CIDADE DO AMOR FRATERNAL
III* NO REINO PE DEUS; NÂO HÁ PORTAS FECHADAS
IV, A SINAGOGA T>E SATANÁS
V. A HORA DA PROVAÇAO
VI, A COROA OA VID A
VII. A CFFF.BRIDADE DE FILADÉLFIA NO TEMPLO DE DEtJS
Conclusão
Introdução
I< LAODICEIA^ UMA CIDADE SOBERBA
II. UMA IGREJA CERCADA POR LAODICEIA
III. A TESTEMUNHA FIEE CONTRA UMA IGREJA INFIEL
IV* AS OBRAS DE UMA IGREJA MORNA
V. QUANDO UMA IGREJA SE TORNA INTRAGÁVEL
VI. A PROSPERIDADE ENGANOSA E FATAL
VIII. A DISCIPLINA AMOROSA

IX. QUANDO JESUS PICA DO LADO DE FORA

Conclusão
142